



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**AS CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE
LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA
ALFABETIZADORA DO MEIO RURAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Cinthia Cardona de Ávila

Santa Maria, RS, Brasil.

2012

**AS CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E
ESCRITA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DO
MEIO RURAL**

Cinthia Cardona de Ávila

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes

Santa Maria, RS, Brasil.

2012

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**AS CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA
DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DO MEIO RURAL**

elaborada por
Cinthia Cardona de Ávila

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Helenise Sangoi Antunes, Prof^a. Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Elizeu Clementino de Souza, Prof. Dr. (UNEB)

Valdo Barcelos de Lima, Prof. Phd. (UFSM)

Santa Maria, 02 de março de 2012.

À minha mãe Nilfa Cardona de Ávila (*in memoriam*)- ao meu pai Moacir Cardoso de Ávila, que são a minha fonte de energia e meus amigos fieis.

Agradecimentos

Deus - O princípio, o meio e o fim. Obrigada pela força que existe em mim e pela oportunidade de estar aqui.

Mãe - Palavra forte, que ao ser mencionada, enche meu coração de angústia. Meu primeiro agradecimento não poderia ser para outra pessoa a não ser para ela. Saudade imensa, que não cabe no peito e escorre pelos olhos sempre quando lembranças vêm à mente. Meu agradecimento pelos seus ensinamentos, pelo seu exemplo, que fez tornar-me a pessoa no qual sou hoje.

Pai - Meu amigo e companheiro, sempre me incentivando a prosseguir na caminhada rumo à qualificação como ser humano e cidadão no mundo. Obrigada pelo seu incentivo, pela força sempre dada nos momentos de angústia.

Patrick - A pessoa que escolhi para estar ao meu lado pelo resto da minha vida. Obrigada pelo carinho sempre demonstrado, pelo amor sempre sentido, pela compreensão nos momentos apertados.

Helenise - Além de orientadora, uma mãe-amiga que abriga seus filhos e desperta em cada um a esperança no mundo que está diante de nossos olhos. Obrigada pelos seus ensinamentos grandiosos, significativos, pelos puxões de orelha (quando eram necessários), pela mão sempre estendida.

Thais - Pela sua companhia nesses anos todos, pelas conversas com assuntos angustiantes, pelas confissões que jamais faria a outra pessoa, pela sua sempre AMIZADE, pela sua PRESENÇA confortante e por me ensinar a ser um ser humano melhor.

Lucila - Pelas gostosas gargalhadas dadas juntas e que jamais serão esquecidas, pela escuta sempre atenciosa.

Denise - Pela sua amizade, paciência e dedicação por corrigir esse trabalho.

Amigos do GEPFICA - Grupo que me acolheu logo no início da minha caminhada como acadêmica, que sustentou todos meus estudos, que acima de tudo, criaram laços que jamais serão esquecidos e cortados. Muito obrigada pelos estudos, conhecimentos, conversas compartilhadas.

À Escola José Paim de Oliveira - Obrigada pela recepção sempre calorosa, pelas oportunidades concedidas, pelos momentos vivenciados. Sou muito grata!

À professora Vânia - Obrigada pela sua História de Vida, pelas longas horas de conversa, pela sua disponibilidade, pelo seu carinho e atenção.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem,
ou sua religião.
Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar,
podem ser ensinadas a amar,
pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto.
A bondade humana é uma chama que pode ser oculta,
jamais extinta.”

Nelson Mandela

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

AS CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DO MEIO RURAL

AUTORA: CINTHIA CARDONA DE ÁVILA
ORIENTADORA: HELENISE SANGOI ANTUNES
Santa Maria, 02 de março de 2012.

Este trabalho apresenta os resultados alcançados na pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - PPGE/UFSM, vinculado à Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional. Através dessa pesquisa, foi possível perceber as concepções que norteiam a prática alfabetizadora de uma professora atuante em uma escola rural do município de Santa Maria/RS. Para a escritura desse trabalho, foi necessário utilizar referências que pudessem embasar as informações coletadas ao longo da pesquisa nos campos da História de Vida, Alfabetização, História da Educação, Prática Educativa. Para tanto, destacaram-se: Minayo (2010), Gatti; André (2010), Macedo (2006), Souza (2006), Antunes (2004, 2005, 2011, 2011a), Freire (1977, 1996), Freire; Macedo (2011), Soares (2010). A metodologia que embasou essa investigação foi a abordagem qualitativa, utilizando o método História de Vida. Para a coleta das informações foram utilizados o Relato Autobiográfico Escrito, Encontros de Aproximação, Entrevista Semi-estruturada, Registro em Diário de Campo. As concepções da alfabetizadora foram sendo construídas ao longo de sua carreira docente, nos trabalhos em grupo realizados pelas professoras rurais, na experiência em classes multisseriadas que a participante dessa pesquisa atuou em seu início de carreira. Nesse sentido, foi ao longo das suas vivências dentro da escola e do meio rural que a professora concebeu a atual concepção que tem hoje sobre o processo de leitura e escrita. Ao longo dos encontros ocorridos no período de coleta de informações, foi perceptível o envolvimento e o engajamento da professora com a escola e com o meio rural, espaços que fazem parte de sua vida pessoal e profissional há 27 anos. Com isso, no desenrolar da pesquisa, notou-se a sua prática libertadora, afetiva, amorosa, bases que norteiam a teoria do educador Paulo Freire (1996).

Palavras-chave: Processos de leitura e escrita. Ensino rural. História de vida.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

CONCEPTIONS ABOUT THE PROCESS OF READING AND WRITING OF A LITERACY TEACHER IN RURAL AREAS

AUTORA: CINTHIA CARDONA DE ÁVILA
ORIENTADORA: HELENISE SANGOI ANTUNES

Santa Maria, 02 de março de 2012.

This paper presents the results obtained from research developed in Programa de Pós-Graduação em Educação of Universidade Federal de Santa Maria - PPGE/UFSM, linked to Line of research 1 - Training, Knowledge and Professional Development. Through this research, it was possible to realize the ideas that guide the practice of a literacy teacher active in a rural school in Santa Maria/RS. For the writing of this work was necessary to use references that could buttress information gathered during the research in the fields of Life History, Literacy, History of Education, Educational Practice. To this end, stood out: Minayo (2010), Gatti; André (2010), Macedo (2006), Souza (2006), Antunes (2004, 2005, 2011, 2011a), Freire (1977, 1996), Freire; Macedo (2011), Soares (2010). The methodology that bases this research was a qualitative approach, using the Life History. For the collection of information were used to report Autobiographical Writing, Meetings Approach, Semi-Structured Interview, Journaling Field. The conceptions of literacy have been built throughout his teaching career, the group work undertaken by rural teachers in multigrade classes that experience in the participant of this research appeared in his early career. Thus, it was throughout their experiences within the school and the countryside that the teacher has designed the current design that we have today about the process of reading and writing. Throughout the meetings occurred during the period of data collection, there was a noticeable involvement and engagement of the teacher with the school and the rural areas, spaces that are part of their personal and professional life for 27 years. With that, during the research, it was noted the practice of liberation, emotional, loving, guiding the theory base of educator Paulo Freire (1996).

Keywords: Reading and writing processes. Rural education. Life history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Desfile em companhia da minha prima.....	20
Figura 2 – Formatura Pré-escola.....	20
Figura 3 – Formatura do 2º grau.....	22
Figura 4 – Folder I Curso de Formação para profissionais da Educação: A Escola que Protege.....	26
Figura 5 – Folder II Curso de Formação para profissionais da Educação: A Escola que Protege.....	26
Figura 6 – Bolsistas e parceiras - Cinthia, Thaís e Fabiana.....	27
Figura 7 – Formatura 3º grau - Faculdade Educação Especial.....	28
Figura 8 – Desenho feito pela professora Vânia que, conforme ela, ilustra sua caminhada como professora alfabetizadora.	39
Figura 9 – Caderno utilizado pela professora Vânia para escrever seu relato autobiográfico. Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia.....	43
Figura 10 – Capas dos trabalhos realizados sobre o distrito de São Valentim/RS.....	50
Figura 11 – Frente Escola José Paim de Oliveira.....	51
Figura 12 - Placa presente na beira da RS 158 informando presença de escola.	52
Figura 13 – Alunos na aula de Técnicas Agrícolas (lida com a horta).....	53
Figura 14 – Alunos na aula de Técnicas Agrícolas (lida com a horta).....	53
Figura 15 – Painel construído pelos alunos e professores do trajeto que o transporte realiza até a chegada na escola.	54
Figura 16 – Estrada utilizada pelos carreteiros. Atualmente permite aos moradores de São Valentim o tráfego no distrito.	59
Figura 17 – Foto de uma carreta.	59
Figura 18 – Capela do distrito.	60
Figura 19 – Comemoração do Dia das Crianças (fila para desfile das meninas arrumadas) Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia.....	61
Figura 20 – Visita dos alunos da Escola José Paim de Oliveira a biblioteca pública.....	61
Figura 21 – Capa da Cartilha João-de-Barro.	75
Figura 22 – Momentos de professora Vânia com seus alunos da escola João Codem.....	94
Figura 23 – Vânia cozinhando na Festa da Carreteada.....	97

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Autorização para uso do verdadeiro nome	112
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	113
Anexo C – Carta de Comprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria	115
Anexo D – Relato Autobiográfico.....	116
Anexo E – Entrevista Semi-estruturada.....	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS TRILHADOS E O NASCIMENTO DE UMA INVESTIGAÇÃO.....	17
1.1 Um pouquinho sobre a pesquisadora	17
1.2 O nascimento dessa investigação.....	29
CAPÍTULO 2 - O OLHAR DO PESQUISADOR: ESTRADAS PERCORRIDAS	33
2.1 Metodologia empregada.....	33
2.2 O método História de Vida e os instrumentos para a coleta de informações.....	35
2.3 Apresentando a colaboradora da pesquisa: Quem nos fala?	44
2.4 Lugar de fala	48
2.4.1 O Distrito de São Valentim: uma história contada.....	48
2.4.2 A Escola José Paim de Oliveira: um espaço de convivência	51
2.5 O rural estudado e o pesquisado: relações a partir das vivências no meio rural e olhares sobre um contexto	55
2.5.1 Vivências compartilhadas no meio rural.....	57
CAPÍTULO 3 - AS CONCEPÇÕES DA PROFESSORA SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA	63
3.1 Memórias de uma professora alfabetizadora: influências na prática pedagógica	63
3.2 As influências de um contexto na prática alfabetizadora	67
3.3 Ser professora: caminhos percorridos na profissão	72
3.4 Significados atribuídos pela professora Vânia ao processo de leitura e escrita: anos de experiências, concepções encaminhadas.....	77

CAPITULO 4 - APRENDER A SER PROFESSOR: EXERCÍCIO QUE SE APERFEIÇO A COM O TEMPO	83
CAPÍTULO 5- EDUCADOR E ENSINO RURAL: UMA RELAÇÃO DE AFETO	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

As pesquisas em educação, realizadas nas instituições de ensino superior, têm sido valorizadas pelas suas significativas contribuições nos espaços escolares e para a formação inicial e continuada de professores. Essas contribuições referem-se às possibilidades oferecidas aos professores de serem ouvidos (e se ouvirem) sobre os processos vivenciados por eles ao longo das suas trajetórias profissionais e pessoais, de maneira a permitir reflexões sobre suas práticas e, não só delas, mas também sobre as teorias utilizadas para o embasamento dessa prática. Destaco aqui, o projeto de pesquisa realizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, continuada e alfabetização (GEPFICA), orientado e coordenado pela Prof^a Dr^a Helenise Sangoi Antunes, “Narrativas e Memórias de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas rurais do município de Santa Maria”.¹

Posso destacar também as contribuições dos trabalhos de Oliveira (1997), Feller (2008) e Farias (2010), no que se refere à história de vida de professores em exercício. Essas pesquisas trazem saberes e conhecimentos relacionados à prática desses professores, bem como contribuem significativamente para a História da Educação.

Ao pesquisar histórias de vida de professores em exercício há uma contribuição para a universidade e para a formação dos professores participantes. Para o pesquisado, as reflexões e reavaliações sobre suas práticas, conhecimentos, reafirmam a necessidade da formação continuada que ele deve estar envolvido, possibilitando a formação de um profissional crítico e, conforme afirma Leite et al (2008, p. 32), “a reflexão crítica pode ser o caminho que permitiria aos docentes a não aceitação de uma visão baseada no senso comum”, realizando sua autoformação para ir além das opiniões que compõem os cenários instituídos e enraizados em nossa realidade.

¹ Este projeto de pesquisa surgiu a partir de parcerias institucionais celebradas através de um convênio do GEPFICA- Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização, sob a coordenação da Profa Dra Helenise Sangoi Antunes com o CEALE/FAE/UFMG. Nesse sentido, sentiu-se a necessidade de conhecer quem são, qual a formação acadêmica que as professoras alfabetizadoras do município de Santa Maria/RS, possuem e qual o método de alfabetização utilizado por elas. Nesse sentido, essa pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, que se utiliza como instrumentos de coleta de informações as entrevistas semi-estruturadas e os registros em diário e campo com as alfabetizadoras do referido município. (Fonte: Currículo Lattes de Helenise Sangoi Antunes. Disponível em: < <http://lattes.cnpq.br/6804330341401151>>. Acesso em 4 de jan. de 2012)

Pesquisar envolve curiosidade, busca incessante, dúvidas com relação a um tema e jamais certezas pré-estabelecidas. Esse objetivo move o pesquisador no intuito de dar vazão as suas dúvidas e incertezas. Essa investigação² buscou encontrar respostas para o seguinte problema de pesquisa: Quais as concepções sobre o processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora da zona rural? Essa questão foi o foco durante todo o desenvolvimento dessa pesquisa de mestrado que teve a duração de 2 (dois) anos na Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

Esse período foi marcado pela busca de referenciais e informações a respeito das temáticas: alfabetização, meio rural, história de vida e formação de professores com o objetivo de elencar contribuições para a pesquisa em desenvolvimento. Ressalto aqui que essa temática está presente em minha vida acadêmica desde a iniciação científica em 2007, quando ingresso para o GEPFICA, que desde 2004 desenvolve suas pesquisas direcionadas às temáticas descritas anteriormente. Portanto, o nascimento e o desenvolvimento dessa investigação foram marcados pela necessidade sentida por mim em pesquisar nesse campo. Campo que me deixou vislumbrada pela grande necessidade que acredito existir em pesquisar sobre alfabetização no meio rural.

Para responder o problema de pesquisa proposto convidei a Professora Vânia Fontoura Rocha³ a participar como colaboradora dessa pesquisa por acreditar que sua história de vida traz contribuições para a educação. Sua história dentro do meio rural e da escola que está inserida nesse meio foram determinantes para desenvolver uma pesquisa que se utiliza do método História de Vida para o seu desenvolvimento.

Passo então a apresentar o que foi abordado nos capítulos que compõe essa dissertação: No Capítulo 1- “Os caminhos trilhados e o nascimento de uma investigação” trago um pouco da minha História de Vida, buscando fazer um elo com as escolhas realizadas por mim durante a minha vida acadêmica. Nesse mesmo capítulo, abordo como surge essa pesquisa de mestrado, bem como seu problema e seus objetivos.

Durante o Capítulo 2- “O olhar do pesquisador: estradas percorridas”, apresento a Metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa, a colaboradora e o seu lugar de

² A formatação desse trabalho esta de acordo com a MDT- Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses da Universidade Federal de Santa Maria do ano de 2010.

³ Vânia autorizou o uso de seu completo e verdadeiro nome nesse trabalho de dissertação. Consta em anexo a esse trabalho, sua autorização por escrito e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela mesma. Além disso, este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, tendo como Certificado de Apresentação para Apreciação Ética o número 0337.0.0.243.000-10, conforme carta de aprovação em anexo.

ocupação. Além disso, nesse capítulo houve a necessidade de apresentar um pouco sobre a questão dos debates sobre ruralidade, buscando um elo com as vivências que tive com essa localidade.

O Capítulo 3- “As concepções da professora sobre o processo de leitura e escrita”, que se subdivide em 4 (quatro) sub-capítulos denominados: “Memórias de uma professora alfabetizadora: influências na prática pedagógica”, “As influências de um contexto na prática alfabetizadora”, “Ser professora: caminhos percorridos na profissão”, “Significados atribuídos pela professora Vânia ao processo de leitura e escrita: anos de experiências, concepções encaminhadas”. Nesses sub-capítulos, trago os caminhos percorridos pela professora Vânia na sua trajetória como alfabetizadora, a fim de compartilhar sua concepção sobre o processo de leitura e escrita.

No Capítulo 4- “Aprender a ser professor: exercício que se aperfeiçoa com o tempo” busco apresentar as práticas pedagógicas alfabetizadoras de Vânia, bem como a maneira que foram construídas com o passar dos anos de magistério. Através do Capítulo 5- “Educador e ensino rural: uma relação de afeto”, conduzo o leitor a conhecer a história de formação do distrito de São Valentim/RS, bem como a relação que a colaboradora dessa pesquisa assume com essa localidade.

Partindo das idéias acima mencionadas, convido o leitor a adentrar nestes cenários que foram sendo construídos levando em consideração a história de vida e os saberes elaborados e refletidos por esta educadora, com muito respeito e admiração pela mesma.

CAPÍTULO 1 - OS CAMINHOS TRILHADOS E O NASCIMENTO DE UMA INVESTIGAÇÃO

1.1 Um pouquinho sobre a pesquisadora

Direciono a minha atenção aqui, a lembrar e, posteriormente, narrar um pouquinho sobre a minha história de vida. Essa que, muitas vezes, foi apagada de minha memória, como quando escrevemos com um lápis e apagamos com uma borracha. Prefiro acreditar que, para tudo que acontece em nossas vidas há um objetivo, e, portanto, haverá alguma razão para que alguns momentos tenham sido esquecidos, ou então, escondidos em minha memória.

Minha caminhada no campo da educação começa no ano de 1992 e, delimito esse ano pelo início na vida estudantil no âmbito da educação, com a minha inserção na minha primeira escola, primeira de muitas que ainda viriam pela frente. Essa caminhada, rica em alegrias e tristezas, delimita o ponto de chegada. Nossas decisões são tomadas a partir de nossas vivências com os outros seres e chegamos nesse espaço se nos é permitido.

As lembranças dessa caminhada estão vivas na minha memória como se cada fato ocorrido desde esse ano estivesse sendo vivido agora, nesse momento. “A lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994, p. 53). Concordo com a autora, pois são as lembranças que nos proporcionam a volta ao passado, com nosso olhar atual, percebendo quão significativas elas foram para ser quem somos atualmente. Esse passado justifica o presente e, só é possível sobreviver ao passado, em virtude das nossas lembranças. Assim, como já dizia a música “Relembrar é viver, esquecer é morrer” (DIAS, 2010), a possibilidade de lembrar nosso passado nos engrandece, faz-nos sentir as emoções que sentimos no momento passado, os momentos difíceis, alegres, ansiosos, medrosos, carinhosos, amorosos, momentos de decisões e de determinações, recordações visuais, olfativas, sonoras e musicais (ANTUNES, 2011).

É com muito carinho e prazer que recordo e vivo novamente essas lembranças, pois assim percebo o quanto os acontecimentos vividos ao longo dessa caminhada acadêmica influenciaram para eu estar aqui, onde estou, no Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado. Essas recordações, que serão aqui expostas, caracterizam-se como uma

autobiografia da minha vida acadêmica. Para Machado et al (2004, p. 52) “ao escrever uma (auto)biografia estamos também realizando um exercício de reflexão e auto-formação. No momento em que recuperamos elementos da trajetória pessoal e profissional”. Nesse sentido, ressalto a importância que a autobiografia tem assumido para/na formação dos professores, realizando a consciência crítica desses profissionais referente à educação e à prática pedagógica.

Desejo, antes de introduzir a autobiografia da minha vida estudantil, ilustrar como sinto toda essa caminhada através das palavras de Almeida (1999) quando escreve o poema “Viagem para a vida”

Nossa vida é um barco
O mundo um porto
Alguns só zampam se estiverem completamente seguros
Outros se ariscam e
Outros ainda, nem pensam em sair
Quem se arrisca,
Pode se deparar
Com:
Tempestades,
Ventos e Trovões
Mas vai valer à pena,
Esse viverá!
(ALMEIDA, 1999, p.67)

A emoção da autora quando escreveu esse poema ultrapassa as folhas de um livro e habita em mim. Suas palavras tocam quando, através delas, quer transmitir a dificuldade de sair do porto. O porto é a vida tranquila que muitos escolhem para sempre. E outros! Esses escolhem se arriscar para ter uma vida tumultuada pelas tempestades, ventos e trovões, que são as dificuldades que nos são apresentadas para chegar onde se quer.

Ressalto que, no desenvolvimento desta autobiografia, farei uso de algumas fotografias, que registraram alguns dos momentos que serão aqui narrados. O uso de fotos para registrar alguns desses momentos deriva-se por oportunizar a retomada das lembranças vividas em um passado distante com mais vigor, cor, luz e realidade. Conforme Bogdan;Biklen (1994, p. 183), as fotografias “dão-nos fortes dados descritivos, são muitas

vezes utilizadas para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente”, sendo muito utilizadas quando se faz investigações que utilizam a abordagem qualitativa.

Começo a dar meus primeiros passos, na cidade de Rosário do Sul/ RS, cidade com aproximadamente 40 mil habitantes, um pouco distante da realidade educacional que temos em Santa Maria / RS. Nessa cidade, os cursos superiores não são as principais metas daqueles que estudam, talvez por não fazerem parte da realidade desses alunos, apesar de já existirem cursos superiores possibilitados pelo ensino à distância oferecidos em instituições particulares.

Na cidade de Santa Maria/RS os alunos, na maioria, estão na escola para, posteriormente, também, estarem em uma universidade, em um curso superior. Mudei-me com minha mãe e meu pai para essa cidade no ano de 1996, com 7 (sete) anos de idade, pelo fato de a minha mãe ser transferida pela Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT). Lembro desse dia triste, em que teria que deixar para trás minha escolinha e minha melhor amiga, que fazia parte de todos os meus momentos, acordávamos juntas, tomávamos café juntas, almoçávamos juntas e, inclusive, vestíamos-nos iguaiszinhas. Naquela época, já tive que aprender a lidar com o sentimento forte e triste que é a saudade.

Mas, anteriormente à vinda de Rosário do Sul/ RS a Santa Maria/ RS, fiz o Jardim da Infância, em uma escola chamada Leôncio, no ano de 1992. Não tenho muitas recordações sobre essa etapa da minha vida, lembro-me vagamente dos coleguinhas, das festas do dia 7 (sete) de setembro, dos vestidos de prenda utilizados para ir à escola. Nos primeiros dias de aula não queria ficar sozinha, chorava sempre que minha mãe partia e, por isso, no começo, minha tia ficou junto a mim até me acostumar com aquele ambiente, com aquelas pessoas que jamais tinha visto na minha vida. A companhia de minha prima, que também estava estudando na mesma turma que eu, auxiliou-me a desprender os laços que eram tão difíceis de superar.



Figura 1 – Desfile em companhia da minha prima

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Os passos para a escola Nossa Senhora do Rosário, no ano de 1993, iniciaram no pré-escolar. Desde esse ano até 1995 permaneci nessa escola, sendo alfabetizada por professores dessa instituição escolar. Esses passos foram apagados da minha memória, sinto muito em não recordar as minhas professoras, os meus coleguinhas, os recreios e as brincadeiras. Não lembrar como fui alfabetizada, como era meu caderno, nem do cheiro da minha escola são fatos que me entristecem quando penso nessa etapa da minha vida. Pesquiso na área de alfabetização agora, como pesquisadora, e não me lembro como fui alfabetizada. São momentos que foram esquecidos!



Figura 2 – Formatura Pré-escola

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

No ano de 1996 migrei para outra escola denominada Padre Ângelo Bartelle, onde realizei minha 3ª série. Aqui, os passos dados na cidade de Rosário do Sul/RS foram

concluídos. O caminhão para levar a mudança dos móveis da minha casa estava estacionado em frente da minha residência, os homens estavam carregando os móveis para dentro do caminhão, e eu, apesar da pouca idade, sabia que estava indo para não mais voltar.

Senti falta da casa, do pátio que era grande, do meu cachorro que tinha a minha idade, das brincadeiras ao redor da casa. Demorei para me acostumar em Santa Maria/RS, morava em um apartamento, ficava sozinha, pois minha mãe tinha que ir trabalhar, não tinha com quem brincar. Só olhava desenhos e brincava com meus ursos de pelúcia.

Cheguei à escola. Os primeiros passos dados nas escolas de Santa Maria/RS aconteceram a partir da 4ª série, no ano de 1997, e foi nessa cidade que me constitui como estudante, com os pensamentos instaurados nesses espaços escolares.

Estudei a partir da 4ª série no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, que se encontrava bem perto do local onde eu morava. Nessa instituição, fiz muitos amigos e permaneci até a 8ª série, pois a escola oferecia apenas o ensino fundamental. Foi aqui que a tristeza em trocar de cidade foi sendo substituída pelo sentimento de felicidade, pois conheci a cidade e fiz novos amiguinhos. Eu já não era mais sozinha. Alguns amigos que fiz naquela época ainda fazem parte da minha vida e percorreram todo o caminho da minha vida estudantil, bem como fizeram parte de muitos momentos da minha vida particular. Enfim, concluída a etapa do primeiro grau, concluídos os passos cada vez mais largos e avançados, a escola que vivi durante 5 (cinco) anos tinha que ser abandonada, deixada para trás, como aquela em que deixei quando vim embora para Santa Maria/RS. Despedida de um espaço que vivi e tive momentos juntamente com pessoas que faziam parte do meu círculo de convivência. Teria que, mais uma vez, habituar-me a uma nova realidade: nova escola, novos professores, novos amigos. Agora seria mais fácil, pois eu já estava com 13 (treze) anos.

No ano de 2002 foi quando ingressei no Ensino Médio. O meu medo de uma nova escola e dos novos professores foi superado logo no primeiro dia, já que, a maioria daqueles amigos que fiz no outro estabelecimento de ensino, também estavam naquela escola. Na nova escola, com o nome de Escola Estadual de 2º Grau Cilon Rosa, permaneci durante os 3 (três) anos seguintes. Lembro nitidamente desses anos. Eu, no início da minha adolescência, queria ir a muitas festas, passeios com meus amigos. O estudo era o meu último plano. Foi nessa fase que meu pai e minha mãe começaram a “puxar minhas orelhas” para voltar a minha atenção para a escola. Se não fossem eles talvez eu não estivesse onde estou.

No ano de 2004 mais uma etapa se completa em minha vida, os três temidos anos do 2º grau do ensino médio se completam. Digo temidos pelo medo que sentia em cada entrega de prova, de boletim, de conselhos de classe, das orientações, etc. Tudo era enfrentado com

muito medo, já que, em casa, havia uma cobrança muito grande e forte do meu pai pelas notas altas e pela aprovação em todos os anos. Mas aquele ano era o último, enfim o último. Queria entrar para a universidade rapidamente para começar a construir a minha profissão que me daria ânimo e fome de viver.

A minha formatura foi belíssima, e, pelo fato de ser da Comissão de Formatura, recebi até homenagem de meus colegas, texto escrito por uma colega que, mais tarde, eu reencontraria na minha graduação, no tão sonhado curso superior. Lembro até os dias de hoje das palavras usadas pela colega para me caracterizar como pessoa “se não fosse a responsabilidade da Cinthia nada disso estaria acontecendo” (referindo-se à colação de grau). Assim fui, durante toda minha adolescência, sempre mais responsável que a maioria das meninas de minha idade. Não posso deixar de registrar que, essa responsabilidade, só foi possível pela dedicação de meus pais com a minha educação, buscando sempre me instruir da melhor forma, fazendo com que eu visse as grandes belezas da vida e o que realmente era importante nas relações com as pessoas.



Figura 3 – Formatura do 2º grau

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

No ano seguinte, comecei, logo no início do ano, um cursinho preparatório para fazer a prova do vestibular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 2006. Enquanto fazia o curso preparatório, pensava em qual curso escolher para fazer a prova do vestibular. Lembro-me de que quando eu era criança dizia que queria ser médica pediátrica, talvez por muitas vezes ter frequentado os consultórios médicos por uma doença grave que tive quando tinha 5 (cinco) anos de idade. Tenho, até hoje, muitas lembranças desses ambientes e via muitas criancinhas como eu naqueles hospitais e consultórios. Além dessas

lembranças, recorde de muitos momentos em que pegava meus ursinhos de pelúcia, meu quadro negro, meu giz, meu apagador e os livros utilizados por mim na minha escola para brincar de “dar aulas”. Essa brincadeira era de rotina, já que sou filha única e não tinha companheiras para brincar, a minha brincadeira favorita era a de “dar aulas” para os meus ursinhos, que foram meus companheiros nas longas horas que eu ficava sozinha em casa.

Recordo-me que passava muitas horas brincando de ser professora, escrevendo no quadro negro textos e textos que ninguém estava ali para ler. Apenas a ilusão de uma criança que aqueles ursinhos estavam ouvindo e copiando tudo o que estava sendo dito e escrito naquela “aula”.

Sempre gostei muito de Biologia e pensei, por algum momento do curso preparatório que eu estava fazendo, em realizar a prova do vestibular para cursar Ciências Biológicas. Mas, pelo fato de ser muito difícil passar para esse curso, pois o ponto de corte era muito alto, desisti. Não me sentia preparada para a prova, apesar de ter frequentado o curso pré-vestibular durante aquele ano inteiro. Por influência do meu pai e de uma amiga muito especial que fiz no decorrer do curso, resolvi prestar vestibular para Educação Especial-Licenciatura Plena. Essa colega iria prestar vestibular para esse curso também e por conversas que tivemos a respeito dessa profissão resolvi então fazer também. Mal sabia eu de que a minha colega, chamada Thais, estaria presente em muitos outros momentos de minha vida. Prova realizada. Resultado divulgado. Passei! Passei para o curso superior tão esperado pelo meu pai e por mim também. Os passos que até aqui foram dados serviram para a realização de um sonho tão almejado.

No começo do curso (2006) gostei muito das disciplinas que estavam sendo oferecidas, porém uma questão me inquietava: não queria ser professora. Isso porque todo mundo referia-se sobre os baixos salários dos professores e das precárias condições de trabalho que lhe são oferecidas. Essas razões impedem muitos jovens de seguir essa profissão, pela baixa valorização conferida ao professor atualmente. No ano de 2007, conheci a Professora Helenise Sangoi Antunes, amiga, mãe, companheira e atual orientadora de mestrado. Ela me deu força e me fez ter a certeza em apenas uma conversa que ser professora vale a pena. Sua garra, sua força de vontade para mudar tudo e qualquer coisa que esteja errada, seu carinho e seu amor pela profissão eram contagiantes (e me contagiaram!).

Logo que conheci a Prof^a Helenise comecei a participar de um projeto coordenado por ela denominado “Laboratório de alfabetização: repensando a formação de professores”⁴.

Esse projeto foi o primeiro contato que tive com a escola e com crianças, meio e pessoas no qual mais tarde eu iria trabalhar. Foi a partir desse projeto que comecei a ter idéia da amplitude que é ser professora, da responsabilidade e do prazer de estar com essas crianças e de ver em cada encontro suas evoluções.

Além disso, a professora tinha um grupo de pesquisa, denominado Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada de Alfabetização (GEPFICA), do qual me tornei integrante. Esse grupo de pesquisa me possibilitou convivências com outras acadêmicas e professoras que me auxiliaram na minha caminhada profissional com suas visões de mundo, discussões, pesquisas referentes à educação. Foi nesse espaço, construído pelos integrantes do grupo, que comecei a minha formação como professora. Digo comecei, porque foi no GEPFICA que entendi o que significa a profissão professor e as responsabilidades que a mesma acarreta.

Concomitante à participação no projeto “Laboratório de alfabetização: repensando a formação de professores”, consegui uma bolsa estudantil para trabalhar no Laboratório de Informática do Centro de Educação-LINCE, chefiado pelo Everton Bocca. Permaneci nesse setor durante três semestres. Nesse período tive acesso aos conhecimentos da informática, aprendi os cuidados que a população estudantil deve ter com o patrimônio da universidade. Cuidados e aprendizagens que foram aprendidas graças à competência e a profissionalidade do chefe Everton Bocca que sempre buscou passar aos bolsistas que trabalhavam com ele as responsabilidades que temos com a instituição pública. Essas aprendizagens foram e, continuam sendo, importantes na minha participação no GEPFICA, pois permitem a manutenção nos computadores e os devidos cuidados com os equipamentos que o grupo possui.

Na metade do ano de 2008, a Prof^a Helenise fez seleção de bolsistas para ingressar no mundo da pesquisa. Realizei a prova escrita que continha duas perguntas com base no livro de

⁴ Essa pesquisa busca investigar as metodologias de alfabetização utilizadas pelos professores do sistema de ensino, egressos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. A partir desse objetivo o intuito é estabelecer as relações das metodologias adotadas pelos alfabetizadores com a discussão teórica-prática proposta na Licenciatura em Pedagogia da UFSM em relação à alfabetização. O referencial teórico desse projeto baseia-se nos estudos de Soares (1998), Kleiman (1995) e Kramer (2001) entre outros que estão contribuindo para as ações e reflexões propostas por essa pesquisa. Essa pesquisa também oportunizou o convênio interinstitucional GEPFICA/UFSM/CEALE/UFG. (Fonte: Currículo Lattes de Helenise Sangoi Antunes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6804330341401151>>. Acesso em: 4 de jan. de 2012).

Magda Soares (2000) sobre Letramento. Mais uma vez passei e foi assim que comecei a ter ideia do que era o mundo acadêmico e o mundo do pesquisador. Fui bolsista de iniciação científica do projeto “Laboratório de alfabetização: repensando a formação de professores”, oportunidade conquistada por mim junto à orientadora da pesquisa.

Nessa experiência, comecei a escrever trabalhos para congressos e seminários sobre esse projeto, foi quando eu comecei a entrar no mundo produtivo da academia. Entre eles: **“Laboratório de Alfabetização: repensando a formação de professores”**, no IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE realizado no ano de 2009 em Curitiba-Paraná, que influenciou de forma significativa para a construção do meu projeto de pesquisa de mestrado.

A experiência que tive na participação no projeto foi importante para delimitar as minhas curiosidades, os meus interesses, a fim de desenvolver uma pesquisa que fizesse sentido para a minha vida acadêmica e pessoal. Os momentos vivenciados com os alunos na escola onde o projeto desenvolvia-se foram riquíssimos e despertavam-me o desejo de pesquisar na temática alfabetização. Lembro com muito carinho dessa fase da minha vida.

Na mesma época também fazia parte do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Especial (NEPES), por convite da professora Maria Alcione Munhoz, que atendia crianças nascidas prematuras e com riscos em possuírem algum *Déficit* em seu desenvolvimento pelo fato de serem bebês prematuros. Nesse projeto, permaneci durante dois semestres, tendo que sair pelo choque de horário que aconteceu com o estágio curricular obrigatório da graduação. Esse projeto foi de grande importância para a minha formação inicial, já que nele tive o primeiro contato com crianças que possuíam necessidades especiais. Os encontros eram marcados por brincadeiras e atividades de estimulação para evitar possíveis atrasos nos desenvolvimentos dessas crianças.

Logo que ingressei no GEPFICA, o grupo estava organizando um evento chamado “I Curso de Formação de Profissionais da Educação: A Escola que Protege”⁵. Participei da organização desse evento, sendo de suma importância na minha formação inicial. No final de

⁵ O objetivo do programa Escola que Protege é prevenir e romper o ciclo da violência contra crianças e adolescentes no Brasil. Pretende-se, portanto, que os profissionais sejam capacitados para uma atuação qualificada em situações de violência identificadas ou vivenciadas no ambiente escolar. Esse programa é caracterizado como um curso de extensão que possibilita a formação continuada de professores e outros profissionais interessados no combate à violência. Atualmente a SECAD não está mais financiando o programa para as Universidades trocando a sua instituição formadora pela própria escola que adere ao programa através de edital junto ao Ministério da Educação. (Fonte: Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 4 de jan. de 2012.)

2008, concorremos ao Edital Secad/ MEC⁶ Escola que Protege para o ano de 2009 e, novamente, fomos contemplados.



Figura 4 – Folder I Curso de Formação para profissionais da Educação: A Escola que Protege.
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Assim, durante os primeiros meses de 2009 o GEPFICA envolveu-se na organização de mais um evento da Escola que Protege, realizado em setembro e outubro de 2009, totalizando 1500 inscritos.

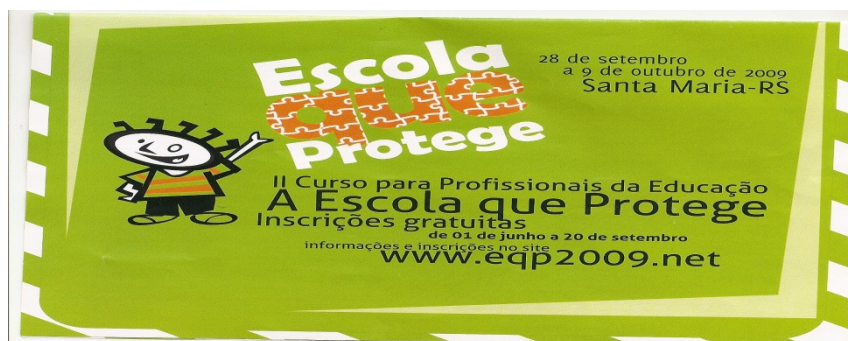


Figura 5 – Folder II Curso de Formação para profissionais da Educação: A Escola que Protege.
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia)

Essa experiência resultou em alguns trabalhos, como: **“Infâncias Invisíveis: repensando a história, as formas de violência infantil e as maneiras para enfrentá-la”**, em parceria com as colegas de grupo Thais e Elinara, sob orientação da Prof. Helenise, apresentado no I Curso de Formação de Profissionais da Educação: A Escola que Protege, em

⁶ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/ Ministério da Educação.

2008; e “**A Formação Inicial de Professores e a Construção dos Sentidos de Proteção à Infância**”, com a minha orientadora, apresentado no VIII Congresso Nacional de Educação da PUCPR - EDUCERE e III Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas – CIAVE, em Curitiba-Paraná, no ano de 2008.

No ano de 2009, o projeto “Laboratório de alfabetização: repensando a formação de professores” não foi contemplado com bolsa e, logo, passei a ser bolsista de outro projeto, também coordenado pela Prof^a Helenise “Narrativas e memórias de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas do campo (rurais) da região de Santa Maria- RS”, juntamente com minhas colegas de grupo e amigas Thais Marchi e Fabiana Bopp. Essa parceria rendeu estudos e conhecimentos compartilhados que nos ajudaram na vida pessoal e profissional de cada uma, auxiliando na nossa formação acadêmica e nos primeiros passos no mundo da pesquisa. Também, não posso deixar de citar, as parceiras e amigas de pesquisas, que, na época, eram orientandas de mestrado da Prof^a Helenise: Graziela Franceschet Farias, Jamily Charão Vargas e Sharlene Marins Costa, na qual contribuíram no começo da minha imersão no mundo da pesquisa, com suas dicas de bibliografias, conversas sobre os projetos e amizade em todas as horas.

Essa experiência também teve frutos, publicados em forma de trabalhos em eventos da área de educação, como: “**Narrativas e memórias de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas de alfabetização das escolas do campo (rurais) do município de Santa Maria**”, apresentado em eventos - IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul-brasileiro de psicopedagogia (Curitiba-Paraná, 2009), XIV Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão (Santa Maria- Rio Grande do Sul, 2010), etc.



Figura 6 – Bolsistas e parceiras - Cinthia, Thaís e Fabiana
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

No 2º semestre de 2009, último semestre de graduação, aconteceu uma situação difícil na minha vida particular: minha mãe ficou doente, precisando muito dos meus cuidados. Mesmo enfrentando essa situação, concorri a uma vaga no Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação. A notícia de aprovação veio como um incentivo para mim, sendo mais uma motivação para que eu pudesse levar de forma equilibrada os desafios pessoais e profissionais.

Dia 8 (oito) de janeiro de 2010 ocorreu minha colação de grau e, então, o sonho de ter uma profissão estava completo. Eu estava formada. Foi tudo maravilhoso e tudo parecia um sonho. Mas havia uma coisa faltando para minha felicidade ser completa: a presença da minha mãe, que por motivos de saúde não pode comparecer. Apesar disso, a professora Helenise, uma das minhas bases, estava lá, do meu lado, e acredito que seja por isso que me mantive forte durante toda a cerimônia.



Figura 7 – Formatura 3º grau - Faculdade Educação Especial
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

No ano de 2010 não concorremos ao edital Escola que Protege, porém aderimos a um Programa do governo federal denominado Pró-Letramento⁷, no qual a Prof^ª Helenise é a

⁷ O PRÓ-LETRAMENTO - Mobilização pela qualidade de Educação – é um programa de formação continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental, para melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura / escrita e matemática. Esse programa baseia-se em um curso de 120h presenciais que visa formar professores tutores dos municípios do Brasil que possam levar um aperfeiçoamento aos professores cursistas que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental. A Universidade formadora organiza e coloca em prática toda a dinâmica da formação continuada através da colaboração dos seus professores formadores. (Fonte: Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 4 de jan. de 2012)

coordenadora institucional e a Prof^a Viviane Ache Cancian é coordenadora adjunta. Ficamos responsáveis pela área da Linguagem que visa à formação de professores de 130 municípios do estado do Rio Grande do Sul na referida área. Esse programa é dividido em quatro etapas e, a primeira delas, ocorreu em outubro do referido ano, sendo finalizado em setembro de 2011.

No primeiro semestre de 2010 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação em nível de Mestrado. Durante esse tempo, realizei as disciplinas obrigatórias pelo curso, realizei leituras sobre a minha temática de pesquisa, compartilhei conhecimentos com meus colegas de grupo. Esse período foi muito difícil, pois eu estava cuidando de minha mãe, que se encontrava doente, necessitando da minha atenção e cuidados. Por esse motivo, tive muitas dificuldades de atingir certas obrigações que como aluna do Mestrado eu teria.

Em setembro de 2010, minha mãe falece em virtude do Câncer de Mama. Perda que não tem palavras para expressar, dor que não acaba, só aumenta durante os dias que passam. Contudo, a vida continua, e nesse 2º semestre de 2010 consegui estudar mais, participar ativamente das reuniões das comissões responsáveis pela organização do Programa de Pós-Graduação e das atividades desenvolvidas pelo Programa.

Durante o ano de 2011, o GEPFICA envolveu-se com a organização do Pró-letramento (projeto já mencionado anteriormente), finalizando-o no mês de setembro desse mesmo ano. Além disso, realizei o contato com a professora dessa pesquisa e tive durante 5 (cinco) meses envolvida na coleta de informações necessárias para o desenvolvimento dessa investigação. Esse período foi rico e maravilhoso, pois a professora colaboradora dessa pesquisa recebeu-me de forma carinhosa e acolhedora, sempre se dispondo a responder as questões apresentadas a ela e possibilitando-me momentos que jamais serão apagados de minha memória e de minha história de vida.

1.2 O nascimento dessa investigação

Toda minha trajetória acadêmica contribuiu para estar onde estou e ser quem eu sou hoje. Todos os projetos, eventos, reflexões e discussões realizadas no GEPFICA, os trabalhos em grupo realizados durante todos os anos da minha graduação e da pós-graduação tornaram-se os ingredientes principais para formar o meu eu professora, que acredito ser inacabável,

assim como já dizia Freire, o ser humano é inacabado, inconcluso, “Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1996, p. 50).

Também, destaco aqui uma citação de Mizukami (2002) no que se refere ao aprender, formar, tornar-se professora

Aprender a ser professor, [...], não é, portanto tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdo e técnica de transmissão deles. É uma aprendizagem que deve se dar por meio de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige ainda que, além de conhecimentos, sejam trabalhadas atitudes, as quais são consideradas tão importantes quanto os conhecimentos. (MIZUKAMI, 2002, p. 66)

O “formar-se professora” não está relacionado apenas a conteúdos e teorias que devem ser aprendidos ao longo da graduação, envolve também práticas e consciência dos valores que essa profissão tem na nossa sociedade, para aqueles alunos que estão assistindo, participando, compartilhando da nossa aula. Tornamo-nos professores com a prática, com o aprimoramento das teorias, com o convívio e relação com os alunos e com as pessoas envolvidas no processo educacional, com as reflexões realizadas acerca das situações que ocorrem no dia-a-dia da sala de aula e com uma formação contínua que nos permita estar bem preparada para exercer essa profissão, “ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros [...]” (FREIRE, 1996, p. 22).

Essa investigação vem ao encontro dos estudos que, ao longo dos anos de pesquisas, realizei juntamente com a Prof^a Helenise, com minhas colegas-amigas bolsistas de iniciação científica, mestrandas-amigas do Programa de Pós-Graduação e professoras-amigas da rede estadual e municipal de Santa Maria/RS que compõem o GEPFICA. Foi a partir das relações estabelecidas com essas pessoas que comecei a desenvolver a consciência da responsabilidade, do compromisso, do amor, da esperança, do desejo, do respeito, que é necessário para exercer a profissão professor. O convívio com essas pessoas me proporcionou momentos de reflexões sobre a minha vida, sobre como eu quero levar, enxergar e compreender a minha profissão.

Percebi, ao longo desses estudos e das vivências passadas, a importância da formação do professor, a valorização que precisa ser conferida a formação continuada (que foi oportunizada tantas vezes através do GEPFICA) a esses profissionais, que ainda são tão desvalorizados em nossa sociedade. Nesse sentido, acredito ser de suma importância trabalhos de pesquisa que envolvam professores que se encontram em atividade pedagógica, pois oportunizam reflexões e estudos sobre suas práticas e oferece à universidade o conhecimento

do exercício diário dos professores que essa instituição forma. Dessa forma, construí o seguinte problema de pesquisa: Quais as concepções sobre o processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora da zona rural?

O problema de pesquisa, descrito acima, parte do lugar que ocupei/ocupo no grupo (GEPFICA), tendo como campo de estudos e pesquisas uma escola inserida no meio rural. A escolha por esse meio, esse espaço, advêm de algumas experiências vividas dentro desse campo, vivências essas que despertaram em mim um interesse pela pesquisa no meio rural, como, por exemplo, a bolsa que tive no projeto “Narrativas e Memórias de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas utilizadas para a alfabetização nas escolas rurais do município de Santa Maria”. A temática alfabetização encantou-me desde minha experiência no projeto “Laboratório de Alfabetização: repensando a formação de professores”, em que percebi a importância do olhar do professor para com o aluno para esse processo se efetivar de alguma forma, forma essa que o aluno dê sentido ao aprendido e o entendimento sobre as coisas que acontecem no mundo que está em volta dele.

Acredito que minha caminhada dentro do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização oportunizou-me aparatos que vão além das teorias dos livros e dos textos vistos dentro da sala de aula, com: as práticas vivenciadas no projeto “Laboratório de Alfabetização: repensando a formação de professores”, as oportunidades dadas para participar de organização de eventos, fazer parte de uma equipe de um projeto de pesquisa e, acima de tudo, amizades e laços que ficarão na minha memória e na minha história de vida. Partindo das considerações acima elencadas, o objetivo geral que contribuiu para o desenvolvimento dessa investigação foi: Investigar as concepções de uma professora do ensino rural sobre o processo de leitura e escrita. E os específicos foram: Identificar os significados que a leitura e a escrita representam para uma professora do ensino rural com experiência em classe de alfabetização e; Conhecer qual/quais foram os momentos vivenciados nos processos formativos que a professora construiu a concepção sobre o processo de leitura e escrita.

Os objetivos propostos foram necessários no desenvolver essa pesquisa no sentido de saber como a colaboradora da investigação enxerga, qual seu olhar sobre a alfabetização e como ela considera seu aluno nesse processo. Além disso, proporcionou-me conhecimentos a respeito da construção desse olhar, dando sentido ao curso formador e/ou a sua prática como alfabetizadora.

CAPÍTULO 2 - O OLHAR DO PESQUISADOR: ESTRADAS PERCORRIDAS

2.1 Metodologia empregada

Optar pelo melhor caminho para atingir os objetivos de uma pesquisa não é tarefa fácil. Primeiro, porque antes mesmo do contato com os colaboradores da pesquisa e com o espaço em que a investigação acontecerá, já é preciso ter em mente qual caminho será trilhado. Segundo, porque fogem ao alcance do pesquisador as informações que são coletadas ao longo de uma investigação. Entretanto, posso dizer que, esse caminho trilhado, auxilia na tarefa de pesquisar, pois foca o olhar do pesquisador nas informações mais relevantes para o desenvolvimento de sua pesquisa. Chizzotti (2006) refere-se a isso.

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. (CHIZZOTTI, 2006, p. 11)

Para todo e qualquer problema que ocorre, principalmente para aqueles de nossa vida cotidiana, é necessário trilhar caminhos que possam saná-los e resolvê-los. Nesse sentido, a metodologia caminha a esse destino, oportunizando ao investigador a resolução do problema de sua pesquisa e permitindo-lhe alcançar os objetivos que são propostos inicialmente na sua investigação.

Levando em consideração que as pesquisas no campo da educação envolvem seres humanos, foi necessário utilizar uma metodologia que permitisse avaliar as informações no âmbito qualitativo. Por essa razão, a metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa foi de cunho qualitativo, considerando as suas contribuições quando pesquisa-se no campo da educação. Essa abordagem permitiu olhar as subjetividades dos sujeitos envolvidos, buscando compreender as relações desses com o mundo que o cerca. Nesse sentido, Minayo (2010) diz que a pesquisa qualitativa

Trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que se faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2010, p. 21)

As palavras citadas pela autora acima, retratam o motivo pelo qual a abordagem qualitativa se torna importante quando a investigação envolve seres humanos. É preciso considerar as ações, as interpretações, os valores dos sujeitos, considerando que esses são produtos da realidade em que vivem. Nessa abordagem de pesquisa, a atenção é direcionada para a compreensão e o processo na qual a investigação ocorre, sendo que, conforme Gatti; André (2010, p. 29) “o foco da investigação deve se centrar na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, [...], para compreender esses significados, é necessário colocá-los em um contexto”. É nessa direção que a abordagem qualitativa enriquece a pesquisa em educação, pois ao se pesquisar nesse âmbito é preciso considerar o contexto em que o sujeito se relaciona com as pessoas e as subjetividades dos sujeitos envolvidos. Ainda conforme Gatti; André (2010)

As pesquisas chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 30)

Nesse sentido, sentiu-se a necessidade de se pesquisar no campo da educação utilizando-se de olhares que valorizassem os fenômenos na sua amplitude, considerando o contexto em que os mesmos acontecem e a compreensão da interferência desse meio na construção do sujeito. Ao se pesquisar com pessoas que são mutáveis, variantes, flexíveis e dotadas de subjetividades é que se tornou necessário a utilização da abordagem qualitativa na qual oferece ao pesquisador a possibilidade de perceber que o mundo objetivo é indissociável do mundo subjetivo.

A perspectiva da pesquisa qualitativa permite o pesquisador interpretar “O mundo dos sentidos, dos significados, dos símbolos, dos mitos, das representações, do imaginário, das ideologias” e “não se permite ser compreendido por uma lógica dura, laboratorial [...]” (MACEDO, 2006, p. 37-38). Foi, a partir dessa perspectiva, que essa investigação trilhou seu caminho.

2.2 O método História de Vida e os instrumentos para a coleta de informações

O método utilizado nessa investigação foi o da História de Vida, em que foram utilizados como instrumentos de coleta de informações: Encontros de Aproximação⁸, relato autobiográfico escrito, entrevista semi-estruturada, observações, registro em diário de campo, análise de documentos, fotografias e desenhos.

A História de Vida, única e particular de cada um, oportuniza saberes ao pesquisador que estão além dos livros, valoriza a história de cada sujeito e reafirma situações vividas em outros tempos históricos. Feller (2008) contribui trazendo que

Entender a História de Vida requer perceber as emoções, as marcas pessoais, que passaram, por muito tempo, desapercibidas, mas que, agora, **fazem parte da história, e dão respostas a muitas questões educacionais**. A História de Vida é uma possibilidade de recordar o passado e reconstruir o presente e o futuro das práticas e das demais ações educativas. (FELLER, 2008, p.30, **grifo meu**)

Feller (2008), com suas palavras, faz-nos valorizar a vida das pessoas envolvidas em pesquisas que se utilizam do método História de Vida. Através desse método de pesquisa podemos reconstruir, historiar a educação, trazendo a tona, através da história individual de cada pessoa, aspectos importantes para a reconstrução de uma história maior. Além disso, Passeggi et al (2006, p. 257) consideram que o professor “ao narrar, oralmente ou por escrito, suas experiências profissionais, modifica as representações de si e de suas práticas pedagógicas”, e reflete sobre seus atos, seus erros, acertos, suas crenças, seus valores e suas atitudes.

De acordo com Nóvoa (2010)

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que ninguém forma ninguém e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida. (NÓVOA, 2010, p. 167)

É nesse sentido que a história de vida e a autobiografia - também utilizada nessa pesquisa, através do relato autobiográfico, completam-se, auxiliando e possibilitando uma

⁸ Termo criado pela orientadora Prof^ª. Helenise Sangoi Antunes, juntamente comigo, para denominar o contato inicial com a colaboradora da pesquisa, que visou à aproximação com as memórias da professora Vânia e com o Distrito onde a pesquisa desenvolveu-se.

autoformação ao participante da investigação. A formação depende de cada um, é particular, íntima, construída ao longo das vivências de cada pessoa, ao longo dos caminhos que cada um percorrerá.

A autobiografia permite que possamos ouvir o que os docentes e os alunos constroem sobre os processos de leitura e escrita. Conforme Frade (2010)

Ouvir os docentes e os alunos sobre o que pensam da cultura escrita, sobre suas experiências, sobre o que esperam dessa conquista talvez seja o melhor parâmetro para pensar o alcance de nossas propostas e, quem sabe, possamos almejar que seja boa a escolarização? (FRADE, 2010, p.8)

Frade (2010) nos traz nas suas idéias, elementos significativos para pensarmos sobre as possibilidades concedidas a professores de narrar suas experiências profissionais, salientando a importância disso para uma escolarização de boa qualidade e quem sabe uma melhoria na educação.

A autobiografia confia ao pesquisador e pesquisado laços jamais alcançados por outro método de investigação. Através de relatos autobiográficos se estabelece uma relação de confidencialidade entre o pesquisador e pesquisado que proporciona para ambos experiências que vão além do ato de narrar-se e ouvir. Através dessa trama de investigador e investigado, fica a contribuição que o fato de narrar sobre sua formação profissional, exerce para a formação do professor. Nesse sentido, Antunes (2010), com suas palavras, nos traz as considerações de Thompson que trata

o depoimento oral proporciona a composição de uma história mais rica e mais coerente com a realidade investigada, pois a evidência oral consegue adentrar na vida dos colaboradores da investigação e na realidade pesquisada. (ANTUNES, 2010, p. 32)

A oportunidade concedida a professores de relatar suas histórias de vida faz com que eles reflitam sobre seus trajetórios profissionais e suas práticas formativas do momento em que se está narrando esses fatos. Isso alimenta a formação dos professores, pois potencializa suas práticas educacionais. Nesse momento, faz-se necessário utilizar uma citação de Souza (2006)

A escrita da narrativa potencializa no sujeito o contato com sua singularidade e o mergulho na interioridade do conhecimento de si, ao configurar-se como **atividade formadora** porque remete o sujeito para uma posição de aprendente e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais. Desta forma, enquanto atividade formadora, **a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como formação e de conhecimento**, porque se ancora nos recursos experienciais

engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos **sujeitos em processo de formação e desenvolvimento**. (SOUZA, 2006, p. 137, **grifo meu**)

Grifo as palavras de Souza (2006), forma como o mesmo expressa as funções da autobiografia. “Atividade formadora” principal contribuição da pesquisa autobiográfica para os professores que dela participam. “Narrativas de si e de experiências vividas” referentes àqueles momentos vividos que estão sendo ressignificados no momento atual, com o intuito de dar novos olhares e novas propostas para algo que já ocorreu em um passado distante. “Sujeitos em processo de formação e desenvolvimento” quando narram, rememoram e refletem sobre fatos passados, a fim de qualificar e formar o seu eu professora.

Barcelos et al (2010, p. 157) utilizam-se das ideias de Tardif trazendo que “aquilo que o professor sabe e prática está colado em suas identidades e processos de subjetividade. É algo inseparável de sua história que é o resultado de uma trama de várias dimensões de seu ser.” Esse autor revela a identidade profissional do educador, trazendo que sua formação também sofre processos de subjetividade.

Cunha (1989, p.37) comenta que “O professor nasceu numa época, num local, numa circunstância que interferem no seu modo de ser e de agir. Suas experiências e sua história são fatores determinantes do seu comportamento cotidiano”, onde acontecem suas práticas pedagógicas. Quando o professor narra esses fatos e rememora os seus processos formativos há uma autoformação que permite dar outros significados a esse cotidiano qualificando sua prática profissional.

Nessa conjuntura, podemos considerar que professores em situação de colaboradoras de uma pesquisa que se utiliza de história de vida sofrem mudanças em suas práticas diárias em sala de aula, re/avaliando suas ações e colaborando com suas reflexões no processo de alfabetização.

A questão da autobiografia traz outra contribuição, no qual acredito ser pertinente ressaltar aqui, através das palavras de Machado et al (2004)

Buscar uma aproximação com a memória desses profissionais faz com que eles revivam as experiências do passado, interligando-as ao seu presente, na procura de uma formação continuada e com o comprometimento da construção do “ser” enquanto sujeito da ação educativa. (MACHADO, 2004, p. 31, **grifo do autor**)

A formação continuada tantas vezes procurada por professores também é possibilitada por esse método de pesquisa, que dá voz aos (às) professores (as), que relatam as suas histórias de vida, em que repensam suas práticas e re/avaliam as mesmas e falam do seu

trabalho, muitas vezes, ressignificando-o. Nesse sentido, para o desenvolvimento dessa investigação fiz uso do método História de Vida para alcançar os objetivos propostos e responder o seguinte problema de pesquisa: Quais as concepções sobre o processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora da zona rural?

Ressalto aqui que a História de Vida, conforme Souza (2006, p.29) é “Classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada de história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização”. Nessa pesquisa, busquei através dessa abordagem, através da História de Vida da professora colaboradora, entender, além de sua concepção sobre o processo de leitura e escrita, o que a levou a conceber essa concepção. Sendo assim, tentar descobrir quais momentos de sua História de Vida foram significativos para a formação dessas concepções.

Acredito que pesquisas que se utilizam desse método de pesquisa tem contribuições para a formação de professores. Nesse sentido, no momento em que falamos em formação de professores, remetemo-nos a função da instituição formadora, que realiza sua função em orientar os futuros professores para agir da melhor forma durante sua vida profissional. No entanto, não se pode conferir total responsabilidade a essa instituição. Penso que não é apenas nesse espaço que construímos o “eu professora”, muito além das teorias que são vistas ao longo do curso formador estão as práticas que virão juntamente com os desafios do cotidiano dentro da escola.

Penso que através da oportunidade que foi concebida à professora alfabetizadora de narrar sobre seus processos formativos e sobre suas concepções sobre o processo de leitura e escrita, ocorre a formação que depende só de cada um. Essa formação, no qual acredito ser uma autoformação, expande saberes que são garantidos por cada um que narra sua própria história. Para Machado et al (2004, p.48) “A escrita e o espaço de reflexão das autobiografias profissionais viabilizaram aos sujeitos refletir sobre suas trajetórias pessoais e profissionais, através das experiências construídas”. Portanto, considero a autobiografia como um instrumento de formação, no qual o professor reconsidera suas práticas a fim de qualificar a sua docência.

Para um primeiro contato com a professora colaboradora da pesquisa, realizei os Encontros de Aproximação, que ocorreram no espaço escolar e na sua casa no meio rural. Esses encontros tiveram como objetivo a aproximação com a colaboradora, visando a um primeiro contato com as suas memórias e com as suas experiências no meio rural e um maior aprofundamento dos significados dados por ela a esse meio e as relações que nele se estabelecem. Ao total foram realizados três Encontros de Aproximação que contribuíram

significativamente para o desenrolar da pesquisa e para o contato inicial entre pesquisadora-colaboradora.

O nosso primeiro encontro ocorreu no dia 5 (cinco) de setembro de 2011, na escola José Paim de Oliveira. Nesse encontro, ocorreu a apresentação da pesquisadora e colaboradora através de um desenho que resumisse a sua caminhada como alfabetizadora.



Figura 8 – Desenho feito pela professora Vânia que, conforme ela, ilustra sua caminhada como professora alfabetizadora.

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

A professora Vânia comenta seu desenho.

Eu to numa fase da minha vida que eu não quero e não tenho vergonha de dizer, eu não quero mais estudar, sabe, eu não to mais disposta a buscar alguma coisa. Então, eu acredito sempre que as minhas raízes sólidas nesse lugar ou em qualquer lugar que eu fui trabalhar produzem frutos. E esses frutos, eu acredito que são bons. Eu procuro acreditar que são frutos bons e que alguém colhe esses frutos. Então, assim, foi bastante complicado pra mim, chegar nesse estágio da minha vida e eu ter coragem de assumir que eu não quero mais estudar, eu não quero mais fazer pesquisa, eu não quis fazer mestrado, eu já nem gosto de ir numa formação continuada, vô porque se faz necessário e mudo em tudo que é necessário. Mas eu não to assim, com aquela abertura, tudo novo. (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia)

Nossa próxima atividade realizada nesse dia foi falar sobre os significados que algumas palavras expostas por mim tinham para a professora Vânia - palavras como: infância, alfabetização, professor, escola rural, formação, ruralidade. Os significados dados pela professora a esses termos estarão imersas no decorrer desse trabalho.

No dia 14 (quatorze) de julho de 2011, realizamos nosso segundo encontro na minha casa, por escolha da professora Vânia. Nesse encontro, a professora falou sobre sua infância, mostrou algumas fotos de várias etapas formativas da sua vida profissional. Esse instrumento

de pesquisa teve como objetivo recuperar as memórias da professora participante, considerando as mesmas como apoios para a rememoração de fatos já acontecidos durante seus processos formativos e sua prática profissional. Nesse sentido, Guedes-Pinto (2002, p.123) considera que esses artefatos buscam "[...] auxiliar na ativação da memória das pessoas entrevistadas a partir do uso e manipulação de objetos que possam ser portadores de lembranças e recordações antigas" e são denominados de "disparadores da memória ou muletas da memória" em que são "objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração." (GUEDES-PINTO ET AL., 2008, p.43)

Nosso último Encontro de Aproximação foi realizado no dia 27 (vinte e sete) de setembro de 2011, na casa da professora Vânia. Esse encontro teve como objetivo conhecer a História do Distrito de São Valentim, distrito que a professora Vânia vive há 28 anos.

As informações coletadas através desses encontros estão imersas no decorrer desse trabalho, contidas nos capítulos seguintes.

O documento que foi necessário ser analisado, a fim de contribuir para essa investigação foi o Projeto Político Pedagógico da escola. Através dessa análise, procurei entender a estrutura organizacional da escola, bem como seus objetivos (como escola inserida no meio rural) e com relação ao perfil dos alunos atendidos na escola.

Durante todos os encontros que tive com a professora colaboradora e com o meio pesquisado, realizei registro em diário de campo, no intuito de dar significados às vivências que tive durante o tempo de coleta.

A entrevista semi-estruturada foi outro instrumento utilizado para realizar a coleta de informações. Conforme Feller (2008, p. 34) "A entrevista semi-estruturada, no sentido de ser mais livre e não tão estruturada, possibilita uma abordagem mais flexível, [...] e deixa uma relação mais tranqüila entre entrevistador e entrevistado". É nesse sentido que se fez uso dessa ferramenta, no sentido de tornar o trabalho de entrevistar e de ser entrevistado menos formal, mais livre e rico.

Szymanski (2004) traz suas contribuições ao referir-se desse instrumento de coleta, quando considera que o entrevistador deve direcionar e intensificar a entrevista, com o objetivo de atribuir significado para a investigação. Ainda, pondera que

a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos e interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. (SZYMANSKI, 2004, p. 12)

Foi necessário que o pesquisador-entrevistador soubesse conduzir a entrevista de maneira a desenvolvê-la de forma livre, mas possuindo os objetivos sempre em foco. Ainda em Szymanski (2004), a autora pontua etapas de uma entrevista:

- a) Contato inicial - apresentação do pesquisador, do tema de sua pesquisa, da instituição de ensino e permissão para a gravação da entrevista;
- b) Aquecimento - conversa informal com o entrevistado em que “poderá ter um pequeno período de aquecimento para uma apresentação mais pessoal e o estabelecimento de um clima mais informal” (SZYMANSKI, 2004, p.24);
- c) A questão desencadeadora - principal questão do trabalho que levará o entrevistado a relatar informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa;
- d) A expressão da compreensão - necessidade de o pesquisador demonstrar a compreensão sobre aquelas informações narradas pelo entrevistado;
- e) Sínteses - apresentar sínteses, de tempos em tempos, ao entrevistado sobre as informações já narradas para o acompanhamento da pesquisa;
- f) Questões - de esclarecimento, focalizadoras, de aprofundamento, e;
- g) Devolução - exposição completa das interpretações do pesquisador sobre as informações relatadas pelo entrevistado.

A entrevista com a Professora Vânia ocorreu no dia 16 (dezesesseis) de setembro de 2011, na escola onde atua, no município de Santa Maria/RS, respeitando as etapas pontuadas por Szymanski (2004). Essa entrevista teve como foco suas considerações sobre o processo de leitura e escrita, bem como suas concepções sobre o mesmo.

Para a participação nessa pesquisa delimitar alguns critérios de inclusão, no intuito de conceber suporte às informações necessárias para o processo de investigação. Nesse sentido, esses critérios foram dispostos dessa maneira:

- ✓ Ser professora formada em Magistério e/ou curso superior em Pedagogia;
- ✓ Atuar no 2º ano do ensino fundamental do ensino de 9 anos, em escola rural;
- ✓ Estar atuando, no mínimo, há 10 anos como alfabetizadora no ensino rural;
- ✓ Possuir disponibilidade de tempo para responder aos instrumentos que serão utilizados para a coleta de informações;
- ✓ Ter consciência das vantagens, desvantagens e possíveis desconfortos emocionais que poderão ocorrer em virtude de narrar fatos de suas vidas;
- ✓ Residir no meio rural.

Esses critérios foram decididos para poder contemplar os objetivos propostos nessa investigação e foram respeitados no momento da escolha da colaboradora.

O relato autobiográfico escrito foi outro instrumento de coleta importante, pois possibilitou ao pesquisador e ao pesquisado uma aproximação que enriqueceu a pesquisa que foi desenvolvida. De acordo com Antunes (2007)

Nesse processo, o sujeito configura-se como um ser humano convidado para abrir, simbolicamente, os baús das histórias de vida, muitos deles escondidos embaixo da cama, repletos de poeiras; outros novos, cuidados com zelo, e outros tão bem guardados que se torna difícil a tarefa de encontrá-los. Mas, para que buscar esses baús? A busca não é só dessa pesquisadora, é um processo coletivo que vai sendo desenvolvido conforme o tempo e o espaço permitem. Não existem imposições, existe respeito. Não existe pressa, apenas movimento, e assim não se percebe o retorno como fracasso, mas como avanço. (ANTUNES, 2007, p. 82)

O uso do relato autobiográfico se justifica pela liberdade que o pesquisado tem em escrever sobre fatos mais significativos sobre o tema de pesquisa e não se prende as perguntas de uma entrevista. Através desses relatos a participante da pesquisa narra a sua história de vida, que é vista por Chizzotti (2006) como

Um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes. Pode ter a forma literária biográfica tradicional como memórias, crônicas ou retratos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. (CHIZZOTTI, 2006, p. 95)

Além dessas contribuições do uso do relato autobiográfico, Abrahão (2006) refere-se à narrativa como um processo em que o sujeito ressignifica os fatos vividos, reflete sobre eles e sobre sua profissão docente no momento da narração. Abrahão (2006) comenta que

As (auto)biografias sendo constituídas por narrativas em que se desvelam narrativas de vida, é processo de construção que tem como qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e profissional, aquela que narra sua trajetória. (ABRAHÃO, 2006, p. 161)

Na pesquisa que se utiliza dos relatos autobiográficos há a possibilidade de quem narra dar novos significados e re-considerar os fatos passados, a fim de compreender melhor a sua trajetória docente.

A entrevista foi realizada após os Encontros de Aproximação, para um aprofundamento das informações importantes e necessárias nessa pesquisa. O relato

autobiográfico escrito foi solicitado à professora no início dessa investigação e entregue no final da mesma.



Figura 9 – Caderno utilizado pela professora Vânia para escrever seu relato autobiográfico.
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

A realização da entrevista foi desenvolvida sendo embasada nas etapas descritas e acredito que essas etapas tornaram o trabalho mais instigante e desafiador. As observações realizadas no decorrer dessa investigação foram feitas na sala de aula que a colaboradora dessa pesquisa atua, em alguns momentos festivos e/ou comemorativos junto à escola e aos alunos e em alguns momentos dentro da escola. Essas observações foram importantes, pois me possibilitou compreender de perto os sentidos e significados atribuídos pelas pessoas que vivem no espaço que essa pesquisa desenvolveu-se ao contexto e as informações coletadas no decorrer da pesquisa.

A pesquisa desenvolveu-se na Escola José Paim de Oliveira, no Distrito de São Valentim/ RS, que está, aproximadamente, a 17 km longe da sede do município de Santa Maria/RS. Nos itens seguintes serão apresentados esses campos de investigação, no intuito de contextualizar o meio onde a professora participante dessa pesquisa está inserida.

Primeiramente, a pesquisa foi apresentada para a Secretaria Municipal de Educação, sendo concedida a minha entrada na escola José Paim de Oliveira. Posteriormente, a pesquisa foi apresentada à Direção da escola e foram discutidas, juntamente com o diretor da escola, possibilidades de participantes que se encaixassem nos critérios de inclusão expostos anteriormente.

Após a coleta das informações necessárias para o desenvolvimento dessa investigação foram constituídas as categorias de análises, com o objetivo de organizar as informações

dispostas no decorrer da pesquisa. As categorias de análise constituídas com essas informações foram assim denominadas: 1º) Concepções sobre o processo de leitura e escrita; 2º) Vivências e práticas sobre a construção do processo de leitura e escrita; e 3ª) Educador e Ensino Rural. A partir dessas categorias foram criados os capítulos dessa pesquisa.

2.3 Apresentando a colaboradora da pesquisa: Quem nos fala?

O meio rural está quase no sangue da professora colaboradora. A professora que colaborou com essa pesquisa, ao longo dos nossos encontros, foi mostrando que esse meio faz parte de sua vida há muito tempo, faltando apenas ter nascido nele para completar o seu laço afetivo. Professora há 27 anos em uma escola rural, a professora Vânia Fontoura Rocha reside e convive socialmente nesse meio desde seus 18 anos.

Vânia tem uma história de vida muito sacrificada, sofrida, com grande carência de recursos físicos para seu sustento. De família de origem humilde, nasceu em 1963, em Santa Maria/RS. Através das nossas longas conversas foi revelando sua trajetória no campo da educação. Entrou para a escola no ano de 1971, escola localizada no bairro Camobi, bairro onde residia com sua família. A professora comentou ao longo das nossas conversas sobre a imensa vergonha que tinha dos professores, dos colegas na escola. Sua caminhada nos espaços escolares, até o 5º ano foi difícil, pois sempre chorava quando alguém falava com ela. De acordo com Vânia,

eu tinha um problema, que esse problema se foi até a 5ª série, eu chorava, chorava, chorava na aula, era no 2º, no 3º, no 4º, no 5º. No 4º era pior ainda. Eu chorava na aula assim que era um terror, e começava a chorar e não parava mais. Nunca ninguém descobriu o porquê, nunca ninguém procurou saber, nunca ninguém tratou (Encontro de Aproximação, dia 14 de julho de 2011, professora Vânia).

Suas recordações mostram que ninguém nunca se importou com motivo pelo qual ela chorava na escola. Ao contrário disso, sua mãe, cada vez que ela chorava, batia nela quando chegava em casa.

Sua vida, suas experiências fizeram-na pensar em um motivo pelo qual ela chorava tanto: sua vida sacrificada, sofrida, trabalhosa, sem condições financeiras de comprar comida, roupas, coisas que fazem parte da necessidade humana. Essas carências causavam muito sofrimento na professora.

Com 14 anos, começou a trabalhar em uma casa como doméstica, para sustentar-se, pelo menos com o básico, a fim de melhorar sua situação. A professora, durante nossos encontros, sempre demonstrou sua esperança, sua vontade de sair daquela situação difícil, “*Daí eu pensava assim: mas um dia isso vai mudar, vai ter que mudar [...]*” (Encontro de Aproximação, dia 14 de julho de 2011, professora Vânia).

Estudou em Santa Maria/RS, nas escolas situadas no bairro Camobi, até seus 16 anos, quando decide frequentar o curso Normal com o objetivo de melhorar sua condição de vida, que era muito precária e com muitos momentos difíceis. A saída encontrada por ela para fugir da sua situação financeira precária foi a de realizar um curso que pudesse lhe oportunizar uma vida estável e digna.

Foi no ano de 1979 que a professora Vânia entra para o curso Normal em uma escola estadual da cidade de Santa Maria/RS. Durante esse trajeto foram muitas dificuldades, já que ela não tinha condições financeiras de sustentar-se em um curso que necessitava de dinheiro para a compra de materiais e uniforme. Contudo, esse caminho foi percorrido graças à garra e coragem da professora para enfrentar os obstáculos que dia-a-dia iriam surgindo.

Eu decidi fazer o magistério aos 16 anos, porque uma colega me disse que com o normal eu poderia ser prof^a no final do curso que durava 3 anos e meio. Esta decisão foi basicamente tomada pela necessidade de trabalhar e me sustentar. Eu passava por muitas necessidades e esta fase precisava ser superada por mim mesma. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

Foi bastante difícil cursar o magistério. As dificuldades financeiras me deixavam ansiosa, para trabalhar o quanto antes. Quando comecei as aulas no magistério, meus pais compraram um abrigo do uniforme e eu fiz um xale de crochê para vender e comprar a camiseta da escola. Minha mãe reformou uma calça e uma camiseta masculina que seriam o meu uniforme. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

No ano de 1982, professora Vânia finaliza o curso Normal e decide, por influência de suas colegas de curso, prestar vestibular para Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria. Mas, Vânia não tinha nenhum conhecimento sobre o que significava Pedagogia, em suas palavras,

Não sabia o que que significava fazer o curso de pedagogia, eu só sabia que era pra continuar sendo professora. Ninguém dizia nada pra a gente, Cinthia, ninguém esclarecia as coisas, ou tu sabia porque tua mãe já sabia porque era professora também, ou tu era uma qualquer que não sabia das coisas. E eu tinha vergonha de perguntar né, era muito vergonhoso perguntar.” (Encontro de Aproximação, dia 17 de julho de 2011, professora Vânia)

Em seu depoimento a professora demonstra a grande dificuldade de informações que naquela época existia. As pessoas só te instruíam se te conheciam.

Após realizar a prova do vestibular, Vânia soube que tinha passado. Entretanto, pelas grandes dificuldades enfrentadas pela falta de recursos financeiros, cursou apenas 1 (um) semestre da faculdade. Trancou para começar a trabalhar, pois soube, através de uma amiga, que estavam precisando de professores na Secretaria Municipal de Educação (SMEd). Nessa época, não era necessário prestar concurso apenas ir até a SMEd e verificar se haviam vagas.

É incrível “pensar” que eu faço parte de uma geração que bastava ter o curso do Magistério para se sentir “realizada” e “capaz” de ser professora. Naquela época não precisava mais que isso. Ser Normalista era bom de mais, para uma época em que muitos professores eram leigos, não tinham formação pedagógica, apenas trabalhavam como professoras, umas por gostarem outras por necessidade ou falta de opção. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia, grifo dela)

Professora Vânia, ao chegar na SMEd, foi informada de que poderiam ser professores da zona rural pessoas com o ensino fundamental completo e da zona urbana pessoas que tivessem ensino médio. Apesar de ela ter o ensino médio, não havia vagas para trabalhar nas escolas do meio urbano, apenas no meio rural. Foi assim que a professora Vânia teve seu primeiro contato com a zona rural. Com 19 anos de idade, no ano de 1983, começa a trabalhar em uma escola, que abrira pela solicitação das pessoas que residiam e trabalhavam no meio rural para colocarem seus filhos para estudar. Uma casa simples, sem luz, sem água, sem materiais, condições precárias, foi onde a primeira escola daquele meio foi instaurada, a Escola João Codem⁹.

Consegui uma escola no interior. Para trabalhar lá, tinha que morar na localidade. Não pensei muito, tranquei a faculdade e fui. Meus pais ficaram surpresos, pois eu nunca havia saído de casa. Escola João Codem, na Colônia Conceição, Boca do Monte. Hoje é São Valentim. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

Primeira escola que a professora Vânia trabalhou, onde teve muitas dificuldades, e permaneceu por 11 anos como única professora na mesma. Suas lembranças ainda estão vivas sobre o dia em que chegou nessa localidade, conforme nos escreve em seu relato autobiográfico.

⁹ Conforme a professora Vânia a João Codem era uma escola unidocente, sendo ela a única professora de todas as séries, diretora e merendeira da escola. João Codem tinha um número aproximado de 30 alunos que estavam entre 1ª e 5ª série. A casa e o terreno da escola foram concedidos pelo Sr. João Codem e, por essa razão, a denominação da escola. De acordo com seus escritos do relato autobiográfico, quando chegou até essa casa “Estava tudo muito sujo, livros jogados, materiais todos misturados. Era mais ou menos 30 mesas com cadeiras bem novinhas e o mobiliário do professor e secretaria, tudo velho, sucateado.” (professora Vânia).

Em 15 de março de 1983, cheguei a Colônia Conceição. Era uma tarde chuvosa. Uma combi da prefeitura veio me trazer e o motorista era encarregado de me deixar em uma casa que dava morada para prof^a. Chegamos nessa casa, era muito simples, de chão batido e rodeada de taquareiras. Eu fiquei assustada. Tinha um fogãozinho de lenha com fogo e um “candieiro” sobre uma mesa. Estava escuro, pois o tempo estava feio. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia, grifo dela)

Durante essa etapa da sua vida, conhece seu atual marido que, já naquele tempo, residia no meio rural, e decide ficar lá e não vir mais trabalhar em escolas da zona urbana. Apesar de todas as dificuldades encaradas durante o percurso dos seus primeiros meses no meio rural, Vânia decide não sair mais de lá, conforme ela:

ali eu fiquei, ali eu fiz o meu ambiente, ali eu fui conquistando as minhas amigadas, fui conhecendo as pessoas, fui trabalhando, eu não tinha mais vontade de sair dali. Parece que eu fui a minha vida toda dali [...]. São coisas que me fizeram me apegar aquela comunidade, eu me vi como um ser que fazia parte da formação daquela comunidade e tudo é muito natural ali dentro, tudo é muito natural, eu sou professora da comunidade, mas é tudo muito de igual para igual, eu não sou tratada diferente, não tenho nada de diferente, eu vou em todos os eventos deles ali, eu vou em todas as coisas, na vizinhança, eles frequentam a minha casa, é falecimento, é casamento de um ex-aluno, é formatura de um ex-aluno, é o batizado do filho de um aluno, então é tudo muito natural e eu não tive mais vontade de sair.” (Encontro de Aproximação, dia 14 de julho de 2011, professora Vânia).

E isso ela sempre demonstrou durante todos os nossos encontros, o amor, a amizade, o gosto, a fidelidade com aquele espaço e com a comunidade que habita o meio rural que ela vive.

No ano de 1994, acontece a Nuclearização¹⁰ das escolas rurais e a Escola João Codem migra para a Escola José Paim de Oliveira, atual escola que a professora trabalha. Trabalhou em outras escolas rurais em Dilermando de Aguiar, contudo como esse distrito se emancipou, a professora assumiu 40 horas na Escola José Paim de Oliveira, 20 como professora e 20 como supervisora. Entretanto, é instaurada uma nova lei que exigia o curso superior de todos os professores das escolas e foi assim que a professora volta a prestar vestibular, é aprovada e, dessa vez, completa o ensino superior. Após essa conquista, fez Especialização em Ensino Religioso e, atualmente, trabalha em uma escola da zona urbana e leciona em uma turma multisseriada (3º e 4º anos) na Escola José Paim de Oliveira.

Através dos nossos encontros, das nossas conversas, da sua história de vida dentro do meio rural percebi o amor que a professora que colaborou com essa pesquisa tem para com aquela comunidade, a escola, seus colegas de trabalho, alunos, que, aqueles que já são

¹⁰ Nuclearização é entendida aqui como, conforme Santos (1993, p. 67), “idéia de agrupamento das escolas municipais unidocentes em uma escola núcleo, que pudesse oferecer o ensino fundamental completo em melhores condições e com um currículo mais adequado ao meio”.

adultos, continuam fazendo parte da sua vida, com a escola que, há tanto tempo, é parte integrante da sua vida profissional e, também, pessoal. Bem como define ela

Escola rural pra mim assim é o centro de recreação da comunidade, é o ponto de encontro, é o ponto de referência, é o lugar onde se faz festas, onde se conhece as pessoas, muitas vezes é o lugar onde é celebrada uma missa, o culto. A escola rural pra mim é o centro". (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia)

Os significados dados e compartilhados pela professora Vânia e pelos seus familiares ao meio rural têm uma importância que nos “salta os olhos” quando conversamos sobre esse ambiente. Nele as pessoas são tão próximas, e apesar da distância entre suas casas, conhecem-se, sabem da vida uma da outra, conhecem a família e sua história. Por muitas vezes, a descrição daquele meio e da professora Vânia se entrelaçam, mostrando que as pessoas trazem em si, características que mostram o lugar onde ocupam.

É importante colocar que, a escolha dessa professora para desenvolver essa investigação se deu pela sua longa experiência em classes de alfabetização e pela sua grande e engajada vivência na zona rural e na escola rural. Ao longo dos nossos encontros, essa escolha foi se concretizando como positiva pelas suas contribuições para essa pesquisa, pois traz junto com ela a cultura de um povo, de uma comunidade rural.

2.4 Lugar de fala

2.4.1 O Distrito de São Valentim: uma história contada

O lugar de fala da professora Vânia é, há 27 anos, o lugar que ela vive, convive, estabelece relações, ri, chora, participa, luta. São Valentim¹¹, distrito distante, mais ou menos, 17 km do município de Santa Maria/RS, tem sua história, rica em acontecimentos e fatos que marcaram as pessoas que ali residem. Professora Vânia vive nesse distrito desde que ele ainda não se caracterizava como distrito. E foi ela quem nos contou essa história.

¹¹ Distrito do município de Santa Maria/RS; ocupando uma área de 133, 38 km², com uma população de 494 (2000) habitantes. Possui uma sub-prefeitura e sub-prefeito Sr. Júlio Toniolo, tendo como Distritos Limítrofes: Boca do Monte, Pains, Santa Flora, Sede. (Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Maria/RS. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/rural/70-distritos>> Acesso em: 13 de out. de 2011)

No desenrolar do 3º Encontro de Aproximação que tivemos, no dia 27 de julho de 2011, professora Vânia contou-me como se formou o distrito de São Valentim/RS. Conforme ela, o distrito começou com duas comunidades: a comunidade Conceição e Toniolo. As pessoas que lá residiam, sobreviviam das carreteadas que faziam até as grandes cidades, a fim de levar alimentos agrícolas para a zona urbana. Carreteadas eram as viagens realizadas por donos das terras ou por quem plantava, nas grandes carretas que eram puxadas pelas juntas de boi, com alimentos que eram plantados naquela localidade. Durante os anos 50/60, a principal fonte econômica da localidade eram essas carreteadas.¹²

Também havia carreteiros que vinham de outras cidades e usavam a localidade para descansar, dormir, dar água aos bois e, por essa razão, nos dias de hoje, existe um monumento na entrada do distrito de São Valentim/RS, em homenagem aos carreteiros. Esse monumento é uma carreta que foi usada até a década de 70, sendo guardada em um galpão por muitos anos. A mesma, por iniciativa de alguns moradores, foi reformada e colocada na entrada do distrito em homenagem aos carreteiros que ali moravam e aos que ali passavam.

As comunidades Conceição e Toniolo, até então, pertenciam ao Distrito Boca do Monte/RS e a sede desse distrito era distante dessas comunidades. Por essa razão, moradores dessas comunidades, juntaram-se e formaram uma Associação da comunidade com o objetivo de transformar aquele espaço em distrito para mobilizar uma assistência maior para aquele lugar.

No ano de 1996, pela união em forma de Associação dos Moradores da Comunidade, foi estabelecido que aquela localidade, a partir de então, seria caracterizada como Distrito do Município de Santa Maria/RS. A partir disso, a Professora Vânia, outras professoras da zona rural interessadas e a UFSM realizam a publicação de um trabalho realizado em 2002, na Oficina denominada “Oficina de Pesquisa e Criatividade em História: Carretas” que “procura resgatar a história santamariense através da pesquisa em fontes orais e figurativas, tendo em vista a memória dos carreteiros” (CASTELAN, 2002, p. 1). Esse material traz um pouco sobre a história do distrito, esclarecendo ao leitor como eram as carretas e o trabalho dos carreteiros.

Também em 2002, foi publicado um trabalho pela gráfica Pallotii organizado pela professora Vânia denominado “Resgate Histórico de uma Comunidade Rural”, que é um caderno contendo depoimentos de moradores do distrito de São Valentim sobre as histórias de vida de carreteiros. Esses depoimentos foram contados em uma reunião realizada na Escola

¹² Essa informação foi observada no livro “Resgate Histórico de uma Comunidade Rural” organizado pela professora Vânia no ano de 2002.

José Paim de Oliveira no ano de 1999, que pela sua riqueza de fatos sobre aquele meio social, fornece aos moradores e alunos o saber sobre a história de onde vivem. Esse trabalho foi lançado, mais precisamente, em novembro de 2002 na comunidade e, em maio de 2003, foi lançado na Feira do Livro do município de Santa Maria/RS.



Figura 10 – Capas dos trabalhos realizados sobre o distrito de São Valentim/RS.
Fonte: Arquivo pessoal de Vânia

Ainda, conforme escritas do arquivo pessoal da Prof^ª Vânia, esse trabalho teve como um de seus objetivos “buscar o fortalecimento da identidade do homem do meio rural, preservando os valores de sua cultura, à luz dos novos conceitos provenientes do avanço técnico- científico” (escritos da Prof^ª Vânia, arquivo pessoal).

Aliás, isso foi muito falado pela professora Vânia ao longo dos nossos contatos: a importância do aluno da escola rural ter o conhecimento sobre o meio que vive, sobre a história daquele espaço, para assim valorizá-lo, o trabalho dos seus pais, a escola e a sua própria história.

A minha base é a valorização do lugar onde a criança vive, a valorização da família, a valorização da origem deles, eu acredito nisso sabe, eu acredito que a criança, que o ser humano que dá valor aos seus antecedentes, aquilo que aconteceu antes, ele consegue entender algumas coisas melhor”. (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia)

Foi pensando também nisso, que a professora Vânia empenhou-se para realizar os trabalhos descritos acima, para a valorização daquele espaço, daquela história, pelos alunos.

No diário de bordo, também, fui escrevendo minhas principais percepções a respeito desse meio e do caminho que me levou a ele, que fez parte de minha vida durante o tempo de coleta de informações dessa investigação.

Casas pequenas, às vezes inacabadas, com o cimento ainda visível. Casas antigas, de madeira, com galpões nos fundos. Ruas sem asfalto, com terra e pedras pelo caminho. Campos abertos, campos fechados. Campos com plantações e gados, campos lisos e verdes. Árvores que tornam a paisagem bonita, passando serenidade para quem está ali. Casas simples, algumas povoadas, outras abandonadas e outras ainda distantes. Pelo caminho belas paisagens, marcadas pelo verde das gramas e das árvores. Cheiro de campanha, natureza, cheiro próprio desses lugares longe das cidades grandes. Esse cheiro marca, está presente em todos os espaços rurais que já estive até hoje. (excerto de Diário de Bordo de Cinthia)

Essas percepções estiveram comigo todos os momentos que fui até o distrito de São Valentim/RS. No distrito está impressa sua história, a agricultura (plantações, campos), a pecuária (vacas, bois) e os carreteiros (monumento em homenagem).

2.4.2 A Escola José Paim de Oliveira: um espaço de convivência

Há 17 km do município de Santa Maria/RS, trilhando a RS 158, encontrei a escola José Paim de Oliveira. No caminho, residências a beira da estrada, campos verdes e abertos, com animais de grande porte sob a grama que embeleza por onde se passa. Esse caminho antigamente era de terra, chão, pedras, dificultando o acesso dos professores, funcionários e alunos. Agora, asfaltada, bem arborizada, bem populosa, com plantações e animais de grande porte nas paisagens que enchem nossos olhos ao longo do percurso.



Figura 11 – Frente Escola José Paim de Oliveira
Fonte: Arquivo da escola José Paim de Oliveira



Figura 12 - Placa presente na beira da RS 158 informando presença de escola.

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Alguns buracos na estrada mostram que essa estrada é bastante utilizada pelos motoristas que se destinam às cidades que estão longe dali. Antes mesmo de enxergar a escola, já avistamos duas placas na beira da estrada que chamam a atenção para a existência de uma escola nas proximidades - “Cuidado. Escola.”

A escola não fica na beira da faixa, mas é próxima ao se dobrar a rua à esquerda da estrada. Há, mais ou menos, 100 metros, localiza-se a escola pelo qual encontrei a professora colaboradora dessa investigação. Dias frios estavam predominando, já que estávamos no alto do inverno e, no meu diário de bordo, defini a escola assim:

fria - não pelo recebimento das pessoas da escola, e sim pelos ventos gelados que invadem os corredores da escola; aberta - corredores abertos com correntes de vento que dói os extremos do corpo. Corredores vazios, crianças nas salas de aula de portas fechadas se esquivando do frio cortante; simples - o valor da simplicidade é de ouro. Ali onde a internet não chega e o sinal do telefone mal chega, há crianças em busca da palavra; escola-sem-nome - não há identificação na escola. (excerto retirado do Diário de Bordo de Cinthia)

Passei pelos arredores da escola e, percebi poucas casas, simples, pequenas, espaçadas umas das outras. Entre elas, plantações que tomam o sol, o vento e a chuva e a estrada é de chão.

A escola José Paim de Oliveira fica na divisa de São Valentim/RS com Dilermando de Aguiar/RS e atende crianças que vêm de outras localidades também. Essas crianças, em sua maioria, são alunos bem rurais, são aqueles que lidam no campo com o pai e mãe, lidam com a agricultura, com os animais; tem aqueles que são de periferia, que têm suas dificuldades, mas não têm lida no campo; e aqueles que são os chamados pela professora Vânia “urbanizados”, que são os que não vão ao campo, não lidam com animais, têm carro, têm computador, a casa é cimentada, “Porque hoje é muito comum você encontrar uma vida bem

urbanizada aqui dentro da zona rural, é só ter capital” (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia). Esses são os perfis de alunos que a escola atende atualmente.

No Projeto Político Pedagógico da escola constam alguns objetivos que se direcionam para o meio rural, como, por exemplo: “oferecer um ensino de qualidade adequado à realidade do meio rural que contribua para a autopromoção do homem do campo e sua valorização” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p. 2), trazendo que a escola preocupa-se com a questão do meio onde estão inseridos, a preocupação em ensinar de acordo com as vivências dos alunos e de estimular neles a valorização da sua história, da sua cultura. Também, no perfil dos educadores/as consta que eles “sintam amor e prazer para educar, tendo respeito pelo meio rural, pelo seu povo e pela sua cultura” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p.15). Ao longo das páginas do Projeto Político Pedagógico, verifiquei a valorização que a escola confere à cultura do aluno rural.

Além disso, no Currículo da escola consta a presença da disciplina Técnicas Agrícolas, visando ao contato dos alunos com a terra, as plantas, os alimentos, situações que fazem parte do dia-a-dia da maioria dos alunos que frequentam a escola José Paim de Oliveira.



Figura 13 – Alunos na aula de Técnicas Agrícolas (lida com a horta)

Fonte: Arquivo da escola José Paim de Oliveira



Figura 14 – Alunos na aula de Técnicas Agrícolas (lida com a horta)

Fonte: Arquivo da escola José Paim de Oliveira

Outro aspecto importante a ser escrito é com relação ao transporte escolar. São disponibilizados dois ônibus para buscar os alunos em suas moradias, sendo seus trajetos muito longos. Os alunos que estudam na Escola José Paim de Oliveira vêm das mais diversas localidades pertencentes ao distrito de São Valentim/RS. Um ônibus chega a fazer 64 km até chegar até a escola, resultando 128 km de ida e volta. As crianças que moram longe da escola demoram cerca de 1 hora até chegar a ela.

Uma das atividades que estava sendo feita logo quando cheguei na escola para realizar a pesquisa era a construção pelos professores e pelos alunos de um painel com o trajeto do ônibus. Cada localidade colocada nesse painel tinha um número que se referia a algum aluno, demonstrando a sua moradia. Essa atividade foi importante, pois permitiu a todos o conhecimento sobre a amplitude do distrito onde residem.



Figura 15 – Painel construído pelos alunos e professores do trajeto que o transporte realiza até a chegada na escola.

Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Através dos encontros e contatos que tive oportunidade em ter durante o período de coleta de informações, percebi a união de todos que fazem parte da escola, a fim de contribuir para a educação de cada criança que ali estuda, trabalhando sempre com a auto-estima, com a importância do estudo para a vida pessoal de cada um, valorizando o seu lugar de origem, que é o distrito de São Valentim/RS.

2.5 O rural estudado e o pesquisado: relações a partir das vivências no meio rural e olhares sobre um contexto

Ao mencionarmos a palavra “rural”, logo pensamos em campos, natureza, animais, agricultura. Chegamos, inclusive, a atribuir significado àquela palavra a partir desses termos. No entanto, atualmente, estamos vivenciando um período em que no rural não existem apenas atividades agrícolas, campos abertos e animais. Por essa razão, há uma discussão intensa entre os estudiosos que se interessam pelo ruralismo da atualidade em definir o significado do termo “rural”. De acordo com Endlich (2010, p. 13), em seu artigo denominado “Perspectivas sobre o urbano e o rural”, o espaço rural e, também, o urbano têm sido tratados e caracterizados por diversos pontos de vista, ou seja, a partir de vários e diferenciados aspectos. Entre esses, podemos destacar:

“Limites oficiais ou delimitação administrativa - o rural e o urbano como adjetivos territoriais”, segundo Endlich (2010, p. 13) - esse aspecto caracteriza os diferentes espaços pela administração de cada território. Traz ainda que o significado da palavra “rural” está estritamente ligado - de acordo com o dicionário, àquilo que é relativo ao campo; “urbano” caracteriza-se por afável, polido, civilizado.

“A definição de um patamar demográfico - o rural como dispersão e o urbano como aglomeração”- (Ibid., p. 13), nesse aspecto o rural é considerado aquele que vive menos pessoas; e o urbano aquele que tem maior população.

“Densidade demográfica - urbano e rural expressos em número de habitantes por quilômetro quadrado” (Ibid., p. 13) - aqui, o que é considerado é o número de habitantes por quilômetro quadrado. Sendo, espaço rural aquele que tem um número menor, reduzido.

“Ocupação econômica da população - urbano e rural definidos pela natureza das atividades econômicas”- (Ibid., p. 13) nessa perspectiva o rural está preso às atividades agrícolas, agropecuárias, enquanto o urbano relaciona-se às atividades industriais.

Como visto, a partir dos aspectos mencionados anteriormente, a questão da definição do que é rural e o que é urbano pode partir de vários pontos de vista. No entanto, acredito ser pertinente remeter a uma citação de Bernardelli (2010, p. 33) onde considera que ao conceituar o espaço rural devem ser respeitadas “as particularidades e singularidades geográficas [...]”, e assim sendo “impedem que se possa chegar a uma definição precisa,” já que o contexto deve ser respeitado no momento de definir conceitos que caracterizarão um lugar específico. Para Moreira (2005)

Nos debates, o rural tende a ser visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. A compreensão da imagem do rural implicaria, portanto, a compreensão dos contornos (o espaço ecossistêmico), das especificidades (o lugar onde se vive) e das representações (o lugar onde se vê e se vive o mundo). As ruralidades que emergem referir-se-iam, portanto, às relações específicas dos habitantes do campo com a natureza e as relações próprias de interconhecimento destas relações, densificadas pelo conhecimento e pela comunicação direta. (MOREIRA, 2005, p. 21)

Percebe-se que a definição sobre o rural está muito além de características pré-definidas. Para definir esse espaço é necessário levar em consideração outras questões que são especificidades de cada espaço. Esse espaço é formado pelas pessoas, pelo meio ambiente e pelas relações que nele se estabelecem e é por essa razão que definir a ruralidade na atualidade está muito além de estabelecer critérios pré-definidos, e sim, respeitar as particularidades que circundam os contextos, pois, de acordo com Carneiro (1997, p. 1) “não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos”.

Além disso, acredito que as discussões realizadas a respeito da ruralidade têm em suas origens a distância que é cada vez menor entre o urbano e o rural. Antigamente, essa diferença era demarcada pelas questões econômicas e espaciais muito bem definidas. Contudo, apesar dessa proximidade existente entre essas zonas, concordo com Carneiro (1997, p. 4) quando manifesta que “as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural”, apenas emerge a necessidade de construir um novo paradigma sobre o rural.

O problema na questão da nomenclatura desses espaços começa pelo equívoco de que rural equivale ao atraso, ao imbecil, ao medíocre, ao jeca-tatu. Para Bagli (2010, p. 85), “Campo e cidade deixam de representar espaços diferenciados para tornarem-se realidades antagônicas. Diferenças que fundaram desigualdades. Desigualdades que geraram um processo de hierarquização entre as pessoas”, colocando o urbano como civilizado e o rural como incivilizado. Essa confusão de paradigmas, vigentes em cada época, contribuiu para os grandes debates existentes na temática sobre a ruralidade nos dias atuais, pois o rural ultrapassa os costumes culturais, as atividades econômicas, a divisão do trabalho, que existia antigamente.

Conforme Bernardelli (2010, p. 41), “Estudos têm demonstrado que, desde meados da década de 1980, o emprego agrícola tem decrescido, mas, em contraposição, a população rural ocupada (PEA rural) vem mostrando uma ampliação”. Nessa conjuntura, é notável que a

população da zona rural já não exerce estritamente as atividades agrícolas. Bernardelli (2010, p. 47) nos traz também que “o que temos são novos elementos que resultam de transformações históricas no processo de produção do espaço”, transformações essas que necessitam ser consideradas quando o objetivo é definir de que zona rural estamos falando.

2.5.1 Vivências compartilhadas no meio rural

Acredito ser pertinente apresentar aqui um pouco sobre o rural que encontrei ao longo dessa investigação. Espaço esse que possui suas particularidades e especificidades quanto as suas atividades econômicas (prevalência da agricultura e pecuária), as características ambientais e as relações interpessoais que se estabelecem, aqui especificamente entre professor-aluno-meio.

A zona rural do município de Santa Maria é descrita por Santos (1993) em sua Dissertação de Mestrado como

a zona rural de Santa Maria pode ser definida, num sentido amplo, como o espaço físico e humano do município formado pelas áreas de campo, onde predominam as atividades agropecuárias. Nessas áreas verifica-se uma distribuição mais esparsa da população em comunidades rarefeitas e de pequeno porte, psicossocialmente mais homogêneas, com menor número de estratos sociais, porém mais rígidos e com menor grau de mobilidade social vertical. As relações humanas e homem-terra são mais intensas e o convívio sócio, embora mais profundo, dado o isolamento habitacional, ocorre uma dimensão menos abrangente. (SANTOS, 1993, p. 53)

Partindo da citação trazida anteriormente, podemos perceber que as atividades agropecuárias são as mais encontradas nas zonas rurais do município de Santa Maria/RS, mas não são únicas e exclusivas. Hoje, existem atividades industriais no espaço rural, sendo esse aspecto defasado quando se refere à caracterização dessa zona rural. Em Santos (1993, p. 53) também consta que “a zona rural de Santa Maria refere-se ao espaço geo-político-administrativo ocupado pelos oito distritos que circundam o distrito-sede, a cidade, essa com seu centro e bairros considerada zona urbana”. O distrito onde a professora participante dessa pesquisa reside e trabalha é um desses oito, sendo caracterizado através da história das carreteadas que deram origem às estradas que hoje permitem o tráfego de veículos e pessoas que lá residem, como já descrito anteriormente.

As perspectivas descritas no sub-item anterior, defendidas por diferentes autores apresentados por Endlich (2010), procuram delimitar o espaço rural, buscando diferenciá-lo, de acordo com algum critério, o rural e o urbano. No entanto, todos os aspectos apresentados anteriormente foram criticados, pois, de acordo com Endlich (2010, p. 19), “Estabelecer o rural e o urbano a partir dos critérios mencionados, de forma descontextualizada, sem analisar a historicidade presente nos fatos e processos, parece estático demais”.

Nesse sentido, foi necessário considerar de que rural estamos falando nessa investigação. Essa questão é alvo de muitos estudiosos que se dedicam à questão das ruralidades na atualidade. Há os que acreditam que esse espaço já não se caracteriza como rural, considerando-o uma extensão da zona urbana. Isso, porque no meio rural da atualidade, podemos verificar o acesso à internet, o funcionamento de um telefone, uma casa de cimento, coisas que, antigamente, não eram visíveis nesse espaço. A colaboradora dessa investigação também nos relatou quanto a essa questão.

Nós, principalmente a mulher, paga um preço bem alto por essas conquistas. O que que era uma mulher rural quando eu me casei? Plantando uma hortinha, cuidava o filho, mas a gente tinha tempo de ir na missa, tinha tempo de ir na casa da vizinha fazer bolachinha, fazer bolo, a gente tinha tempo de trabalhar pra uma festa, por quê? Porque não se tinha o conforto que se tem hoje, nós pagamos caro pelo conforto que temos. Eu morei aqui fora numa casa de chão batido, onde molhava com um regador, passava a vassoura e carpinxo. A mulher rural quer aqui, o que se tem lá. Antigamente a vida era mais tranquila, não tenho dúvida. (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia)

Por muito tempo a ruralidade esteve ligada ao trabalho agrícola que, basicamente, era a fonte econômica que movimentava a economia dessa localidade. No contexto dessa pesquisa, por exemplo, a colaboradora nos relatou, por diversas vezes, as famosas carreteadas que, inclusive, deu origem à localidade de São Valentim/ RS. Essas carreteadas foram, por muito tempo, a base econômica desse distrito, pois foram elas que possibilitaram às pessoas que residiam na zona rural nutrir suas necessidades básicas. De acordo com o site da Prefeitura de Santa Maria, “Os carreteiros, vindos da fronteira e região, se alojavam nessa localidade para descansar antes de seguir viagem, criando ali uma rota para a região central do país”.



Figura 16 – Estrada utilizada pelos carreteiros. Atualmente permite aos moradores de São Valentim o tráfego no distrito.

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Vânia



Figura 17 – Foto de uma carreta.

Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Vânia

Ainda hoje, a maioria dos moradores do distrito de São Valentim/RS lida com a terra e com os animais para abastecer suas necessidades. Nessa localidade, há pessoas que trabalham em sua própria terra e outros ainda que fazem serviços para esses donos, recebendo por eles diariamente. Conforme a colaboradora dessa pesquisa, a grande maioria das crianças que estudam na escola José Paim de Oliveira são filhos dessas pessoas que trabalham para os donos das terras.

Uma característica muito marcante nas professoras e crianças que me receberam durante o período de coleta de informações foi a receptividade, a confiança demonstrada por todos em mim depositada. O afeto, carinho e amor pela escola, pela comunidade, pelo espaço da zona rural, pelas relações que eles têm na escola, já que, na maioria das vezes, a criança chega à escola com idade pré-escolar e sai de lá com o 1º grau completo. Acredito que esse tempo de convivência faz com que se desenvolvam laços afetivos muito fortes entre o grupo docente, as crianças que vão até a escola e suas famílias. Lá, as pessoas são mais próximas.

Também, a escola proporciona aos alunos momentos de conhecimentos sobre o Distrito de São Valentim/ RS, sobre os espaços que compõem esse Distrito. No dia 06 (seis) de setembro de 2011 o grupo de professores organizou uma Caminhada pela Paz, direcionando os alunos à Capela do Distrito. Lá ressaltaram a importância dos sentimentos bons para a efetividade da Paz, tão almejada por todos. No meu Diário de Bordo, defino a capela assim: “Pequena, mas aconchegante, com vários bancos de madeira dispostos, assim como em qualquer outra igreja católica. O altar com a imagem da Nossa Senhora Aparecida”.



Figura 18 – Capela do distrito.
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Outra característica muito marcante é com relação à valorização de cada um que reside na zona rural. Isso foi sempre trabalhado pelas professoras da escola José Paim de Oliveira. No dia 11(onze) de outubro foi comemorado o dia da criança, através de oficinas de penteados para os meninos e meninas, embelezamento das unhas, tatuagens, cuidados com o corpo.

Crianças em movimento. Algumas correm, outras caminham e outras ainda sobem nas árvores presentes no pátio da escola. Nesse dia, o principal objetivo da atividade, era despertar nas crianças a valorização dos cuidados de si, trabalhar a autoestima que, muitas vezes, foi perdida. Tinha serviços de cabeleireiro e manicure para as meninas e os professores homens cuidavam dos meninos no futebol. Após os cuidados as meninas realizaram um desfile para mostrar suas belezas que estavam potencializadas naquele dia. Valorização da criança da escola rural. Muito legal. (Diário de bordo de Cinthia, 11 de outubro de 2011)



Figura 19 – Comemoração do Dia das Crianças (fila para desfile das meninas arrumadas)
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

Durante o período de coleta de informações, tive oportunidade de compartilhar vários momentos com as pessoas envolvidas com a escola José Paim de Oliveira. Outra atividade foi a Visita à Biblioteca Pública, onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a história da criação da biblioteca e de assistir ao conto de histórias infantis. O que mais me impressionou nesses momentos foi a organização, o respeito das crianças com seus professores, a cooperação entre elas e a curiosidade sobre aquele mundo que está tão longe de alguns.



Figura 20 – Visita dos alunos da Escola José Paim de Oliveira a biblioteca pública.
Fonte: Arquivo pessoal de Cinthia

As vivências que tive durante a fase de coleta de informações proporcionaram-me compartilhar das relações que se estabelecem no distrito de São Valentim/ RS e na Escola José Paim de Oliveira. O aspecto mais latente foi a afetividade presente nas práticas das professoras, dos alunos entre si e com os demais funcionários da escola. Pude perceber a

importância que aquele meio tem na vida de cada um que lá vive, a valorização dada pelas pessoas à história do distrito, daquela “terra” que muitos vivem há anos. O comprometimento compartilhado pelos professores e pelos alunos aquele meio, que às vezes é considerado, por muitos, como incivilizado.

CAPÍTULO 3 - AS CONCEPÇÕES DA PROFESSORA SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

As palavras estão sempre em movimento. Aprendê-las também é um movimento. Um movimento de busca por aquilo que ainda não se sabe e nem mesmo se entende. Essa investigação propôs a uma professora alfabetizadora a narrar suas concepções sobre esse processo de busca que, geralmente quando crianças, todos os seres humanos passam. Ressalto o sentido da palavra processo, pois é nele que o objetivo central dessa pesquisa debruça-se: Investigar as concepções de uma professora alfabetizadora do meio rural sobre o processo de leitura e escrita.

Mas, por que não a alfabetização? Qual o motivo pelo qual essa pesquisa tem como seu principal alvo o processo que transcorre o aprendizado das letras, sílabas, palavras, frases? Essa questão merece ser aqui respondida. Primeiramente, investigar sobre as concepções sobre o processo que acontece na aprendizagem da leitura e da escrita merece, na minha opinião, uma atenção diferenciada, na medida que é ela que guia as práticas e atitudes do professor no momento de ensinar. Segundo: acredito que os processos são mais importantes do que os resultados finais. Entender o processo antecede o ato de alfabetizar.

Durante essa investigação, busquei caminhar na direção da resposta do meu problema de pesquisa e de atingir aos objetivos propostos inicialmente. Utilizei vários recursos metodológicos que me possibilitasse sanar as dúvidas e as questões que cabe a eu responder nesse momento. Busquei, através dos encontros de aproximação, da entrevista semi-estruturada realizada e do relato autobiográfico, trazer através da história de vida da professora colaboradora elementos que me permitissem desenvolver essa investigação.

3.1 Memórias de uma professora alfabetizadora: influências na prática pedagógica

Nossas memórias estão sempre sendo elencadas quando necessitamos lembrar alguma coisa. Precisamos dela para poder viver, pois sem ela seria impossível sobreviver aos acontecimentos do passado. É esse elemento que nos possibilita lembrar as situações felizes

de nossas vidas, ocasiões tristes e difíceis e (re)significar situações do passado, a fim de olhar com a experiência acumulada de hoje essas lembranças. Estudos, como os de Antunes (2005, 2010, 2011), vêm sendo desenvolvidos a respeito da influência que a memória exerce na prática do professor. Seus achados demonstram a influência que as memórias do tempo de escola de professoras alfabetizadoras exercem na sua escolha profissional e nas suas práticas alfabetizadoras, destacando que “As lembranças da escola não fazem parte somente do mundo infantil, mas encontram-se vivas nas histórias de vida de muitas professoras” (ANTUNES, 2010, p.33). No mais, Antunes (2011) aponta que a

Memória docente deve ser entendida como um pressuposto significativo para que se possa compreender que o eu profissional não se desarticula do eu pessoal, e que a maneira como o professor desenvolve os processos de ensino-aprendizagem está influenciada pelas lembranças de sua formação. Desde o primeiro contato com a escola, como aluno da Educação Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e universitário, incluindo também as experiências com profissionais, todas essas vivências repercutem nas suas ações. (ANTUNES, 2011, p. 45)

As lembranças escolares, o magistério, o curso de Pedagogia, os cursos de formação continuada, todos esses dispositivos que servem de formação para o professor, nos vários momentos de sua profissão, contribuem significativamente para a construção do professor alfabetizador. O excerto da entrevista realizada com a professora Vânia contribui nesse sentido.

Eu acredito que hoje, a metodologia que eu uso, as dinâmicas que eu uso em sala de aula, ela é resultado de uma influência de toda a minha caminhada, da forma como eu me alfabetizei, da didática que eu tive da alfabetização lá no magistério, quando eu fiz a didática da alfabetização lá no magistério, que quando eu fiz a didática da alfabetização lá no Olavo Bilac, eu enxergava as minhas aulas que eu tive na primeira série, isso eu tenho a nítida certeza. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

A memória, além de permitir e possibilitar que o professor crie estratégias a partir das lembranças que têm da sua escolarização, do seu curso de magistério e Pedagogia - dispositivos vivenciados pela professora Vânia -, também contribui no sentido de adotar práticas inovadoras na área da alfabetização. O processo de construção do eu profissional é articulado às memórias que as professoras têm de seu tempo de escolarização e a formação inicial e continuada que as mesmas estiveram dispostas ao longo do seu processo de formação formal. Antunes (2011) defende a utilização da memória na formação do professor no sentido de que

a memória possa configurar-se como uma possibilidade de reflexão contínua desde a escolha profissional até o exercício do Magistério e também de modo a que as boas e más lembranças não sejam esquecidas, porque elas servem de alerta para que a prática docente não incorpore, ao longo dos anos, aspectos que não contribuem para o aprendizado dos alunos tais como: o desânimo, a falta de esperança, a tristeza, o repasse de conhecimentos sem vida e sem criação. (ANTUNES, 2011, p. 46)

Através do uso da memória, considerando-a como possibilidade de refletir sobre ações docentes passadas, é oportunizado ao professor momentos de reconstrução das práticas vivenciadas dentro das salas de aula e a não acomodação em práticas que já não dão mais certo com os alunos. Essa seria uma estratégia para a não acomodação, a falta de criatividade, a práticas fracassadas em seus objetivos. Para Guedes-Pinto et al (2008, p. 17), “a memória não é entendida como sinônimo de um depositário de lembranças, ou como um relicário; ela é compreendida como possibilidade de mudança”, na medida em que suas ações passadas já não dão mais certo no presente.

Como visto anteriormente, a prática da professora alfabetizadora Vânia sofre influência de vários momentos destinados à construção do seu “eu profissional”. Quando questionada sobre a influência que suas lembranças escolares exercem na sua prática atualmente, a professora Vânia menciona que

Eu acredito que elas influenciam na minha prática, porque entre todas as formas que eu já vi alfabetizar, que eu participei, que eu já vi, que eu tentei, o método da silabação é o que eu mais utilizo. Pode ser um método antigo, pode ser um método tradicional e eu lembro as formas que a professora tratava. Não tenho isso como um espelho, mas acredito que esse método alfabetiza. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

A crença da professora que o método da silabação “dá certo” justifica-se pelo fato de que, quando ela era criança, o método deu certo para ela como aluna. Atualmente, também o utiliza acreditando na eficácia desse método na aprendizagem da criança e até mesmo pelas suas experiências positivas no seu uso como alfabetizadora. No entanto, ao mesmo tempo em que utiliza esse método considera-o ultrapassado, já que nos dias atuais os estudos sobre a alfabetização estão sendo aflorados e o processo visto de outra forma.

A partir da universalização do ensino, a escola começa a receber um número significativo de crianças e adolescentes em busca de conhecimentos e de seu direito ao ensino. A escola, por sua vez, deveria criar estratégias e maneiras de ensinar esses indivíduos, principalmente a ler e escrever. Assim, surgem as metodologias de alfabetização, no intuito de permitir aos clientes da escola o acesso ao mundo da leitura e escrita (FRADE, 2007). Nesse

sentido, a autora contribui trazendo os marcos fundamentais dessas novas (e iniciais) metodologias.

Na história dos métodos temos dois marcos fundamentais: aqueles métodos que elegem sub-unidades da língua e que focalizam aspectos relacionados às correspondências fonográficas, ou seja, o eixo da decifração e os métodos que priorizam a compreensão. Ambos têm como conteúdo o ensino da escrita, mas diferem em pelo menos dois aspectos: a) quanto ao procedimento mental, ou ponto de partida do ensino que se daria das partes para o todo nos métodos sintéticos e do todo para as partes nos métodos analíticos; b) quanto ao conteúdo da alfabetização que ensinam. (Ibid., p. 22)

Os métodos sintéticos, aqueles que vão das partes para um todo, compreendem: o método fônico, o método silábico e o método alfabético (FRADE, 2007). Esses métodos partem do princípio, seguindo a sequência acima: do som, da sílaba e do alfabeto. Detemo-nos aqui, no método mais utilizado pela professora colaboradora dessa pesquisa, que é o método silábico, como mencionado no excerto da página anterior.

O método silábico parte da sílaba para a formação das palavras. Conforme Frade (2007, p. 23) “Os silabários eram apresentados com sílabas em todas as combinações e a estratégia era cantá-las e memorizá-las”. Esse método foi utilizado como técnica pela professora Vânia, por acreditar na sua eficácia e no resultado positivo com relação ao aprendizado da leitura e escrita pela criança. Através dos excertos colocados abaixo podemos perceber como o uso desse método de alfabetização marcou na sua trajetória como aluna no seu tempo de alfabetização e de professora como alfabetizadora.

Eu lembro assim ó [...] bem claramente de como foi, eu lembro da professora, lembro do livro usado, lembro até de algumas atividades que ela dava no quadro. E eu tinha muito prazer em aprender a ler, eu adorava. Lembro das atividades trabalhadas, ela trabalhava pelo método da silabação, daí através da sílaba tu ia formando palavras, ia montando palavras. E quando a gente chegava na aula, num determinado dia, ela marcava para nós apresentar pra ela as palavras novas, que a gente conseguiu descobrir. Ela dava palavra assim: o TA, o LA, o MA e a gente ia montando palavras. A gente ia no quadro, escrevia. Então eu lembro que foi prazeroso. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

Eu lembro quando eu aprendi a ler, de como eu fui compreendendo de que o BO de BOLA é o mesmo BO de BONECA. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

Partir do nome de cada um foi um passo muito importante. Mas eu sempre iniciei pelas sílabas. Por exemplo: João- Coração- JO-JÁ (janela), ÇÃO-ÃO. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

Ainda conforme Frade (2007), o método silábico, apesar de muito criticado pela falta de um contexto e de sentido, ainda é muito utilizado pelas professoras alfabetizadoras. Como

foi possível perceber, as memórias da professora Vânia, do seu tempo de alfabetização, tiveram importância significativa na sua maneira de alfabetizar. No entanto, apesar disso, também considera como um método ultrapassado, utilizando-o pelas suas experiências positivas com seus usos, tanto como aluna como professora alfabetizadora. Além disso, como será visto nos próximos capítulos, a “forma” de alfabetizar foi sendo construída ao longo da sua experiência profissional.

3.2 As influências de um contexto na prática alfabetizadora

O conceito de alfabetização sofre mudanças desde a antiguidade. Como lidar com o conhecimento e como ele deveria ser “transmitido” eram as questões que norteavam essa temática. Pérez (2008) aponta que

Dos ideais humanistas da Reforma Protestante no século XVI à concepção de *Alfabetização como Liberdade* que informa a Década das Nações Unidas para a Alfabetização da Unesco (2003-2012), verificam-se mudanças significativas no conceito e na forma de praticar a alfabetização. (PÉREZ, 2008, p.178, **grifo do autor**)

Pérez (2008) nos traz contribuições em seu artigo que, apenas na leitura do título mostra, por si só o principal assunto do texto: “Alfabetização: um conceito em movimento” (Ibid., p. 178). Através desse trabalho, a autora mostra os vários conceitos que a alfabetização teve ao longo do período histórico. Na antiguidade clássica, o conhecimento era passado através do diálogo e a leitura era priorizada, ficando a escrita para segundo plano. Isso pelo fato de que a leitura era necessária para a conferência de registros (Ibid).

A era medieval foi marcada pelo monopólio da igreja católica com relação à escrita e à leitura. A atividade de leitura era apenas para os Salmos que contêm na Bíblia da Igreja Católica. O ensino da leitura e escrita era praticado pela memorização da sequência das letras de uma palavra, conforme Pérez (2008, p. 181), “a oralização (e a memorização) era o “método” utilizado para que o aprendiz associasse o sinal gráfico ao significado da escrita” (**grifo do autor**).

Foi a partir da Reforma Protestante que as práticas de leitura e escrita começaram a expandirem-se, de maneira a atingir mais a população. Nesse período, “A leitura passa a ser condição fundamental da salvação” e “A religião constituía a base da educação e

alfabetização (com ênfase na leitura)” (Ibid., p. 183). Seu ensino ainda estava associado à Igreja Católica, no entanto a instituição família começa a ser responsável pela instrução das suas crianças. Vale ressaltar que, nessa época, ser alfabetizado significava saber escrever e assinar o nome.

A Revolução Francesa trouxe a possibilidade de universalizar a alfabetização, permitindo o acesso de todos ao mundo da leitura e da escrita. Nesse sentido, a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão “busca garantir os direitos de igualdade, liberdade e propriedade, atribuindo à educação um papel redentor na conquista da cidadania” (Ibid., p. 187), sendo a primeira vez que é mencionada a educação como necessária para as pessoas alcançarem a cidadania. Aqui, “o indivíduo alfabetizado é um indivíduo instruído, um cidadão capaz de cumprir seus deveres e lutar por seus direitos” (Ibid., p. 187), demonstrando, com isso, a evolução que o conceito de alfabetização sofre nesse período.

Apesar da “universalização” da alfabetização, a mesma restringia-se, no século XVI, aos homens com poder aquisitivo elevado e ainda era ligada à igreja católica, pois permitia a vinculação da população a práticas dessa instituição. É nesse período histórico, que começa a se pensar sobre métodos da alfabetização, surgindo o método da soletração e a silabação. Podemos perceber que esses métodos ainda são utilizados, depois de 5 (cinco) séculos de existência. Professora Vânia, colaboradora dessa investigação, mostrou em excerto já utilizado anteriormente, a sua preferência por esse método de alfabetização.

A instauração do capitalismo na Europa nos séculos XVIII e XIX mudou a visão, até então utilizada, sobre a alfabetização. Nesse período “Difunde-se, [...], a escola de massa e a alfabetização universal como condição básica do processo de modernização das sociedades ocidentais” (Ibid., p. 191), interligando a educação a ascensão das sociedades.

De acordo Pérez (2008), no ano de 1920, 65% da população brasileira era analfabeta, isto é, 11.409.000 de um total de 17.564.000 de habitantes não sabia ler e escrever. No ano de 1932, iniciaram-se as idéias da Escola Nova que defendia a educação como direito de todos tratando-a como questão social (Ibid., p. 194). Começa-se a aceitar a idéia de participação ativa do aluno no processo de aprendizagem e de que esse processo dependia da maturidade e prontidão de cada um.

A partir da década de 1950, através de estudos de Jean Piaget (1975), começou-se a acreditar que o conhecimento era construído pelos indivíduos e que dependia das possibilidades e maturidades de cada um. A esse processo denominou-se Construtivismo. De acordo com Bregunci (2009)

Construtivismo é uma concepção ou uma teoria pedagógica que privilegia a noção de “construção” de conhecimento, efetuada mediante interações entre o *sujeito* (aquele que conhece) e o *objeto* (sua fonte de conhecimento). Essa concepção busca superar as concepções que focalizam apenas o empirismo (questões ligadas a percepções ou à estimulação ambiental) ou à pré-formação de estruturas (condições ligadas a aspectos inatos ou advindos da maturação). (BREGUNCI, 2009, p. 13)

Portanto, a alfabetização, com essa nova concepção de construção do conhecimento, começa a ser considerada também como uma construção. É na década de 1970, que Emília Ferreiro (1989), propulsora nos estudos sobre construtivismo na alfabetização, transpõe o construtivismo para o processo de leitura e escrita, estabelecendo a Psicogênese da aquisição da Língua Escrita (FERREIRO, 1989). Esse processo compreende que existem hipóteses que cada criança avança no seu aprendizado da língua escrita, sendo que essas hipóteses possuem características próprias. Nessas hipóteses, as crianças experimentam a escrita, através de etapas bem específicas descritas por Ferreiro (2001).

A nova corrente, denominada de Construtivismo, toma força na década de 1980. Nesse período, começa, com maior intensidade, as discussões teóricas e metodológicas dessa concepção do conhecimento. Nessa investigação, a professora Vânia teve seu início de carreira no ano de 1983, ano emergente nas discussões sobre o Construtivismo. No entanto, conforme excerto abaixo, os três primeiros anos de exercício foram marcados pelo ensino a partir da repetição.

Eu alfabetizei na base da repetição e isso aconteceu durante uns três anos, que eu fui aprendendo na marra. Daí nós tínhamos alguns encontros, com os professores da zona rural, e nesses encontros nós trocávamos idéias. A gente trocava de caderno, pegava material uma da outra, e foi indo, indo, indo. E eu fui concebendo a minha forma de alfabetizar dessa forma, pegando um pouquinho de cada professor, um pouquinho de cada cartilha, um pouquinho de cada coisa. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

No início de sua carreira, professora Vânia teve muitas dificuldades em alfabetizar, pela sua falta de experiência e conhecimentos sobre os métodos de alfabetização. O trabalho em grupo, coletivo, as reuniões que ocorriam na SMEd permitiram-lhe novos olhares e idéias de como alfabetizar. Após os três anos de incertezas nas maneiras e métodos eficazes na alfabetização, a professora Vânia teve acesso ao Construtivismo, pois o mesmo estava, conforme ela, “no auge”. Apesar disso, quando questionada sobre a base teórica do Construtivismo, sobre seus conhecimentos das hipóteses descritas por Ferreiro (1989) na Psicogênese da Língua Escrita, Vânia nos diz que

Construtivismo vem da palavra construir, ele que vai construir, ele que vai conceber, daí começamos a trabalhar com as sílabas, a criança tem que criar, tem que construir, é construtivismo, vou construir as palavras então. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Nesse sentido, as práticas da professora Vânia sofreram influências do período histórico que se encontrava, achando no Construtivismo uma maneira de guiá-la no seu início de carreira, já que as dúvidas e as incertezas sobre como alfabetizar pairavam no seu dia-a-dia como alfabetizadora. Podemos observar que o construtivismo era considerado pela professora Vânia a partir do termo “Construtivismo”, porém não tinha estudos dessa vertente teórica que pudessem lhe dar um embasamento sobre essa teoria do conhecimento. Apesar disso, professora Vânia tinha consciência da base dessa teoria, partindo da idéia de que o aluno é que constrói o seu conhecimento sobre a leitura e a escrita. De acordo com Bregunci (2009, p. 66), o Construtivismo acredita em “um sujeito ativo que busca adquirir conhecimento e que o adquire a partir de sua ação e interação com objetos (estes entendidos em sentido amplo, isto é, como constitutivos do meio físico e socioafetivo)”, um sujeito que participa e constrói o seu conhecimento, como mencionado pela professora Vânia no excerto acima.

A teoria Construtivista também nos traz a valorização do professor. As crianças perpassam as hipóteses descritas por Ferreiro (1989), mas o professor também tem um papel importante nesse processo. Para a autora, o professor tem o papel de mediar o conhecimento, aceitando a idéia de que o aluno traz conhecimentos sobre a língua escrita de fora da escola, já que a escrita encontra-se em todos os lugares e não apenas dentro da instituição escolar. Professora Vânia nos fala um pouco sobre essa questão.

Eu vejo no processo de leitura uma certa magia, é uma certa coisa assim que o ser humano constrói, eu vejo isso como um processo mágico. O professor influencia, a vida influencia, a família, a saúde da criança influencia muito nisso, mas eu vejo isso como uma magia. Tu pegar um aluno, que não conhece nem as letras do alfabeto, e dali 4-5 meses tu vê aquela criança lendo e compreendendo o que ele lê, eu tenho dificuldade de te dizer, qual é minha concepção desse processo todo. Eu vejo assim como uma coisa muito bonita, mas é algo que constrói. Eu fico triste de ver, eu tenho crianças agora com seríssima dificuldade de aprender a ler, como que eu vou fazer dar esse estalo nessa criança, essa magia dessa compreensão. Eu não vejo assim ó, como resultado do meu trabalho só, da minha influencia sobre aquele aluno, eu vejo como uma caminhada, uma coisa muito bonita. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

O processo de aprendizagem da língua escrita é visto pela participante dessa pesquisa como uma caminhada junto ao aluno. A professora respeita a criança em seu processo de

construção, não atribuindo responsabilidade apenas ao seu papel como alfabetizadora, e sim aceitando a ideia que a criança participa desse processo.

O papel de um professor construtivista tem sido entendido como de um mediador e equilibrador de situações de aprendizagem, de interações e conflitos que ocorrem em sala de aula. A principal diferença em relação a uma postura considerada tradicional consiste em aceitar que também o aluno possui um repertório de conhecimentos ao entrar na escola e continua nessa construção ao longo de sua trajetória escolar. Assim, cabe ao professor não apenas transmitir o que ele sabe ou o que já se encontra sistematizado, mas também compreender os conceitos e as vivências reveladas pelos alunos a partir de seu universo sociocultural. (BREGUNCI, 2009, p. 27-28)

A partir da leitura acima, pode-se perceber o papel que o professor construtivista tem no processo de construção do conhecimento pelo aluno. Acredito ser importante ressaltar e (re)considerar sobre o papel ativo que a criança tem nessa construção e o respeito que o professor tem que ter a cada hipótese que o aluno passa até estar alfabetizado.

Os pressupostos teóricos que norteiam a teoria Construtivista guiaram, por muitos anos, a prática alfabetizadora da professora Vânia. A partir dos estudos desenvolvidos pelo corpo docente que frequentava as reuniões mensais na SMEd de Santa Maria, Vânia começou a construir o seu olhar sobre a alfabetização. Esse olhar foi influenciado pela Teoria Construtivista, já que na época de seu início de carreira, era o auge dessa teoria do conhecimento. No entanto, Vânia afirma em um de nossos encontros, sua resistência quanto a algumas etapas que o Construtivismo de Emília Ferreiro (1989) pontua no desenvolvimento da língua escrita.

Eu nunca consegui deixar a criança levantar hipóteses em cima do erro, isso eu nunca consegui. Se ela queria escrever janela, eu nunca considerei certo o J o N e o A, eu nunca consegui deixar essa criança chegar à conclusão de que JANELA tem que ter as 6 letras. Eu nunca consegui isso aí. E isso foi um jeito meu de alfabetizar, porque eu passei por outras escolas onde os professores “escreva do seu jeito”, SOFA ela podia bota o F e o A que era SOFA, e eu não sei o porquê que eu nunca consegui. E nunca ninguém me disse que tava errada, e se tentaram eu nunca aceitei, porque existem formas de a pessoa dizer que eu poderia não aceitar. E eu continuei trabalhando assim, se é pra escrever CARRETA é o CA. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Com a afirmação colocada acima, professora Vânia declara sua resistência ao construtivismo, já que o mesmo considera o erro como uma das etapas que a criança passa até sua alfabetização efetiva. A partir do erro, a criança constrói suas tentativas e cabe ao professor a responsabilidade de fazer o aluno avançar no seu conhecimento da língua escrita.

Um “bom construtivista” deve possuir, além do perfil básico de qualquer bom professor, claros pressupostos sobre a natureza do conhecimento, entendendo que ele não se encontra pronto, pré-formado ou transmitido apenas por um agente externo ao aluno. Deve tentar construir práticas coerentes com tais princípios na abordagem dos erros de seus alunos, nas avaliações, nas propostas dinâmicas de organização de grupos de trabalho. (BREGUNCI, 2009, p. 28)

Saber valorizar os erros, partir deles para a aprendizagem das palavras de nossa língua e respeitá-los no momento que o aluno está passando por essa etapa no seu processo de aquisição da escrita, são aspectos importantes que o professor que segue a teoria construtivista deve considerar. Vânia, na construção de sua concepção sobre o processo de leitura e escrita, perpassou por essa teoria, mas, no entanto, teve muita resistência quanto à valorização dos erros na aprendizagem da criança.

Veremos que, com o passar dos anos, Vânia reconsiderou suas concepções, rumando suas ideias e práticas para outra concepção sobre o processo da leitura e da escrita.

3.3 Ser professora: caminhos percorridos na profissão

Construir o “eu professor” não é tarefa que se acabe em um tempo curto e nem mesmo determinado. Essa construção é realizada com as experiências vividas, experiências de ensino que deram certo, como também lembranças de aluna, em nosso tempo de escolarização. Ser professor não é tarefa fácil, pois esse profissional é responsável por mostrar o mundo àqueles que ainda não o conhecem. Para isso, é necessário formar-se o tempo todo, de todas as maneiras possíveis, procurando ser o melhor a cada dia. Os caminhos percorridos pela Professora Vânia foram árduos, difíceis, porém significativos e determinantes na sua formação. Suas experiências de vida (profissional e pessoal), a levaram a construir o seu modo de ensinar, o seu modo de instruir e de mostrar aos seus alunos o certo e o errado, Antunes (2004, p. 22) aponta que “a prática docente está também relacionada às experiências de vida, aos processos de formação e à memória docente, evidenciando-se a partir daí uma relação entre o saber e o contexto em que esse saber é elaborado”, bem como também aponta Comarú; Oliveira (2011, p. 27) “somos pessoas, e isso não pode se separar de nossas escolhas”.

O desenvolvimento profissional é íntimo, particular e depende das experiências de cada um. No entanto, existem estudos como os de Antunes (2004), Huberman (1992), Isaia

(1992), Esteve (1999) que contribuem a essa temática, no sentido de entender como acontece o desenvolvimento profissional. Huberman (1992, p.47) aponta que durante os três primeiros anos de carreira o professor está na fase de “Entrada, tateamento”. Essa fase é uma etapa de dúvidas e incertezas em que o professor ainda não conhece a estrutura da escola, não sabe ao certo as melhores maneiras de ensinar, está tateando sua profissão. Nessa investigação, a professora Vânia nos relatou suas dificuldades em seu início de carreira, sua falta de método no momento de alfabetizar seus alunos, afirmando que sua maneira de alfabetizar nos três primeiros anos de sua carreira foi a base da repetição.

Entre 4 e 6 anos de carreira o professor passa pela fase, denominada por Hubermann (1992, p 47), de “Estabilização, consolidação de um repertório pedagógico”, em que o professor começa a entender seu verdadeiro papel dentro da escola e compromete-se com a sua profissão. A próxima fase descrita pelo autor é a “Diversificação”, compreendida entre 7 e 25 anos de profissão. De acordo com Antunes (2010)

Neste momento, o docente deseja estar distante de todos os procedimentos que o levem a uma postura rígida. Ele quer buscar, questionar e reinventar muitos aspectos de seu cotidiano, apresentando disposição, inclusive, para modificar aspectos incoerentes da instituição escolar, em função que se sente competente e seguro para fazê-lo. (ANTUNES, 2010, p. 20)

A fase de “Diversificação” é caracterizada pela invenção, diversificação nas práticas pedagógicas, da busca pelo novo e pelo diferente. Nessa fase, o professor busca novas formas de ensinar, inovando suas práticas diárias através da busca por metodologias novas e inovadoras. A última fase descrita por Hubermann (1992, p. 47) é a de “Serenidade e distanciamento afetivo” entre os 25 e 35 anos de exercício no magistério, descrito por Antunes (2010, p. 21-22) “quando o professor começa progressivamente a desinvestir-se da profissão, tornando-se mais tolerante e compreensivo em sala de aula”.

As fases descritas pelo autor Hubermann (1992) constituem o desenvolvimento profissional do professor. Dessa maneira, esse processo possui etapas definidas, mas que dependem da história de vida de cada profissional. Assim, existem momentos do desenvolvimento profissional que são particulares, porém outros que são coletivos, vivenciados por todos os professores.

Nessa investigação, a professora colaboradora relatou em vários momentos as suas dificuldades em definir as melhores formas e metodologias em alfabetizar. Seu início de carreira foi difícil e árduo, pois não tinha nenhum apoio e outras professoras que pudessem compartilhar suas experiências a fim de constituir uma prática mais coerente. Vânia relata

que, após algum tempo de magistério, ocorria as reuniões mensais na SMEd onde reuniam-se professoras das escolas municipais rurais do município de Santa Maria, com o objetivo de conversar e compartilhar suas experiências na escola. Foi assim que a professora foi concebendo sua forma de alfabetizar, conforme nos relata no excerto abaixo.

Eu fui concebendo a minha forma de alfabetizar dessa forma, pegando um pouquinho de cada professor, um pouquinho de cada cartilha, um pouquinho de cada coisa. Daí eles falavam muito em vocês tem que trabalhar a realidade, vocês não podem usar a cartilha que tem o caju é bom, porque a criança não sabe o que que é caju, a jaca porque não sabem o que que é a jaca. Ai surgiu uma idéia das professoras da zona rural de formarem uma cartilha e eu participei desses encontros para a elaboração dessa cartilha, que era a cartilha João-de-barro. Ali sim, me ascendeu uma luz de como começar. Baseada na realidade. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Farias (2010) pesquisou em sua dissertação de mestrado denominada “O que duas professoras que atuaram no ensino rural têm para nos contar? Lembranças de vida, histórias sobre alfabetização e trajetórias pessoais e profissionais”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM histórias de vida de duas professoras alfabetizadoras da zona rural do município de Santa Maria/RS. Em seus achados de pesquisa, através de relatos de uma das professoras participantes¹³ da investigação, encontra a grande dificuldade que os professores da escola rural tinham em elaborar atividades que partissem da realidade social do aluno da zona rural. Nos encontros que aconteciam na SMEd debatiam e compartilhavam suas angústias sobre a falta de materiais pedagógicos que fossem direcionados para essa realidade. Nesses momentos, foram incitadas possibilidades de construir uma cartilha direcionada para o ensino no meio rural (FARIAS, 2010). Dessa maneira, foi criada em 1986 a cartilha “João-de-Barro”, que foi advinda das reuniões que aconteciam entre os professores rurais, em virtude das suas necessidades locais.

Do processo inicial de elaboração até a finalização, a cartilha foi avaliada e analisada por inúmeras vezes, indo e retornando a Porto Alegre/RS, por onde passou por uma Comissão de Avaliação. A Cartilha então, ao final desta caminhada, recebeu Parecer favorável da Unidade de Pesquisa, Supervisão e Orientação Educacionais, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Reuniões periódicas com os professores(as) do meio rural foram acontecendo constantemente, a fim de estabelecer uma aproximação com a realidade e perceber a real demanda pela qual estes professores(as) estavam passando (FARIAS, 2010, p. 127).

[...] foi assim que, nas parcerias estabelecidas entre colegas professores e o apoio na Secretaria Municipal, através da Secretária de Educação, Prof^ª. Onileda Maria

¹³ Professora Cleusa Alves Denardin que, conforme Farias (2010, p. 122), “atuou como docente, como orientadora educacional e também como supervisora do ensino rural, da SMEd do município”.

Denardin Visentini, do Prefeito Municipal Sr. Dr. José Haidar Farret e das demais autoridades e professores envolvidos, que no dia Dez de Julho 127 de Mil Novecentos e Oitenta e Seis (10/07/1986), às 10h30min, foi então realizada a Cerimônia Oficial de lançamento da Cartilha “João-de-Barro”[...]. (FARIAS, 2010, p. 126-127)

Essa iniciativa resultou na construção de um material com textos, palavras e atividades próprias para a realidade da zona rural, proporcionando aos professores e alunos o contato com coisas que lhe eram familiares, com o intuito de partir disso para a aprendizagem dentro da escola.



Figura 21 – Capa da Cartilha João-de-Barro.

Fonte: site do GEPFICA. Disponível em: www.ufsm.br/gepfica

Em seus escritos do relato autobiográfico, professora Vânia rememora a construção dessa cartilha.

Nós começamos a pesquisar palavras de uso comum às crianças rurais. A ideia era montar uma cartilha sem palavras desconhecidas. Foi elaborada a cartilha “João-de-Barro”. Era uma cartilha escrita a mão, com letra cursiva e as palavras chaves eram de vocabulário comum a zona rural. Eu achei uma maravilha. Tudo foi melhor. Cada aluno recebeu um exemplar. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

É nas tramas do dia-a-dia que o professor constrói-se e constrói juntamente suas práticas. Comarú; Oliveira (2011, p. 29) comentam que “é na medida em que este se depara com as mais inusitadas situações, que passa a ocorrer o processo de construção, desconstrução e reconstrução pessoal e profissional”, ou seja, as práticas, o cotidiano escolar, os contatos interpessoais estabelecidos dentro da escola são necessários para a construção do profissional.

Além disso, os mesmos autores destacam que “Será mais coeso concretizar a função de docente, na medida em que o professor possa vivenciar, conscientemente, o sentido que o seu trabalho tem para si próprio” (Ibid., p. 29).

Os processos formativos vivenciados pela professora Vânia tiveram influências significativas na constituição da concepção sobre os processos de leitura e escrita e foram fundamentais para a sua formação como alfabetizadora, bem como suas lembranças de escola na fase de sua alfabetização. Nesse sentido, quando questionada sobre o momento que construiu sua concepção sobre esse processo, Vânia nos diz que

da forma como eu me alfabetizei, da didática que eu tive da alfabetização lá no magistério, quando eu fiz a didática da alfabetização lá no magistério, que quando eu fiz a didática da alfabetização lá no Olavo Bilac, eu enxergava as minhas aulas que eu tive na primeira série, isso eu tenho a nítida certeza. Depois eu fiz o curso de pedagogia, Didática da Alfabetização, mesmo sendo uma metodologia moderna, livros novos, novos autores, uma jovem professora, bem jovem, mais jovem que eu, caímos na mesma situação: partir do que a criança sabe, partir do que a criança conhece. E é isso que eu faço até hoje, então eu acho que é influencia de toda a minha caminhada, mas isso aí eu puxo, eu acho que a criança tem que partir do que ela sabe. Eu acredito que é influencia de tudo: dos cursos que eu fiz, da experiência que eu tenho com alfabetização, das minhas coordenadoras pedagógicas, dos cursos que eu fiz (magistério e pedagogia). É um todo. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

Dessa maneira, sua experiência de 11 anos como alfabetizadora permitiu a Vânia concluir o crédito que seus momentos formativos exercem na sua prática pedagógica, como também as práticas vivenciadas durante todos esses anos. Comarú; Oliveira (2011) colaboram nesse sentido.

É justamente o exercício de sua profissão e as trocas constantes com o meio que possibilitarão o maior aprimoramento pessoal e profissional do professor, uma vez que se aprende com as vivências do dia a dia, seja com seus pares, alunos e familiares, bem como com os demais agentes desse processo. (COMARÚ; OLIVEIRA, 2011, p. 30)

É perceptível que as trajetórias vivenciadas pela professora Vânia influenciaram a atual concepção que a mesma tem sobre o processo de leitura e escrita, trajetórias essas vividas nos processos formativos, como também na sua vida particular, já que “toda pessoa é única, a partir de sua subjetividade peculiar” (COMARÚ; OLIVEIRA 2011, p. 30).

3.4 Significados atribuídos pela professora Vânia ao processo de leitura e escrita: anos de experiências, concepções encaminhadas

A alfabetização esteve presente por muitos anos na vida profissional da professora colaboradora dessa pesquisa. Sua trajetória dentro da profissão docente foi construída ao passo em que o tempo corria. Suas práticas e metodologias foram sendo ajustadas conforme o momento histórico e as suas experiências positivas tanto em sua vida profissional quanto pessoal.

Suas experiências pessoais foram, por um lado, determinantes na maneira de Vânia enxergar o processo de leitura e escrita. Sua história de vida encaminhou sua maneira de ser alfabetizadora dentro da escola rural. Por vários momentos de nossos encontros a mesma relatou sobre a valorização do meio rural, salientando que alfabetiza a partir das vivências de seus alunos nesse contexto. Percebi que isso se deve muito pela valorização dada por ela a sua própria história que foi muito difícil e sacrificada.

Eu como alfabetizadora, eu sempre procurei trabalhar coisas daqui, do meio, porque eu acho que isso é importante. Eu sempre achei muito importante eles saberem que uma dúzia é a dúzia de ovos que eles colhem, que ele põe na caixinha e leva pra vender pra vizinha ou na feira. Sempre procurei trabalhar com coisas bem da realidade deles. O nome da fruta que nós temos aqui. Se tu pegar uma cartilha tem o caju, tem a jaca, sabe, mas nós temos frutas nossas, o que que tem na tua casa? No teu pomar? Tem laranja? Tem bergamota? Tem caqui? Tem pêra?” (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2011, professora Vânia).

Percebe-se, pelo enxerto colocado acima, a preocupação da professora Vânia em valorizar o espaço rural nas práticas diárias como alfabetizadora. Espaço que sempre foi deixado de lado pela maioria das pessoas e considerado pobre em cultura por aqueles que vivem nas grandes cidades. Freire; Macedo (2011, p. 79) trazem que “os alunos devem alfabetizar-se quanto às próprias histórias, a experiências e à cultura de seu meio ambiente imediato”, meio que necessita ser valorizado para pensar em uma alfabetização que faça sentido para quem está aprendendo a ler a palavra escrita.

Ainda em Freire; Macedo (2011, p. 83) “Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever” o mundo, isto é, ter a experiência de mudar o mundo e de estar em contato com o mundo”, e, por essa razão, acredito que as práticas de alfabetização devam partir da história, do meio, da posição, da cultura que cada um está imerso.

Saber ler o mundo, antes de ler a palavra, saber o valor que a escrita tem na sociedade em que vivemos e saber utilizá-la para a comunicação diária são questões que começaram a emergir no Brasil na segunda metade dos anos 80. Conforme Soares (2000, p. 16), é nesse período que surge no vocabulário a palavra “Letramento”¹⁴, pela necessidade de se dominar novos fenômenos que estavam sendo discutidos nessa época, em suas palavras “O que explica o surgimento recente dessa palavra? Novas palavras são criadas (ou as velhas dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos”.

Logo, o termo “Letramento” surgiu pela necessidade crescente de diferenciar pessoas que eram alfabetizadas, mas, no entanto, não sabiam fazer uso da escrita no contexto onde estavam inseridas. Soares (2000) e Guedes-Pinto (2002) nos trazem muito bem essa questão.

Só recentemente passamos a enfrentar essa nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente- daí o recente surgimento do termo **letramento** [...]. (SOARES, 2000, p.20, **grifo da autora**)

Passou a ser importante para as agências financiadoras de programas de educação ter acesso a informações sobre como os sujeitos fazem uso de suas aprendizagens de leitura e escrita. Ou seja, a forma de utilização dessa tecnologia (ler e escrever), aprendida geralmente na escola, torna-se fundamental para se poder pensar em propostas para o planejamento e implementação de políticas de educação. Assim, os estudos sobre letramento, vieram também para esclarecer essa nova necessidade surgida no campo da pesquisa,[...]. (GUEDES-PINTO, 2002, p. 35)

Como exemplo da contribuição dos estudos sobre Letramento, posso destacar aqui o Programa de Formação Continuada de professores das séries iniciais do ensino fundamental-PRÓ-LETRAMENTO na área de alfabetização e linguagem que busca, através do curso de formação continuada, consolidar estudos e práticas sobre letramento junto aos professores que se encontram atuando em classes de alfabetização, buscando desenvolver nesses profissionais a conscientização da importância das práticas de leitura que seus alunos desenvolvem fora do contexto escolar e das novas exigências que estão sendo cobradas deles quanto à leitura e escrita.

Além disso, Maciel; Lúcio (2008) trazem em suas palavras a relação existente entre alfabetização e letramento para Soares (2006).

¹⁴ Conforme Soares (2000, p. 15) o termo Letramento foi utilizado pela primeira vez no livro de Mary Kato 1986.

Soares afirma que, para entrar e viver nesse mundo do conhecimento o aprendiz necessita de dois passaportes (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento. (MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 14)

Nesse viés, não basta saber codificar e decodificar as letras, e sim saber utilizar a escrita em qualquer contexto que o indivíduo esteja inserido, entender a mensagem que está escrita, interpretar os diversos gêneros textuais disponíveis no mundo letrado. É necessário, portanto, entender essa mensagem e não considerá-la apenas como uma técnica mecânica de escrever as letras para assim formar um texto, mas saber comunicar-se com o meio através dessa escrita. Soares (2000, p. 21) menciona que

Quanto à mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita em nosso país- da mera aquisição da “tecnologia” do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo **letramento** ao lado do termo **alfabetização**- um fato que sinaliza bem essa mudança, embora de maneira tímida, é a alteração do critério utilizado pelo Censo para verificar o número de analfabetos e alfabetizados: durante muito tempo, considerava-se analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome; nas últimas décadas, é a resposta à pergunta “sabe ler e escrever um bilhete simples?” que define se o indivíduo é analfabeto ou alfabetizado. (SOARES, 2000, p. 21, **grifo da autora**)

Como já referido anteriormente, é na década de 80 que surge pela primeira vez o termo Letramento e isso traz novas exigências às crianças, adolescentes ou adultos em período de alfabetização. A partir de então, não bastava escrever apenas o nome, mas sim interpretar um bilhete simples, demonstrando que sabe fazer uso dessa escrita. Destaco aqui que, alfabetização e letramento são processos que devem caminhar juntos, possibilitando ao indivíduo oportunidades de contato com as diversas práticas de leitura que fazem parte do seu cotidiano, considerando que a alfabetização deve ser vista como “um processo mais amplo e contínuo, considerando a escrita como uma ferramenta social, cuja presença e função ultrapassam os limites da escola; um processo que se inicia antes mesmo de a criança ingressar na escola” (DIAS, 2011, p.9).

Em sua prática alfabetizadora, professora Vânia respeita e salienta a diferença entre os alunos que estão em escolas da zona urbana, aqueles que se encontram na escola rural onde leciona, ou seja, respeita as práticas de leitura que seus alunos têm fora da escola, trazendo-as para dentro dela. Em um dos nossos encontros contribuí na questão da falta de acesso ao mundo letrado que muitas crianças da zona rural estão submetidas, à precariedade de contato

dessa criança, às várias possibilidades que a escrita assume na sociedade, à estreita relação que assumem com a cultura escrita.

A criança, ela tem um contato muito pequeno com o mundo da leitura e da escrita, é um contato mínimo, dá pra se dizer, porque ele assiste televisão, mas ele não tem jornal, ele não tem revista, ele não vai ao mercado, ele não conhece o shopping, ele não vai a uma lojinha. Então eu acho que o vocabulário dele é mais restrito, então sempre que eu trabalhei com alfabetização, eu procurei valorizar a bagagem que aquela criança já traz. Sempre naquele sentido, o que que a criança rural nos traz mais? É o nome de animais, o nome de lugares, brincadeiras, nome de pessoas [...]. (Encontro de Aproximação, dia 05 de julho de 2011, professora Vânia)

Nesse sentido, o professor alfabetizador deve ter a sensibilidade, o “*insigth*¹⁵”, de trazer para dentro da sala de aula as vivências que o aluno tem fora dela, oportunizando as crianças um aprendizado mais significativo, partindo daquilo que eles vivem e convivem no âmbito rural, para assim saberem fazer uso dessa escrita nos vários momentos de suas vidas fora da escola.

As crianças pequenas, bem antes de desenharem e traçarem letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, lêem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida, apenas escrevem o que já aprenderam a dizer. Qualquer processo de alfabetização deve integrar essa realidade histórica e social, utilizá-la metodicamente para incitar os alunos a exercerem, tão sistematicamente quanto possível, sua oralidade, [...]. (FREIRE; CAMPOS, 2001, p.1)

No decorrer do primeiro encontro com a Professora Vânia, percebi seu compromisso com a escola rural, com o meio e com a comunidade que dá vida a esse espaço. Nesse viés, é que ela atua desde o ano de 1983 como alfabetizadora em uma escola rural, procurando valorizar e dar oportunidades aos alunos de conhecerem a história do local onde nasceram e residem até os dias atuais.

Ainda, conforme Freire (1977, p. 47) “bastaria que reconhecêssemos o homem como um ser de permanentes relações com o mundo, que ele transforma através de seu trabalho, para que o percebêssemos como um ser que conhece, ainda que este conhecimento se dê em níveis diferentes”, das outras pessoas, mais especificamente, daqueles alunos que estão nas escolas urbanas. Paulo Freire (1977), educador engajado com a educação popular, traz muitas contribuições em suas excelentes obras sobre a educação. Em “Extensão ou Comunicação?”, obra publicada no ano de 1977, o autor coloca que “No processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o

¹⁵ Termo usado na Psicologia. Quer dizer: ideia, sacada.

que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-aprendido a situações existenciais concretas” (FREIRE, 1977, p. 27- 28), e para aplicar o aprendido em situações concretas é necessário que o professor parta também de coisas concretas vividas/vivenciadas pelos alunos.

Professora Vânia nos trouxe também a sua grande preocupação com o conhecimento, por parte dos alunos, da história de seu distrito, da sua escola, das atividades culturais que acontecem no espaço rural desse distrito:

Em primeiro lugar eles têm que valorizar o meio em que eles vivem, pra valorizar eles tem que conhecer, então eu trabalho muito, muito o conhecimento da vida dele aqui. Como é que surgiu essa escola, como é que ela era, quem foi que doou a terra, onde é que se buscava a água, quando não tinha água encanada, como que era quando não tinha luz, quando não tinha banheiro, então isso assim eu procuro muito, muito trabalhar com eles. A tua chácara [...] mas de quem era essa chácara? Era do teu avô? Teu avô criou teu pai ali? Quando teu pai era pequeno, como é que era? Quando que ele ia para a escola? Qual era a igreja que tinha? Isso eu procuro trabalhar muito com ele. (Encontro de Aproximação, dia 05 de julho de 2011, professora Vânia).

A importância do conhecimento dessa história, de onde cada aluno veio, como foi construído aquilo que hoje está pronto a sua frente, são preocupações muito presentes na prática como professora da colaboradora dessa pesquisa. No entanto, é necessário ressaltar que as concepções atribuídas pela professora ao processo de leitura e escrita foram construídas com o passar dos anos, com suas experiências positivas quanto à alfabetização e à oportunidade que foi lhe dada em assumir uma classe seriada. Conforme ela, “*eu fui descobrindo a capacidade da criança na fase da alfabetização, 11 anos depois, porque na classe multisseriada eu não conseguia ver toda capacidade de uma criança aos sete anos de idade*” (professora Vânia, Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011). Nesse sentido, professora Vânia, com o passar dos anos na sua profissão, foi delineando sua prática, suas concepções sobre as diversas dimensões envolvidas no ato de alfabetizar, reconsiderando suas maneiras de ensinar e consolidando suas formas de enxergar o ser humano na sua amplitude.

CAPITULO 4 - APRENDER A SER PROFESSOR: EXERCÍCIO QUE SE APERFEIÇA COM O TEMPO

Ao coletar as informações desta pesquisa, fui percebendo a intensidade da vivência que a colaboradora da investigação possui em relação ao distrito de São Valentin/RS. A sensação que tomou conta de mim durante a coleta de informações foi de que a professora colaboradora dessa investigação nasceu e viveu durante toda sua vida no nesse distrito. Suas palavras, suas escritas, suas atitudes e comportamentos dentro da comunidade e da escola José Paim de Oliveira tornam fascinantes o seu comprometimento e o seu pertencimento ao distrito e ao espaço escolar que há tantos anos professora Vânia leciona. Essa categoria surgiu justamente por essas questões, questões que ficaram aparentes no período de coleta de informações e que, julgo importantes e relevantes para a escrita dessa dissertação, no sentido de dar suporte à resposta do problema de pesquisa proposto anteriormente e para que os objetivos dessa pesquisa, respeitando a metodologia da mesma, sejam alcançados.

As questões que serão apresentadas nessa seção foram explicitadas pela professora Vânia seguidamente ao longo de nossos encontros e entrevistas, através das observações realizadas por mim, na relação que a mesma estabelece com os alunos, colegas de trabalho e com a comunidade. Por esse motivo, acredito ser pertinente e necessário trazê-las nesse trabalho, a fim de contribuir nessa pesquisa. Destaco aqui um dos objetivos propostos na justificativa desse trabalho: Identificar os significados que a leitura e a escrita representam para uma professora do ensino rural com experiência em classe de alfabetização, que abarca não somente o momento em que a concepção sobre o processo de leitura e escrita foi formada, mas tentar compreender, através da história de vida da professora participante, de que maneira esses significados foram construídos ao longo de sua trajetória pessoal e profissional.

A colaboradora dessa investigação, desde sua formação inicial em sua carreira docente, atuou no meio rural. Suas experiências positivas e negativas, seus saberes sobre a profissão, suas práticas relevantes e importantes para o tornar-se professora, tiveram início no ano de 1983, quando vai até a SMEd de Santa Maria/RS em busca de seu primeiro contato como professora com a escola. Professora Vânia construiu (e continua a construir) o seu “eu professora” nesse meio que, desde então, faz parte de sua vida pessoal e profissional. Seu início de carreira foi difícil, sem muitas condições físicas e econômicas na localidade, que na

época, ainda era denominada colônia Conceição. As palavras escritas abaixo expressam a dificuldade que ela teve em seu início no exercício do magistério.

Eu dava um conteúdo e não sabia dar exercícios de revisão. Em pouco tempo eu tinha dado toda a cartilha para o 1º ano. O desespero apareceu. Eu não sabia o que fazer. Todos os dias eu dava a mesma coisa para o 1º ano. Era BA, BE, BI, BO, BU e LA [...] todos os dias. (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)
Quando eu vim pra cá, eu vim sem orientação, então eu passei bastante trabalho e eu acredito que as crianças que passaram por mim também. Eu pensava assim “bah, tenho que ensinar a ler”, como eu não sabia direito, eu tinha terminado de fazer o magistério eu lembro perfeitamente que no primeiro ano de trabalho, quando chegou lá por abril ou maio, eu me parecia que eu não tinha mais nada pra trabalhar com as crianças, porque eu dava uma letra do alfabeto por dia e eu não sabia como fixar aquilo dali, eu dei as letras do alfabeto, dei os encontros vocálicos, dei as sílabas e fiquei ali no BA-BE-BI-BO-BU e não sabia como fixar. Como que eu ia chegar numa palavra assim ó AMBULÂNCIA, com tudo aquilo. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

O começo da carreira como docente da Professora Vânia foi difícil porque não tinha experiência nenhuma na escola e, também, pela distância que a localidade em que atuava tinha do centro da cidade. Sem ter com quem conversar sobre seus anseios, dúvidas e inquietações ela agia de acordo com a cartilha que guiava sua prática pedagógica. Antunes (2011, p. 43) salienta que “a prática docente desenvolvida na sala de aula é resultante não só dos conhecimentos adquiridos através do ingresso na licenciatura, mas também na trajetória de vida e do saber da experiência”, que possibilita ao professor determinar suas concepções sobre a melhor maneira de ensinar.

Após algum tempo, Vânia é informada de que teriam reuniões mensais na SMEd para as professoras rurais, com vistas a orientar o trabalho delas. Esse trabalho em grupo foi muito valioso, pois foi a partir dele que ela conseguiu orientar-se no seu trabalho. Assim, foi durante 3 (três) anos de sua carreira. O trabalho em grupo conferia à Vânia a segurança de estar no caminho certo.

Como sua principal responsabilidade era alfabetizar, Vânia entra para um grupo de alfabetização na SMEd que realizava reuniões de estudos, a fim de oferecer suporte às professoras alfabetizadoras rurais para alfabetizarem seus alunos. Foi nesse momento que o grupo de professores resolveu criar a cartilha João-de-Barro, com vistas à construção de um material que partisse da realidade local do município de Santa Maria/RS. Também, foi nesse momento que professora Vânia começa a construir seu jeito de ensinar, as suas maneiras de conceber o conhecimento e os seus alunos.

Ascendeu-me uma luz de como começar. Baseada na realidade. Eu tinha um grupo de crianças, do 1º, do 2º, do 3º, do 4º e do 5º, eu comecei a trabalhar com alguma coisa que eles trouxessem de casa, mas é claro que isso não foi uma idéia que veio de mim, isso foi idéia que vinha do grupo. Bom, amanhã a professora quer que vocês tragam alguma coisa de casa que a mãe fez [...] isso sempre foi uma das coisas que veio em mim, uma coisa que alguém fez em casa. Tragam pra nós escrever, pra nós começar dali. Nós vamos trabalhar a letra F, todos vocês devem trazer um objeto, um presentinho, um brinquedo, uma comida que a mãe fez que vai a letra F. Cada coisa que eles traziam, cada novidade, a gente ia criando, criando histórias, criava livrinhos, depois a gente começou a formar a nossa própria cartilha, tinha aquele lugarzinho que a gente registrava todas as novidades que traziam, as mães iam pegando gosto por aquilo ali e começavam a mandar. Tinha uma senhora que costurava muito bem, muitas vezes ela mandou uma coisinha que ela mesma fez, um enfeite de cabelo, um guardanapo, uma toalinha para deixar no colégio e a gente ia escrevendo. E a nossa cartilha passou a ser criada por nós. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Nesse sentido, Professora Vânia utilizava-se de coisas que seus alunos traziam de casa e, também, da própria história do distrito de São Valentim/RS para a aprendizagem de seus alunos. Com relação a isso Dias; Soares (2012, p.3) nos trazem a questão da valorização dos bens patrimoniais que servem de ponto de partida para a Professora Vânia. Conforme os autores, “A educação patrimonial consiste em uma metodologia que viabiliza a aprendizagem a partir dos bens culturais, e a conservação dos mesmos através de sua valorização”, explorando os costumes, objetos e a própria história de cada localidade para a aprendizagem dentro da escola. Vânia, como já mencionado anteriormente, muitas vezes realizou atividades com seus alunos sobre a história do distrito, bem como visitou lugares que fazem parte desse distrito com eles. Muitas vezes, durante nossos encontros, utilizou-se da fala: “para valorizar é preciso conhecer”, justificando a sua metodologia de ensino, que parte sempre do conhecimento e da valorização do aluno pela história da localidade onde cada um vive. Em “Educação Patrimonial no município de Itaara/RS: Resgate do patrimônio cultural e inserção do tema no currículo escolar”, trabalho realizado por Guilherme Dias e André Luis R. Soares, os autores apresentam um projeto realizado no município de Itaara/RS com professores a fim de experienciar a educação patrimonial. Através desse projeto foi possível aos autores constatar que “As pessoas não preservam por que não conhecem” (DIAS; SOARES, 2012, p 7).

É ao encontro dessa questão que a professora colaboradora dessa pesquisa atua, partindo dos bens da localidade do distrito de São Valentim/RS para a aprendizagem dos seus alunos. Como prova disso, podemos citar seu envolvimento com a publicação do livro “Resgate histórico de uma comunidade rural” que, como já mencionado anteriormente, foi construído juntamente com a comunidade, professores e alunos da escola José Paim de Oliveira. Essa atitude mostra o seu engajamento com o distrito que faz parte e a sua

metodologia de ensino. Respeitando o que já nos disse Freire; Macedo (2011, p. 83-84), “A leitura do mundo precede mesmo a leitura da palavra. Os alfabetizados precisam compreender o mundo, o que implica falar a respeito do mundo”, é que professora Vânia atua na escola rural, sempre na perspectiva de que, para ensinar, é necessário partir das vivências que seus alunos trazem de fora para dentro da escola.

Eu considero e respeito, essa diferença e isso influencia muito, porque a criança de periferia, que é com quem eu trabalho também, ele tem outro conhecimento, ele tem outra leitura de mundo. Inclusive palavras, com Y, W com K, a criança de periferia conhece muito mais, porque ela entra no mercadinho, entra numa lojinha, ela vai na lan-house, ela tem esse contato. E lá fora ele não tem, parece uma bobagem, parece uma besteira, mas nem os nomes das crianças são escritos com essas letras. Ontem começou um trabalho sobre identidade. Nós temos crianças, da minha sala, eu não soube de nenhum ontem que conhecesse a certidão de nascimento, tinha 16 alunos na sala, nenhum conhecia. Então eu tenho que considerar isso aí, essa criança não sabe o nome do vô, ele sabe que tem vô, sabe que tem vô, “mas que é teu avô?”- “meu vô é o vô Chico”- “mas como é o nome do Vô Chico?”, fomos lá na certidão buscar. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, professora Vânia)

A leitura de mundo no qual se refere Vânia corresponde às práticas de leitura que acontecem fora da escola. Essas práticas são respeitadas por ela no sentido de ensinar as crianças a partir de suas vivências no meio onde vivem. É nesse ponto que o letramento e as considerações do educador Paulo Freire encontram-se. Ensinar a partir da realidade do aluno para que ele tenha a possibilidade de fazer uso das práticas de leitura que acontecem no meio onde está inserido. A partir do excerto retirado da entrevista com a professora Vânia, podemos constatar o seu comprometimento com o ensino partindo das vivências trazidas pelos alunos para que depois os mesmos possam fazer uso do conhecimento adquirido através desse ensino fora do contexto escolar.

Posso dizer que a professora Vânia alfabetiza letrando, pois em sua prática como alfabetizadora considera a dimensão que abrange o ato de saber ler e escrever. Maciel; Lúcio (2008, p. 16) já traziam que “Trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento é, [...], uma opção política”, na medida em que traz para dentro da escola as possibilidades das práticas de leitura e escrita que estão fora dela. Nesse contexto, o aluno estaria aprendendo realmente a fazer uso do sistema de leitura e escrita, com vistas a formar um cidadão crítico na sociedade em que vivemos.

O ato de ensinar a ler e a escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas. Ciente da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a

assumir uma póstuma política que envolve o conhecimento e o domínio do que vai ensinar. (MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 16)

Nesse sentido, a alfabetização e o letramento unificam-se, a fim de possibilitar ao sujeito fazer uso do ato de ler e escrever, vistos como uma tecnologia, para a sua inserção nas relações sociais e permite o envolvimento do sujeito como cidadão na sociedade. A prática alfabetizadora de Vânia foi sendo construída a partir de sua vivência com o grupo de estudo da SMEd, juntamente com suas vivências e práticas iniciais dentro da escola. Um dos pontos que ela ressaltou foi a dificuldade em construir uma prática coerente quando se esta lecionando em uma turma multisseriada. Foi após 11 anos de atuação nessa turma, que ela teve a oportunidade de mudar-se de escola (em virtude da Nuclearização, portanto o fechamento da escola João Codem) e assumir uma turma apenas com alunos da 1ª série.

Depois eu saí da Codem, fui pra lá, fazia 11 anos que eu trabalhava aqui, e eu disse: "bom, agora eu vou ser uma professora feliz e realizada, eu vou dar aula pra uma turma só, e eu vou conseguir dar o melhor de mim". Em 94 eu peguei a 1ª série, aí eu pensava assim "agora vou ter que colocar em prática tudo que eu aprendi, tudo que eu sofri com aquelas crianças, fiz elas sofrer, e vou alfabetizar com toda dedicação que eu queria". Eu tinha uma criança que tava pronta pra ler, mas eu não podia dar aula só pra ela porque eu tinha do 2º do 3º do 4º e do 5º, peguei uma turma só de 1ª série, não lembro com quantos alunos, mas eu lembro os alunos [...] guria de deus, era um monte de criança só na primeira, mas eu pensava "não, vou começar a montar a cartilha com eles, eu não vou pegar outra cartilha" aí pegava aquele monte de cartilha que vinha, e sempre montando, partindo das palavras deles, montando, montando [...] fazia um livro até o final do ano. Resultado: eu fui descobrindo a capacidade da criança na fase da alfabetização, 11 anos depois, porque na classe multisseriada eu não conseguia ver toda capacidade de uma criança aos sete anos de idade. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

As memórias da professora Vânia me oportunizam o conhecimento sobre suas angústias com relação a como alfabetizar. Apenas depois de 11 anos de prática pedagógica, juntamente com suas vivências com seus ex-alunos foi que ela conseguiu delinear uma prática que possibilitasse aos seus alunos estarem alfabetizados. Somente nesse período, compreendeu a alfabetização de verdade e, mesmo sem falar e nem mesmo saber, levava em consideração as práticas de leitura e escrita (letramento) e o contexto onde a criança estava inserida para a aprendizagem dentro da sala de aula, como bem menciona Dias (2011, p. 15) "é preciso dar a elas a oportunidade de ler e escrever a palavra do seu mundo, no seu tempo e lugar, e não a palavra da escola".

Compreendemos que, para alfabetizar letrando, é preciso que o professor assuma certas posturas, de modo que a prática pedagógica seja conduzida no sentido de viabilizar a formação de um sujeito que não apenas decodifica/codifica o código

escrito, mas que exerça a escrita nas diversas situações sociais que lhe são demandadas. Assim, cabe ao professor realizar o trabalho de aquisição da tecnologia da escrita, somado à interação com diferentes textos escritos, bem como criar situações de aprendizagem que se aproximem do uso real da escrita fora da escola. O modo como o professor conduz o seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira certas habilidades que lhe permitirão o uso efetivo de ler e escrever. (MACIEL; LÚCIO, 2008, p. 32)

As práticas de Vânia, suas concepções sobre o processo de leitura e escrita e sobre a maneira que o conhecimento é construído por cada aluno, caminham na direção do respeito e da sensibilidade que a mesma tem em compreender a importância do meio para a aprendizagem de cada aluno. Em suas práticas, Vânia realiza uma releitura do material pedagógico (cartilha), tão utilizado para a alfabetização em períodos remotos, ressignificando-o a fim de alfabetizar seus alunos na perspectiva do letramento. No entanto, isso foi um processo longo que só pode ser construído a partir de suas vivências e experiências positivas e negativas dentro de uma turma multisseriada. Conforme Farias (2010)

Até 1990, o ensino rural em Santa Maria oferecia turmas multisseriadas de 1ª a 4ª série, distribuídas em mais de 100 escolas. A partir da década de 90, o ensino modificou-se e passou a ser marcado pelas políticas públicas de nuclearização. (FARIAS, 2010, p. 28)

A dissertação de mestrado de Farias (2010) teve como uma de suas colaboradoras a professora Irene Fernandes que participou ativamente da construção do projeto piloto de Nuclearização de Escolas na Zona Rural de Santa Maria/RS. No ano de 1990, foi criada a primeira Escola Núcleo do município de Santa Maria (SANTOS, 1993) e alguns dos motivos pelo qual implantou-se o projeto foi: “o isolamento e as condições precárias de funcionamento da maioria das escolas unidocentes, isso levava a evasão escolar, a reprovação e a conseqüente insatisfação da população com a escola rural” (SANTOS, 1993, p. 67).

Anteriormente à implementação desse projeto, as turmas nas escolas rurais eram únicas, compreendendo em uma única turma alunos de várias séries escolares. Isso, de acordo com a professora Vânia, prejudicava a aprendizagem e também não lhe permitia perceber com atenção como o conhecimento era construído por seus alunos. Essas turmas eram denominadas de classes multisseriadas, em que havia alunos de 1ª a 4ª série e um único professor para ministrar aula. Foi em uma turma como essa que professora Vânia começou seu exercício de magistério. Além disso, a professora era única na escola, assumindo o lugar de diretora, supervisora, professora e merendeira, atribuindo à mesma pessoa uma sobrecarga de responsabilidades que eram difíceis de serem contempladas.

Conforme notícia posta por Fátima Schenini no Portal do Professor, as classes multisseriadas não são exclusividade do Brasil. Outros países também adotaram essa estrutura a fim de “permitir que a população das áreas rurais tenha acesso à educação, já que a baixa densidade demográfica nessas áreas e o conseqüente baixo número de alunos inviabiliza a criação de turmas voltadas ao atendimento de séries ou anos específicos” (SCHENINI, 2012). A maioria das escolas rurais brasileiras adota essa estrutura de ensino, justamente pela baixa população que ocupa esses espaços escolares. Notícia publicada por Chamarelli (2012) no Portal do Professor afirma que as classes multisseriadas prevalecem nas escolas que se localizam no campo.

Há um grande desafio em atuar nas classes multisseriadas pela sobrecarga de trabalho que é conferida ao professor. Nelas é necessário que o professor direcione sua atenção, não apenas para um nível de ensino, mas sim para vários, já que existem diversas séries em uma só turma. Por esse motivo, suas concepções e práticas sobre a alfabetização só puderam ser efetivadas quando Vânia assume uma turma seriada, em que sua principal atividade seria em alfabetizar seus alunos. Sua atenção direcionava-se apenas para uma série e foi assim que ela conseguiu realizar-se como alfabetizadora.

Vale ressaltar que, em um panorama geral, conforme citação retirada do material “A educação no Brasil Rural”, (PINTO et al, 2006) as turmas multisseriadas não foram eliminadas no resto do Brasil na década de 90.

Quanto ao tipo de organização dessas escolas, o Censo Escolar 2002 mostrou que 64% daquelas que oferecem o ensino fundamental de 1ª a 4ª série são formadas, exclusivamente, por turmas multisseriadas ou unidocentes. Essas escolas atendem 1.751.201 alunos, resultando em turmas com, aproximadamente, 27 alunos. Essas turmas têm um único professor que ministra o conteúdo relativo às quatro séries iniciais do ensino fundamental. (PINTO et al, 2006, p. 28)

Nota-se, pelos índices expostos, que no Brasil a maioria das escolas rurais, no ano de 2002, ainda encontrava-se na estrutura de turmas multisseriadas, situação que, em Santa Maria/ RS, foi superada na década de 90. Apesar disso, em agosto de 2011, professora Vânia, após retornar as férias de inverno, é surpreendida na escola quando é informada de que as turmas multisseriadas estavam de volta. Novamente, teria que lidar com alunos que estavam em séries diferentes, tendo que reestruturar sua prática. A explicação para tal atitude foi de que o número de alunos da escola rural estava diminuindo e que seria necessário, portanto, voltar à antiga estrutura. Essa situação, que atualmente professora Vânia está vivenciando em sua carreira, está exigindo da mesma o retorno as suas práticas iniciais, de quando ela

alfabetizava em turmas com alunos que se encontravam em diferenciadas séries na mesma turma.

Eu por exemplo agora em agosto, fui pega de surpresa, porque eu peguei uma classe que tem alunos que precisam ser alfabetizados, no meu grupo de 16 eu tenho 6 alunos não alfabetizados, esses 6 tem que fazer trabalho diferenciado, tem uns que já reconhecem o alfabeto, tem uns que lêem sílabas e palavras simples e têm aqueles que não reconhece nada. Então, eu não desmereço de nenhuma forma alguma prática anterior, eu to recorrendo a elas, porque o que é principal são essas crianças aprenderem a ler. (Entrevista, dia 16 de setembro de 2011, Vânia)

O retorno das classes multisseriadas na escola José Paim de Oliveira exigiu de Vânia uma reorganização na sua atividade alfabetizadora, já que sua responsabilidade está em atender todas as séries que compõem sua turma atualmente. Hoje, Vânia recorre às práticas utilizadas no seu início de carreira quando lecionava em uma classe multisseriada, que foram apreendidas em virtude do seu empenho e dedicação, já que seu curso formador jamais tinha lhe preparado para atender uma turma com diversas séries e, nem mesmo, para atuar em escolas rurais.

CAPÍTULO 5- EDUCADOR E ENSINO RURAL: UMA RELAÇÃO DE AFETO

Através da História de Vida da professora Vânia foi possível perceber a relação de afeto e comprometimento que ela tem com a comunidade na qual faz parte. Durante toda sua carreira docente, teve que lidar com os desafios que iram surgindo na sua caminhada profissional. Porém, o que mais me impressionou durante essa caminhada (que através dos nossos encontros, entrevista e relato autobiográfico ela quis compartilhar) foi a sua persistência em continuar nesse caminho, que era repleto de obstáculos, dificuldades e precariedades. Essa categoria de análise, que agora exponho aqui nesse capítulo, surge pelo encantamento que tive com sua História de Vida, com a maneira com o qual professora Vânia construiu a educadora que ela é hoje.

Em um de nossos Encontros de Aproximação a colaboradora dessa pesquisa trouxe através de suas memórias a história de formação do distrito de São Valentim/RS. Esse, que antes de ser distrito era comunidade rural, foi reordenado, como já mencionado em outro capítulo desse trabalho, e formado o distrito no ano de 1995/1996.

Esse distrito aqui [...] quando eu comecei a conhecer esse distrito ele ainda não era distrito. Isso aqui era localidade da colônia Conceição que pertencia a Boca do Monte. Então tinha a colônia Conceição, a Toniolo, o Alto das Palmeiras, tudo isso pertencia ao distrito Boca do Monte. Daí depois com o passar dos anos, eu acredito que em 95/96 talvez, foi criada uma associação da comunidade (colônia Conceição e Toniolo) com o objetivo de tentar criar um distrito aqui. Então essa associação comunitária que começou a agilizar, foi uma união dessas duas comunidades. Daí como a sede do Boca do Monte é longe, e a gente ficava sem assistência, então surgiu essa associação para mobilizar assistência para esse lugar. Daí surgiu, como foram emancipados alguns lugares de Santa Maria, São Martinho da Serra, Itaara, Dilermando e Silveira Martins, foram criados novos distritos pra substituir esses e um desses é São Valentim. O processo de distrito quem agilizou foi essa associação e participou. Daí o que que aconteceu? Daí quando saiu o distrito de São Valentim. (Encontro de Aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Conforme relato de Vânia, a necessidade de reorganização das colônias Toniolo e Conceição deram-se principalmente pela falta de atenção e atendimento às pessoas que ali residiam. Como essas colônias pertenciam a outro distrito, denominado Boca do Monte/RS, onde a sede era longe das terras das colônias, os moradores se mobilizaram e formaram uma associação a fim de lutar pelo reconhecimento daquelas terras e de sua história.

Vânia fez parte dessa luta. Luta pelo reconhecimento daquele lugar, fato que contribuiu para o sentimento de pertencimento a esse distrito ser tão intenso a ponto de constituir sua prática pedagógica. Acredito que sua participação nessa causa tenha sido uma aliada a sua prática como professora e ao seu papel como tal. Conhecer a história desse distrito e valorizá-la está intrínseco à prática da mesma e acredito que isso ocorra exatamente pela sua participação ativa na formação desse distrito.

O pertencimento ao lugar foi um elemento presente durante nossos encontros e em suas falas que agora compõem esse trabalho. O afeto que Vânia tem com os moradores, com seus alunos e com a escola José Paim de Oliveira reafirmam o amor e a sua satisfação com o território de São Valentim/RS.

É justamente esse envolvimento com a história de formação do distrito que permite a ela o fortalecimento do sentimento de pertencimento, pois amamos somente aquilo que nos é permitido conhecer. Pelas dificuldades que o ensino rural apresenta percebo que a educadora precisa identificar-se com essa realidade para permanecer ali, caso contrário ela não permaneceria. Acredito que não é possível trabalhar como educadora em um lugar onde não há desejo e amor em permanecer. Ninguém consegue iludir-se por muito tempo, se você permanece em um espaço é porque ele faz sentido para você. No caso da colaboradora dessa pesquisa, senti um duplo efeito: para ela faz sentido ser educadora no meio rural e para a comunidade faz sentido que ela permaneça.

Nesse momento, percebo a necessidade de apresentar nesse trabalho de dissertação a questão da territorialidade. Essa que não se limita ao espaço geográfico, torna-se de suma importância para levantar algumas questões que acredito ser pertinentes para esse estudo. Território aqui é entendido não apenas como “matéria ou idéia; espaço concreto, imaginação. É integração, interação entre as dimensões sociais e entre estas e a natureza exterior ao homem” (SAQUET, 2009, p. 214), interação essa que é vivida pelas pessoas que compõem o cenário de uma dada localidade.

Na realidade trazida nesse trabalho, o distrito de São Valentim/RS, o território é construído pelas pessoas que nele vivem pelas relações que se estabelecem em diferentes lugares. Vânia vive e trabalha nesse distrito desde sua inserção no magistério. Como já proferido anteriormente, a história desse distrito e a história de vida de professora Vânia muitas vezes se entrelaçam, demonstrando o seu pertencimento a essa localidade. Também, através da pesquisa de campo realizada para a escritura desse relatório de pesquisa percebi o comprometimento ético que Vânia assume com seus alunos e não só com eles, mas com as

pessoas que compõem a comunidade de São Valentim/RS. Freire (1996) já chamava a atenção nesse sentido quando escreve que:

Gostaria, [...], de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. (FREIRE, 1996, p. 15)

As palavras expostas pelo autor Paulo Freire (1996) colaboram na questão do compromisso ético que o professor deve assumir na sua prática educativa. Acredito que um dos elementos mais importantes nessa questão é o professor não esquecer que está formando seres humanos, ensinando as coisas certas, instruindo pessoas que buscam na escola as condições para viver na sociedade que formamos e que vivemos. Como ser humano, através do tempo que tive de convivência com a colaboradora dessa investigação, tive a felicidade de encontrar essa pessoa maravilhosa, que instrui, educa, conduz seus alunos assumindo o seu compromisso ético e reflexivo como professora.

Vânia nasceu e viveu no município sede de Santa Maria/RS até seus 18 anos, no entanto, através de suas palavras podemos perceber o sentimento de pertencimento a São Valentim/RS.

Depois a escola fechou, fui lá pra José Paim, comigo foram todas as documentações da escola, foram alguns alunos, as famílias continuaram as mesmas, de convivência, só entraram outras, mas eu fui e foram comigo aquelas que fazem parte da história. São coisas que me fizeram me apegar aquela comunidade, eu me vi como um ser que fazia parte da formação daquela comunidade e tudo é muito natural ali dentro, tudo é muito natural, eu sou professora da comunidade, mas é tudo muito de igual para igual, eu não sou tratada diferente, não tenho nada de diferente, eu vou em todos os eventos deles ali, eu vou em todas as coisas, na vizinhança, eles frequentam a minha casa, é falecimento, é casamento de um ex-aluno, é formatura de um ex-aluno, é o batizado do filho de um aluno, então é tudo muito natural e eu não tive mais vontade de sair. (Encontro de Aproximação, dia 14 de julho de 2011, professora Vânia)

As palavras colocadas acima trazem a responsabilidade que Vânia tinha com sua primeira escola de atuação (escola João Codem), pois ela era responsável por todos os setores dessa escola, inclusive as documentações dos alunos que lá estudavam ficaram sobre o encargo dela quando a João Codem fecha em virtude da nuclearização das escolas rurais. Também, traz alguns elementos que nos ajudam a entender o seu comprometimento e engajamento até os dias de hoje com a escola rural. A proximidade que ela tem com seus alunos e com as famílias deles, o tratamento dessas pessoas junto a ela fazem-na sentir a

sensação de pertencimento a esse lugar. Lá eles compartilham momentos felizes e tristes, momentos que extrapolam os muros da escola José Paim de Oliveira.



Figura 22 – Momentos de professora Vânia com seus alunos da escola João Codem.
Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Vânia

Ser professora do ensino rural para Vânia ultrapassa as paredes escolares e vai muito além de transmitir conteúdos técnicos aos seus alunos. Educar, para ela, exige comprometimento com a comunidade no qual ela e a escola estão inseridas. Conferimos essa questão no excerto abaixo, retirado de um de nossos encontros.

Eu como professora e também como eu vi outras professoras, eu acho assim que é uma pessoa de muita confiança, de muito crédito, de muita responsabilidade. Ser professor pra mim é uma das coisas que marca uma personalidade. Qualquer coisa que eu for fazer antes eu lembro que eu sou professora. Em qualquer lugar, não no sentido de que tu sabe mais, mas no sentido de atitudes que eu for tomar, de palavras que eu for dizer, de postura. Eu sempre lembro que eu sou uma professora. E que a professora ela é uma pessoa assim ó, principalmente na zona rural, ela é acreditada e isso eu valorizo muito. Eu tenho muito compromisso com a comunidade, que eu sou uma professora da comunidade. E tu é vista assim, não adianta. Tu vai na missa, o padre já olha e diz assim: “e a professora, o que que tem pra nos dizer?” Ai tu vai no chá do dia das mães e dizem assim: “ah vamos pedir para a professora ler a mensagem”. Eu acho que a gente tem um compromisso muito grande da comunidade, se não é pra eu ter esse compromisso eu não seria professora. (Encontro de Aproximação, dia 5 de julho de 2010, professora Vânia)

Ser “acreditada”, conforme Vânia menciona, faz-me pensar que para a maioria dos responsáveis das crianças que vão à escola, a figura do professor passa a responsabilidade de educar e transformar aquelas crianças em cidadãos que saibam ler e escrever, que tenham a educação que eles não conseguem dar em casa, já que a grande maioria de seus pais são pessoas pobres e sem estudos. Ser professor exige de Vânia uma postura séria, comprometida com aquela comunidade no qual faz parte há anos. É como se fossem todos da mesma família, em que as preocupações fossem compartilhadas por todos dentro da escola.

Por essa razão, a afetividade e a coerência do exemplo se tornam muito presente nas relações que se estabelecem dentro da escola. Os professores preocupam-se com os alunos a ponto de irem até as casas de seus familiares para saberem notícias. Acredito que isso se deva ao sentimento de pertencimento que Vânia tem com o distrito de São Valentim/RS. A afetividade está presente no espaço escolar e isso é observável quando vamos até a escola. Vários autores dedicam-se a essa temática por acreditarem que ela é companheira na prática educativa.

A base que sustenta as aprendizagens feitas pelas crianças é a relação afetiva que se cria entre elas e o professor. Nesse sentido, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil. É necessário aproveitar todas as situações de interação que habitualmente se estabelecem entre a criança e o professor para motivá-la a atuar, a assumir novos caminhos, a relacionar-se, a colocar as suas dúvidas e a buscar soluções. (ANTUNES et al, 2005, p. 16)

Nesse sentido, a afetividade presente nas práticas de professora Vânia é uma aliada à aprendizagem dos alunos. Sem falar que, para muitos, é a única relação de afeto que eles têm. Acredito que a presença da afetividade não só na sala de aula de Vânia, como também como um todo na escola, preenche muitas vezes um vazio que existe em muitos alunos que ali estão e contribui de maneira significativa na aprendizagem escolar dos mesmos.

Como já mencionava Paulo Freire (1996) em uma de suas obras denominada “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”, ensinar exige certas posturas e ações dos professores para que a educação se dê de uma forma que o educando aprenda e dê sentido aquilo que aprende, considerando que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22).

Ensinar, para Vânia, exige uma postura de respeito às pessoas que compõem a comunidade, assim como respeito às vivências que seus alunos trazem de fora da escola.

Freire (1996, p. 30) nos traz que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e é nessa perspectiva que Vânia atua na escola rural.

Sua ativa participação nos eventos da comunidade de São Valentim/RS condiz com suas práticas diárias dentro da sala de aula, pois Vânia atua valorizando sempre a história desse distrito, procurando realizar um trabalho com seus alunos de valorização desse espaço, de conhecimento sobre ele. A exemplo disso, posso apresentar aqui o seu envolvimento com a construção do material “Resgate histórico de uma comunidade rural” e na Festa da Carreteada. Essa festa é em homenagem aos carreteiros que percorriam as estradas do atual distrito. Vânia nos fala um pouco sobre isso.

Daí quando foi criado esse distrito, tem 10 anos já, a gente precisava conhecer [...]. Tinha que ter uma história o distrito, o que que queria se saber, como que surgiu essa localidade aqui, o que que deu origem a colônia Conceição e a colônia Toniolo que seriam a sede desse distrito. Então se começou uma pesquisa pra ver o que que era feito aqui antigamente, da onde veio esse povo. Daí o que que era isso aqui era uma estrada de passagem, passavam aqui os carreteiros que vinham lá de São Gabriel que vinham por aqui, que vinham de Dilermando de lá e o ponto de encontro era ali naquela capela bege e ali tem um monumento aos carreteiros. Isso foi descoberto, que na década de 50/60 o que acontecia aqui era essa viagem. E ali no armazém, na esquina, que é a sub-prefeitura, era o encontro desses carreteiros, a pousada dos Toniolos que eram chamados. Daí o que que aconteceu [...] a comunidade em si foi agilizada pela associação que convidou a escola para fazer a primeira festa dos carreteiros, que era um resgate (Encontro de aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia).

A gente já tinha certeza de que a fonte econômica que deu origem a essas comunidades eram as carreteadas, isso nós tínhamos certeza. Daí nós começamos com a escola, fazer visitas a essas famílias de filhos, de descendentes, de netos, de ex carreteiros que ainda viviam, a gente começou a fazer essas visitas, buscar informações, o roteiro, o material, as quintandas que eles vendiam, dos sacrifícios que eles passavam, enfim [...] tudo né, a gente foi coletando e anotando. (Encontro de aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Com a reorganização das colônias, estabelecendo o distrito de São Valentim/RS, surge a necessidade de deixar registrada a história que deu origem a essa localidade. Nessa época, foi realizado o trabalho já exposto na metodologia desse trabalho “Resgate Histórico de uma comunidade rural”, com o objetivo de deixar registrada a história desse distrito, através de depoimentos dos antigos moradores do mesmo, conforme informação de Vânia que consta no excerto retirado de um de nossos encontros de aproximação exposto acima. Também, através da solicitação feita pela associação de moradores, a escola José Paim de Oliveira foi convidada a participar da Festa da Carreteada, festa em homenagem aos carreteiros que fizeram parte da história do distrito. Até os dias atuais, essa festa acontece (de 2 em 2 anos) e, inclusive, é divulgada pelos meios de comunicação do município de Santa Maria/RS.



Figura 23 – Vânia cozinhando na Festa da Carreteada
 Fonte: Arquivo pessoal da Prof^a. Vânia

Para Freire (1996, p. 34), “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, no sentido de mostrar aos seus alunos o valor daquele lugar, lugar de origem da maioria deles. A prática da professora Vânia, como já ressaltai em outro momento desse trabalho, parte sempre da história do distrito, dos artefatos trazidos pelos alunos de casa, pela história de cada um deles. Todas as questões levantadas aqui me conduzem ao encontro da obra de Freire (1996, p. 41), que mais uma vez contribui expondo que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”, propiciando dessa maneira a construção de um ser humano pleno e consciente da sua origem e do seu valor no mundo.

Então o que eu tenho pra te dizer é assim, da história: o que a gente quer manter vivo, quando eu falo a gente, eu e o grupo de professoras da zona rural, nós fazemos questão de manter isso na criança, porque a gente acredita que eles conhecendo essa história, eles vão ter mais amor, mais respeito, mais entendimento pela comunidade que eles vivem. A gente prega isso, porque acredita nisso. Porque eu acho assim, e acredito que tenha muitas colegas que pensam assim também, virar as costas para o teu passado, para aquilo que foi construído, é a mesma coisa que tu quebrar, vai romper uma parte da tua história. Eu acho bonito a criança, o jovem, que conhece a sua história. (Encontro de aproximação, dia 27 de julho de 2011, professora Vânia)

Através de suas palavras, percebemos a importância do autoconhecimento pelo aluno da escola José Paim de Oliveira. Digo autoconhecimento por acreditar que, ter conhecimento da história do seu lugar de pertencimento é saber sobre si e sobre seus antepassados. Essas questões são muito valorizadas pela escola, sendo respeitadas e trabalhadas dentro das salas de aulas pelas professoras regentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse trabalho de dissertação intitulado “As concepções sobre o processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora do meio rural” busquei responder, pela História de Vida da professora colaboradora, o seguinte problema de pesquisa: “Quais as concepções sobre o processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora da zona rural?”

Durante os quatro anos de participação no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização – GEPFICA – e os dois anos de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria foi possível perceber a importância da discussão que envolve a área Formação de Professores. Isso porque considero essa área central quando almejamos uma educação de melhor qualidade. Acredito fielmente que uma melhor formação para o educador brasileiro transforma os altos índices de analfabetismo, por exemplo, em índices capazes de mostrar que todos os cidadãos brasileiros estão sendo verdadeiramente alfabetizados.

Através da História de Vida da professora Vânia, figura no qual colaborou para o desenvolvimento dessa investigação, das suas lembranças de infância, dos seus processos formativos, da sua caminhada dentro do distrito de São Valentim/RS e das escolas inseridas nesse meio encontrei uma educadora que sofreu com os obstáculos que a vida colocou a sua frente, as dificuldades encontradas por ela para construir uma prática pedagógica capaz de transformar o ser humano em um cidadão crítico e reflexivo.

Essas dificuldades foram sendo superadas e, com isso, suas concepções sobre o processo de leitura e escrita foram sendo construídas graças as suas experiências e vivências dentro das escolas que lecionou no meio rural. “Investigar as concepções de uma professora do ensino rural sobre o processo de leitura e escrita” foi o objetivo geral desse trabalho, sendo o foco para o desenvolvimento dessa investigação.

“Identificar os significados que a leitura e a escrita representam para uma professora do ensino rural com experiência em classe de alfabetização” foi um dos objetivos específicos desse trabalho. Durante o capítulo denominado “As concepções da professora sobre o processo de leitura e escrita” expus os achados de pesquisa referentes ao objetivo específico exposto anteriormente. Vânia, através de nossos encontros e de seu relato autobiográfico, demonstrou que considera esse processo como uma “certa magia”, em que tudo que acontece

ao redor da criança influencia positiva ou negativamente para a eficácia da alfabetização, mas apresentando uma concepção libertadora, crítica e reflexiva dos processos de ensinar/aprender ler e escrever vinculada aos estudos de Paulo Freire no que se refere à amorosidade, corporeificação pelo exemplo, instaurando uma prática humanizadora e contextualizada.

Outro objetivo específico foi: “Conhecer qual/quais foram os momentos vivenciados nos processos formativos que a professora construiu a concepção sobre o processo de leitura e escrita”. Nesse viés, professora Vânia demonstrou sua ampla dificuldade em seu início de carreira como alfabetizadora na zona rural, pois não tinha experiência nenhuma e, nem mesmo, formação para atuar em escolas rurais. Contudo, foi construindo suas concepções com o passar do tempo e, através de suas experiências e vivências, estruturou sua prática e sua forma de considerar o processo de leitura e escrita.

Acredito ser importante para o encerramento desse trabalho, apresentar uma das escritas da professora Vânia que demonstra sua dedicação e o seu envolvimento com seus educandos, no sentido da intensa responsabilidade que lhe é conferida pela comunidade de São Valentim/RS.

Na escola rural recebemos crianças espertas, educadas, com princípios, com base para iniciar o processo da leitura e da escrita. Estas crianças geralmente são saudáveis, tem acompanhamento familiar e lêem bem no prazo máximo de dois anos. Estas são as crianças ideais. Se por acaso tiverem alguma dificuldade, algum problema a família irá procurar recurso e tudo se resolve. Por outro lado recebemos crianças apáticas, envergonhadas, sem convívio social, algumas vezes não sabem nem o nome dos pais. O que elas trazem é uma grande expectativa, elas e a família. Para estas pessoas a escola é vista como a possibilidade de salvação. É a escola que vai educar, ensinar e descobrir os caminhos. São de famílias humildes, sem informações, sem oportunidades de convívio com outras realidades. Elas são rurais e muitas vezes “excluídas”, elas cuidam de cavalos e lidam no campo. Para elas isto basta. [...] Recebemos também, com estas crianças uma grande responsabilidade, que vai além do trabalho escolar. Se uma criança, deste grupo, precisar de atendimento especializado, da área da educação, saúde, etc., fica muito difícil da família colaborar, daí a escola esbarra numa grande barreira que muitas vezes impossibilita o sucesso do trabalho da escola. Daí surgem números que contribuem para as estatísticas da reprovação. Estas são situações que nos entristecem e nos intrigam. Onde estão os tratamentos especializados para a zona rural? (Relato Autobiográfico escrito, professora Vânia)

A escrita de Vânia nos traz sua preocupação com o ensino da zona rural. Ensino que é carente de “tratamentos especializados” que, conforme ela, impede a permanência de algumas crianças na escola. Além disso, através dessa escrita, também é notável a responsabilidade social que a escola tem com as crianças que vão até ela. Muitas vezes, é somente nesse espaço que essas crianças têm os cuidados necessários para um ser humano ter suas necessidades básicas atendidas. Souza (2011) contribui nesse sentido.

Reconhece-se que as áreas rurais, por conta dos complexos processos de urbanização, foram historicamente colocadas à margem das políticas educacionais, fato que contribuiu para que a população que habita o meio rural não tivesse acesso a um processo educativo que considerasse as suas especificidades.(SOUZA, 2011, P. 157)

O processo de urbanização contribuiu no sentido de deixar à margem as escolas rurais. Essa questão, para Vânia, prejudica a permanência das crianças na escola, contribuindo para os altos índices de evasão escolar no meio rural.

Não posso deixar de trazer aqui uma frase utilizada pela professora Vânia no decorrer dos nossos encontros: “Eu sou professora da comunidade.” Através dessa expressão de Vânia e de seu relato exposto acima, posso dizer que seu papel está muito além de ensinar as letras do alfabeto, as sílabas, a formação das palavras, como também permitir as crianças uma vida saudável, uma vida digna e que, conhecendo a história de seus antepassados, valorize o espaço rural que é menosprezado por tantas pessoas e pelo poder público.

REFERÊNCIAS

ABRHÃO, M. H. M. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. SOUZA, E.C. ABRAHÃO, M.H.M.(orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.149 a 170.

ALMEIDA, S.B. **Somente para ti**. Porto Alegre: Pallotti, 1999.

ANTUNES, H. S. Processos de formação e memória docente. In **Ciclos de vida: pessoal e profissional na trajetória docente**. MACHADO, A. D. et al. [orgs.].Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, 2004.

_____. Imaginário social e formação inicial de professores: tecendo relações entre teorias e práticas educativas. In **Trajétoria docente: o encontro da teoria com a prática**. ANTUNES, H. S. (org.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005, p. 19 a 32.

_____. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. In **Educação/ Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, vol. 7, n. 2 (1982)- Santa Maria**, 1982, p. 81 a p. 95. (Vol. 32, n. 1 (2007))

_____. Lembranças escolares de professoras alfabetizadoras: possibilidades de reflexão na formação de professores. In: **Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos**. BARCELOS, V. ANTUNES, H.S. (orgs). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 30 a 49.

_____. **Ser aluna e ser professora: um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011.

BAGLI, P. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. . In **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. [orgs.]. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 81- 110.

BARCELOS, V. SILVA, I. S. Leituras e escritas reais...escrituras imaginárias: repensando o lugar da leitura e da escrita na educação. In: **Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos**. BARCELOS, V. ANTUNES, H.S. (orgs). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 149 a 173.

BERNARDELLI, M. L. F. H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. . In **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. [orgs.]. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 33-52.

BOGDAN, R. C. BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**, 4ed. Porto: Porto, 1994.

BÓSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BREGUNCI, M. das G. de. **Construtivismo: grandes e pequenas dúvidas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Ceale, 2009. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. In **Anais do XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural**, Natal, agosto, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm>>. Acesso em: 20 de jul. 2010.

CASTELAN, D. de L. C. Apresentação. In **São Valentim: carretas e carreteiros**. SANTOS, J. A. P. [org.]. Projeto Oficina de pesquisa e criatividade em história. Santa Maria: UFSM-Prograd, 2002, p. 1 a 1.

CHAMERELLI, R. **Classes multisseriadas são maioria no campo**. Ed. 9. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=231>>. Acesso em: 02 de jan. de 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

COMARÚ, P. do A. OLIVEIRA, A. F. de. A construção do ser professor nas trajetórias formativas: ressignificações pertinentes. In **Processos e práticas na formação de professores: caminhos possíveis**. Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet (et. al.) (orgs.). Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. Campinas/SP: Papyrus, 1989.

CURRÍCULO LATTES. ANTUNES, H. S. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/6804330341401151>>. Acesso em: 4 de jan. de 2012.

DIAS, M. **509-e**. Disponível em: < <http://letras.terra.com.br/509-e/206235/>>. Acesso em: 13 de out. de 2010.

DIAS, C. M. S. Alfabetização na educação infantil e no 1º ano do ensino fundamental: antigas e novas narrativas. In **Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos**. BARCELOS, V. ANTUNES, H.S. (orgs). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 9 a 29.

DIAS, G. SOARES, A. L. R. **Educação Patrimonial e Educação Popular: um viés possível**. Disponível em: <http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/TExtos/nep2.pdf>. Acesso em: 02 de jan. de 2012.

_____. **Educação Patrimonial no Município de Itaara: Resgate do Patrimônio Cultural e inserção do tema no currículo escolar**. IX Cidade Revelada-m Encontro sobre Patrimônio Cultural. I Fórum Nacional de Conselhos de Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/nep/download/TExtos/COM-10.pdf>>. Acesso em: 02 de jan. de 2012.

ENDLICH, A. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. [orgs.]. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 11- 32.

ESTEVE, J. M. **O mal estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FARIAS, G. F. **O que duas professora que atuaram no ensino rural tem para nos contar? Lembranças de Vida, Histórias sobre Alfabetização e Trajetórias Pessoais e Profissionais**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Santa Maria Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria: UFSM, 2010.

FELLER, E. L. **Processos formativos e ciclo de vida de uma professora alfabetizadora**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Santa Maria Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria: UFSM, 2008.

FERREIRO, E. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzales (et. al.), 24. ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

FRADE, I.C.A.S. Apresentação. In: **Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos**. BARCELOS, V. ANTUNES, H.S. (orgs). Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 7 a 8.

_____. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. In **Revista do Centro de Educação**, v. 32, n. 1. Universidade Federal de Santa Maria, 2007, p. 11 a 20.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. MACEDO, D. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GATTI, B. ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:** teoria e prática. WELLER, W. PFAFF, N. (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 29 a 38.

GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO INICIAL, CONTINUADA E ALFABETIZAÇÃO. Disponível em: <www.ufsm.br/gepfica>. Acesso em: 01 de dez. de 2011.

GUEDES-PINTO, A. L. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora:** a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Memórias de leitura e formação de professores.** GUEDES-PINTO, A.L. SILVA, L.C.B. GOMES, G. G. (orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

HUBERMANN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In **Vidas de professores.** NÓVOA, A. [org.]. Porto: Porto, 1992, p. 31 a 62.

ISAIA, S. M. A. **Repercussão dos sentimentos e das condições no fazer pedagógico de professores de 3º e 4º graus:** produção de conhecimento e qualidade de ensino. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

LEITE, Y.U.F. GHEDIN, E. ALMEIDA, M. I. **Formação de professores:** caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

MACEDO, R.S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Livro Editora, 2006.

MACHADO, A. D. et al. **Ciclos de vida pessoal e profissional na trajetória docente**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, 2004.

MACIEL, F. I. P. LÚCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Maria Lúcia Castanheira, Francisca Isabel Pereira Maciel, Raquel Márcia Fontes Martins (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editor: Ceale, 2008. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula)

MINAYO, M. C. de S.O desafio da pesquisa social. In **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. DERLANDES, S. F. GOMES, R. MINAYO, M. C. de S. (orgs.). 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 9 a 29.

MIZUKAMI, M.G.N. et al. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigações e formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

MOREIRA, R. J. Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. In **Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo**, MOREIRA, R. J. [org.]. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 15 a 40.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. NÓVOA, A. FINGER, M. (orgs.). São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, V. F. **Imaginário social e escola de segundo grau**. Ijuí: Ed. Da UNIJUÍ, 1997. [Coleção Livros de Bolsa].

PASSEGGI, M. C. et al. Formação e pesquisa autobiográfica. In **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. SOUZA, E. C. [org.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 257 a 268.

PÉREZ, C. L. V. Alfabetização: um conceito em movimento. In **Alfabetização: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes**. Regina Leite Garcia (org.). São Paulo: Cortez, 2008, p. 178 a 201.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINTO, J. M. R. et al. O desafio da educação do campo. In **A educação no Brasil Rural**. BOF, A. M. [org.]. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 13 a 46.

PORTAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br/>>. Acesso em: 4 de jan. de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Disponível em: < <http://www.santamaria.rs.gov.br/rural/70-distritos>> Acesso em: 13 de out. de 2011.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola José Paim de Oliveira, 2011.

ROCHA, V. F. [org.] **Resgate Histórico de uma Comunidade Rural**. Prefeitura Municipal de Santa Maria, Secretaria de Município de Educação, Escola Municipal José Paim de Oliveira, 2002.

SANTOS, I. F. **Escola Núcleo como alternativa para a Educação Rural**: uma análise sócio-histórica de uma experiência pedagógica no Município de Santa Maria - RS. 1993. 158p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.

SAQUET, M. A. Reterritorialização e identidade. In **Tradição versus tecnologia**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. MEDEIROS, V. M. M. FALCADE, I. [orgs.]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 211 a 224.

SCHENINI, F. **Classes multisseriadas são adotadas em vários países**. Ed. 35. Disponível em: < <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=1022>>. Acesso em: 02 de jan. de 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. , 2.reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, E.C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. SOUZA, E.C. ABRAHÃO, M.H.M.(orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p.135 a 147.

_____. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan/abr. 2006. Disponível em: <<http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2010.

_____. **Sujeitos e práticas pedagógicas nas escolas rurais da Bahia:** ações educativas e territórios de formação. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.1, p.156 a 169, 2011.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. SZYMANSKI, H. (org). ALMEIDA, L.R. PRANDINI, R.C.A.R. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró- reitoria de graduação e pesquisa. **ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:** MDT. 7 ed. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2010, 72 p.

ANEXOS

Anexo A – Autorização para uso do verdadeiro nome



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu, Vânia Fontoura Rocha, RG nº 8024858949, autorizo o uso de meu verdadeiro nome no trabalho de dissertação intitulado "As concepções do processo de leitura e escrita de uma professora alfabetizadora do meio rural" sob autoria de Cinthia Cardona de Ávila e orientação de Helenise Sangoi Antunes.

A handwritten signature in black ink, reading "Vânia Fontoura Rocha", is written over a horizontal line.

Vânia Fontoura Rocha

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do trabalho: AS CONCEPÇÕES SOBRE O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA DO MEIO RURAL

Pesquisadora responsável: Prof^a Dr^a Helenise Sangoi Antunes

Autora: Cíntia Cardona de Ávila

Instituição/Departamento: PPGE/CE/UFSM

Número de registro no Gabinete de Projetos do Centro de Educação: 028068

Telefone para contato: (55) 9168-1954

Endereço: CE/UFSM – sala 3332^a

Essa pesquisa, a ser realizada com uma professora rural do município de Santa Maria/RS, tem como objetivo conhecer, através da história de vida de sua participante, quais são as concepções que essa tem sobre o processo de leitura e escrita. Além disso, saber em quais momentos do seu processo formativo foram construídas essas concepções e quais os significados que elas exercem para/na a sua prática pedagógica.

Para isso, a participante participará através de relatos autobiográficos escritos e de uma entrevista semi-estruturada. Serão solicitadas fotografias vinculadas a profissão para contribuir para a pesquisa, com a autorização da participante da investigação.

Depois de realizadas e transcritas as entrevistas, o conteúdo destas será entregue à participante para revisão e possível alteração, inclusão ou exclusão do que considerar necessário. Além disso, as informações coletadas ao longo dessa pesquisa serão armazenadas na sala 3332^a do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

As informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para essa pesquisa, sendo acessadas somente pela pesquisadora e pela autora e estará sob responsabilidade, apenas, das mesmas para responderem por eventual extravio ou vazamento de informações confidenciais. O anonimato dos sujeitos envolvidos será

preservado em qualquer circunstância, o que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem desta pesquisa.

A participante pode deixar de participar do estudo se assim desejar, a qualquer momento, sem que disso advenha algum prejuízo. Não haverá dano moral ou risco, no entanto, em se tratando de História de Vida algumas lembranças poderão acarretar desconforto e a autora estará sensível a essas questões podendo encerrar a entrevista se assim for da vontade da entrevistada. A pesquisa não acarretará custos ou despesas à sua sujeita, resultando na livre e espontânea vontade de participar da pesquisa. Os possíveis benefícios para a professora está no valor formativo/autoformativo da realização dos relatos, nos quais o sujeito, ao recordar fatos para narrá-los, pensa novamente, podendo atribuir novos sentidos e significados a essas experiências e refletir também sobre seus saberes e representação imaginárias que foram construídos na suas experiências individuais e coletivas ao longo de suas trajetórias docentes. Além disso, traz contribuições para a história docente do ensino rural do município de Santa Maria/RS.

Os resultados encontrados nesse estudo serão publicados em revistas indexadas na Área da Educação e/ou divulgados em eventos que abarque as questões problemáticas na investigação.

Em caso de necessidade de algum esclarecimento ou para cessar a participação no estudo, a autora estará disponível pelo telefone (55) 9168-1954, a qualquer momento.

Eu, Vaníia Fontoura Rocha, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li, tendo ficado claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade ou prejuízo.



Vaníia Fontoura Rocha

Assinatura da participante da pesquisa

8024858949

nº de identidade

Anexo C – Carta de Comprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria

 <p style="text-align: center;">MINISTÉRIO DA SAÚDE Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)</p>	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM REGISTRO CONEP: 243</p> 
---	--

CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:

Título: As concepções sobre o processo de leitura e escrita dos professores do ensino rural

Número do processo: 23081.019253/2010-80

CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 0337.0.243.000-10

Pesquisador Responsável: Helenise Sangoi Antunes

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê. O pesquisador deve apresentar ao CEP:

Abril de 2012 Relatório final

Os membros do CEP-UFSM não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO: 14/02/2011

Santa Maria, 15 de fevereiro de 2011.



Félix A. Antunes Soares
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa-UFSM
Registro CONEP N. 243.

Anexo D – Relato Autobiográfico

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/ PPGE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

RELATO AUTOBIOGRÁFICO

Através desse trabalho busco conhecer, pela sua história de vida, quais suas concepções sobre o processo de leitura e escrita. Além disso, saber em quais momentos dos seus processos formativos foram construídas essas concepções e quais os significados que elas exercem para/na sua prática pedagógica. Gostaria de contar com a sua participação no sentido de contar o seu relato autobiográfico. Neste relato, seria importante que contasse as suas lembranças de escola, os seus processos formativos e a sua prática docente como alfabetizadora no ensino rural.

Anexo E – Entrevista Semi-estruturada



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/ PPGE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Quais as lembranças que você tem da sua alfabetização? Você acredita que essas lembranças influenciaram na sua formação e na sua prática como alfabetizadora?
2. As concepções que você tem hoje, na sua prática diária dentro da sua sala de aula, sofrem influências de qual momento do seu processo formativo?
3. Quais os significados que o processo de leitura e escrita possuem para você, professora?
4. Há, na prática, concretude desses significados?
5. Durante seu processo formativo relate: Quais fatos que você acha que foram primordiais para a construção desses significados (figura de algum professor, vertente teórica mais coerente, práticas mais eficazes durante estágios,...)?
6. Como você atua como alfabetizadora no ensino rural? Leva em conta as diferenças culturais neste contexto?
7. Você recebeu durante a sua formação inicial subsídios teóricos-práticos para atuar como alfabetizadoras no ensino rural?
8. Você lembra de algum fato que determinou a sua escolha profissional para ser alfabetizadora no ensino rural? Ou foi somente pela oportunidade concedida pela secretaria?
9. Você tem fotos que ilustram a sua trajetória enquanto alfabetizadora do ensino rural? Quais são elas?